

Aço e Concreto

Drikka Silva





Contents

[Capitulo 01](#)

[CAPITULO 02](#)

[CAPITULO 03](#)

[CAPITULO 04](#)

[CAPITULO 05](#)

[CAPITULO 06](#)

[CAPITULO 07](#)

[CAPITULO 08](#)

[CAPITULO 09](#)

[CAPITULO 10](#)

[CAPITULO 11](#)

[CAPITULO 12](#)

[Capitulo 13](#)

[Capitulo 14](#)

[Capitulo 15](#)

[Capitulo 16](#)

[Capitulo 17](#)

[Capitulo 18](#)

[CAPITULO 19](#)

[Capitulo 20](#)

[Capitulo 21](#)

[Capitulo 22](#)

[CAPITULO 23](#)

[CAPITULO 24](#)

[Capitulo 25](#)

[Capitulo 26](#)

[Capitulo 27](#)

[Capitulo 28](#)

[Capitulo 29](#)

[Capitulo 30](#)

[Capitulo 31](#)

[CAPITULO 32](#)

[Capitulo 32](#)

[Capitulo 34](#)

[CAPITULO 34](#)

[Capitulo 36](#)

[Capitulo 37](#)

Capítulo 01

Nesta tarde foi presa uma das criminosas mais procuradas do país. Edilene Santos Silva, mais conhecida como Leona, foi detida durante uma tentativa de roubo ao Banco Central e encaminhada ao 13º DP. Leona é mantida numa cela isolada e o delegado responsável pela ação...”

“...Presa, em São Paulo, a criminosa Edilene Santos Silva, conhecida como Leona. A prisão, em flagrante, ocorreu numa tentativa frustrada de assalto ao Banco Central. A ladra foi encaminhada para o 13º DP e depois segue para a penitenciária feminina da zona norte, onde ficará à espera de julgamento...”

Carol desligou a televisão, entediada, pois os noticiários tratavam exaustivamente da prisão da tal criminosa. Desceu do beliche e, cinco passos depois, chegou à cozinha. Pegou um copo em cima

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

da mesa e antes de alcançar a geladeira, observou a paisagem do morro e avistou o pai, que tentava subir a encosta, amparado pelo colega do bar. Voltou, rapidamente, para o quarto e pegou uma sacola embaixo da cama. Pulou a janela ao lado do beliche, e desceu a viela habilmente, se desviando de estacas e pedras, que também serviam como escoras dos barrancos. Minutos depois, chegou ao bar que frequentava.

— Fala, Sapão! Beleza? — cumprimentou, sentando-se na mesa de sinuca.

— Cadê a encomenda que Paulinho mandou para você trazer pra mim?

— Tá aqui.

— Você cheirou algum? — perguntou o rapaz cujo rosto se assemelhava a um sapo, conferindo o conteúdo da sacola.

— Peguei o meu, como combinado.

— Eu vou contar. Se não tiver os 100 aqui, botarei fogo no seu barraco, com você dentro.

— Vai se fuder! Não vou dar mancada com vocês.

— É bom mesmo. Não vai pra escola, não?

— Parei. Não tô a fim de chatice.

— Tua mãe já sabe?

PERIGOSAS ACHERON

— Quero que ela se dane!

— Olha a educação, moleca! – repreendeu Sapão, dando um tapa na jovem. — Vou quebrar seus dentes se falar da tia assim!

— Quero que você se dane, também!

Carol pulou da mesa e saiu do bar. Mais adiante, entrou numa viela cheia de buracos e dejetos de esgoto, lançados a céu aberto, disputando espaço com tanques e varais de roupas. Virou um beco e bateu na porta de um barraco decrepito.

— Flavinha tá aí?

— O que você quer com minha filha?

— Quero falar com ela.

— Ela não vai andar com você mais. Vê se some daqui! – gritou uma mulher de meia idade, vestindo uma saia comprida e camiseta, próxima à porta.

— Mãe, vai tomar no cú! Você não manda em mim! – esbravejou a jovem, dentro no barraco. — Espera que eu já to indo, Carol!

Carol aguardou, encostada no barraco vizinho, enquanto mãe e filha discutiam. Alguns minutos depois, Flávia apareceu na porta, ostentando a densa cabeleira loira.

— Minha mãe tá foda! Com essa história de

PERIGOSAS NACIONAIS

igreja, ela ta ficando doida!

— Esquenta não. Mãe é um saco mesmo! Tenho um bagulho pra gente. Vamos lá pra casa. Ah, não! — lembrou-se do pai. — Não dá pra ser lá em casa, o velho chegou bêbado.

— Vamos naquela casa abandonada, lá na avenida.

— Certo!

— E a sua mãe? — inquiriu Flávia

— Deve tá lavando algum banheiro por aí. Esquece ela.

— O que você tem aí?

— Farinha.

— Onde você arrumou dinheiro?

— To fazendo uns trabalhos pro Paulinho, aí ele me dá alguma coisa.

— Se envolver com traficante é barra pesada! Toma cuidado. Usar é uma coisa, traficar é outra.

— Quem disse que eu tô vendendo? Só entrego algumas coisas na “boca” quando o Sapão não pode subir o morro. Para de ser medrosa!

— Não sou medrosa, mas já imaginou se a polícia te pega? Fundação é foda!

— Só se eu fosse uma babaca para me deixar ser presa. E não é mais Fundação, é Fundação Casa.

PERIGOSAS ACHERON

— Só muda o nome. Continua sendo foda, mas você é quem sabe...

Carol avistou a casa abandonada. Deu uma olhada ao redor, certificando-se que a área estava limpa. Pulou o portão, com Flavinha em seu encalço.

— Tem algum papel aí? — questionou, ao retirar, do bolso da calça, o saquinho com o pó branco.

— Não tenho nada... — Flávia lamentou, após conferir os bolsos do *short*. — Tem um pedaço de jornal, ali — apontou.

Carol despejou o conteúdo do pacote em cima do velho jornal, ao passo que a Flávia preparava um canudinho, usando um pedaço da folha. Separou em pequenas fileirinhas e ofereceu à amiga, para que usasse primeiro. Carol aceitou o canudinho estendido, levantou a folha e sugou uma fileira. Sentou-se ao seu lado, fungando e devolvendo a droga. Flávia repetiu os gestos da amiga.

— Ah... Que tudo — exclamou Flavinha, ao sentir os primeiros efeitos da droga.

— Nem me fala! — concordou a morena. — O que você fez ontem à noite? Vi quando você saiu com uma mulher, com pinta de ricaça, num carrão.

— Tava me vigiando? — Flavinha inquiriu, ao

PERIGOSAS NACIONAIS

limpar o nariz.

— Só quero saber.

— Tô dando um jeito de arrumar minha grana também.

— Tá se prostituindo?

— Tô arrumando dinheiro.

— Com mulher?

— Qual é? Não tem nada demais! Melhor mulher do que homem.

— Por que?

— Questões óbvias, amiga. Mulher não vai ficar enfiando um pau em mim, muito menos vai me deixar com paranoia de gravidez. Tudo o que tem que fazer é deitar com as pernas abertas e deixar que ela faça todo o trabalho.

— Que nojento!

— Não é nojento. Dá um prazer danado e, ainda por cima, ganho uma graninha. Se você quiser, te coloco na parada.

— Tô fora!

— Vai me dizer que você nunca beijou uma mulher?

— Claro que sim – mentiu Carol, de pronto, pois nunca aceitava ficar por baixo. — Só que não por dinheiro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu acho que você está mentindo...

— Quer que eu te prove?

— Quero.

Carol hesitou, por um segundo, antes de pular em cima da amiga em busca da sua boca. A estranha sensação de beijar uma mulher a pegou desprevenida. Diferente dos poucos garotos que ela já havia beijado, era uma experiência totalmente nova. Deixou-se levar pelas carícias da amiga, que tocava todo seu corpo, levando-a a provar bem mais que um beijo. Fechou os olhos, colocando um punho na boca para abafar tudo o que aquele momento proporcionava, deixando escapar gemidos de prazer.

— Se você contar pra alguém o que aconteceu aqui, Flavinha, acabo com você! — ameaçou Carol, vestindo-se.

— O que você achou?

— Nojento — mentiu. Nunca admitia nada.

— Eu sei que não foi. Eu vi como você gemeu — falou a loira, maliciosamente.

— Esquece isso e vamos embora. E boca fechada!

Carol e Flavinha pularam o muro da casa, rumo ao morro. Ao passar pelo bar ouviu a voz de Sapão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Fala aí...

— Vai lá na casa de Paulinho buscar uns bagulhos.

— O que é?

— Só vai buscar sem fazer perguntas!

Carol subiu o morro para fazer o “trabalho” e, quando estava retornando, foi surpreendida com uma invasão da polícia na favela. Eles estavam atrás de Paulinho e paravam todos para revistar. Quem não obedecia de prontidão era forçado a obedecer.

Sons de tiros começaram e ecoar pelo ar e Carol, assustada, começou a correr de volta pra casa, mas um policial a enlaçou pela cintura, fazendo com que caísse no chão, espalhando o conteúdo da sacola que levava. Várias cápsulas de balas, um revólver, pinos de cocaína e papelotes crack.

— O que temos aqui! Uma jovem traficante. Que idade você tem, menina? – perguntou o policial, colocando-a em pé.

— Tenho quatorze anos, mas isso não é meu não, seu moço.

— Eu sei que não. Levem ela daqui!

Isso foi o começo do pesadelo na vida de Carol.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPITULO 02

Quatro anos depois

28 de Novembro de 2004

Na frente da Fundação Casa, após ser conduzida por uma funcionária, Carol assistia o portão ser fechado, inerte, buscando ordenar os pensamentos, pois não sabia para onde ir. Piscou os olhos várias vezes, tentando se acostumar com a súbita claridade que invadiu sua visão. Perambulou pelas ruas do centro, procurando um ponto de ônibus, voltaria para a favela.

Passara quatro anos presa, perdendo o contato com o mundo exterior. Sua mãe lhe visitara no primeiro ano e parte do segundo, mas, depois, suas visitas começaram a se tornar escassas, até que cessaram em definitivo, antes mesmo de completar

a metade de sua dura pena. Sentia-se abandonada no mundo.

Por toda a tarde, Carol caminhou pelas ruas tentando arrumar comida e dinheiro, sendo temida por aqueles que abordava, os quais se afastavam rapidamente, vislumbrando o risco de assalto, fazendo a jovem se sentir ainda mais deslocada. Ao cair do fim da tarde, parada na frente da estação do Brás, avistou, ao longe, uma senhorinha que tentava atravessar a rua, carregando várias sacolas. Correu para ajudá-la e, como recompensa, ganhou uma passagem de trem. Já espremida entre as pessoas que lutavam por um espaço dentro do vagão, aproveitou o trajeto para repensar nos rumos que sua vida tomara. Observando as pessoas à sua volta, imaginava que retornavam para seus lares, sendo recebidas por pessoas que amavam e que estavam esperando por elas. No seu caso, lamentava seu fado, pois, com muita sorte, teria um barraco de madeira podre, um pai bêbado e uma mãe omissa para lhe receber. Começou a rezar baixinho, pedindo pela sua sorte, que pelo menos isso ainda tivesse.

A entrada da favela não havia mudado nada. Os mesmos rostos tristes, com as mesmas expressões

de desespero e angústia. Caídos nas sarjetas ao lado do bar, também estavam os mesmos bêbados de sempre, esperando a ressaca passar para recomeçar a bebedeira. Mais adiante, crianças gritavam, correndo descalças entre buracos e pedras, disputando uma partida de “pelada” com uma bola de capotão remendada. Não importavam os nomes ou os rostos, na mente de Carol, todos eram as mesmas pessoas, nada havia mudado. Retratos de uma vida amarga e cruel.

Passou pela porta do bar do Zeca e não encontrou alguém conhecido, rumou para a viela que dava acesso à subida do morro. Com dificuldade, alcançou a estradinha de pedras que levava à porta do barraco. Prendendo a respiração, bateu na porta. Uma senhora de meia-idade apareceu para atendê-la.

— Pois não?

Carol ficou estática por um momento: *quem era aquela mulher?*

— Aqui não é a casa de Matilde?

— Não meu bem, tá no lugar errado — respondeu, fazendo menção de fechar a porta.

— Não! Espere! — Carol pediu, segurando a porta, visivelmente aturdida. — Eu... Eu morava

aqui. Minha mãe morava aqui...

— Olha só, mocinha, eu não sei de nada não. Comprei esse barraco da mão do Sapão. Você conhece?

Um filme de terror começou a rodar na cabeça de Carol com a menção do nome.

— Conheço... Quer dizer... Conhecia...

A mulher fechou a porta abruptamente, sem tempo para Carol dizer mais uma palavra. À jovem restou observar o acender das luzes que margeavam a favela e a rodovia, mais adiante, congestionada e iluminada pelos faróis. Uma explosão de risos se fez ouvir numa casa próxima, ao mesmo tempo em que lágrimas começaram a rolar pela face de Carol. O desespero tomou conta da sua mente, pois toda sua família estava no interior do Pará e não sabia aonde procurar seus pais. Sem dinheiro, parentes ou amigos, sentou numa pedra e chorou pelo seu futuro: *o que faria dali em diante?*

— Acorda menina! Levanta daí! — cutucou um homem de terno e gravata.

— Hum... — Carol murmurou, levantando do chão. Dormira debaixo de uma marquise, na saída de uma garagem.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Aí não é lugar de dormir!

— Desculpe senhor, já estou saindo.

Carol levantou do chão duro, pegou sua sacola e saiu, esfregando os olhos para espantar o sono e se acostumar com a claridade. O movimento de carros já era intenso naquela hora da manhã. Andando entorpecida pelo sono, pegou o rumo da favela. Entrou na viela que dava acesso ao beco e foi bater na casa de Flavinha, sua última esperança.

— Carol?! Meu Deus! Carol! — foi recebida com um caloroso abraço.

— Oi, Flavinha...

— Amiga... Como você está?

— Esse trapo que você está vendo.

— Entra... Vem... Que saudades!

— Por que não foi me visitar?

— Você acha que minha mãe deixou? Ela teria um ataque!

— Você nunca se importou com os ataques da sua mãe... — desabafou, deixando a amiga sem graça. — Ela vai brigar se me ver aqui.

— Não vai, não. Ela tá lá no nordeste, passando uma temporada arrebanhando fiéis. Coisas da igreja dela.

— Você sabe notícias da minha mãe?

PERIGOSAS ACHERON

— Eu sei, mas não são boas. Depois que você foi presa e a polícia pegou toda a droga que você carregava, Sapão exigiu o barraco dos seus pais como pagamento. Era isso ou a morte. Eles se mudaram, alugaram um barraco aqui, mas um ano e meio depois, saíram de vez da favela. Ouvi dizer que estavam no Heliópolis.

— Que merda! Meu Deus, eu não sabia... Que merda! — levantando-se da cadeira, Carol entrava, novamente, em desespero. — O que vou fazer agora? Tenho dezoito anos e não sei o que fazer...

— A primeira coisa que você tem que fazer é tomar um banho e comer. Vou preparar alguma coisa para você.

Flavinha entrou num cômodo, fechado por uma cortina, retornando com uma criança nos braços.

— Olha, minha filha...

— Sua filha? Que idade ela tem? — Carol inquiriu, surpresa.

— Um ano e seis meses. É linda, não é?

— Quem é o pai?

— Não sei. Não me interessa. O importante é que eu sou a mãe.

— Não falou que só saia com mulher?

— Falei, mas começou a ficar chato. Resolvi

PERIGOSAS NACIONAIS

mudar de “área”.

— Você é doida! – Carol se aproximou da criança, tocando seu rosto. – Ela é linda! Você continua se prostituindo?

— Mais ainda, agora. Tenho uma boquinha para alimentar. Arrumou uma namorada na Fundação?

— Que mané namorada, o que ô? Tá doida?

— Eu não me esqueci daquele dia, nós duas...

— Devia. Eu já esqueci.

— Insensível! Eu sei que na Fundação tem um monte de sapatão.

— Eu não sou uma delas – Carol respondeu, querendo encerrar o assunto. — Me dá uma toalha e uma roupa limpa?

— Claro. Vai tomar banho que eu já levo.

Carol entrou no banheiro, indicado pela amiga, e se despiu devagar. Abriu o chuveiro e entrou embaixo do jato, deixando que a água lavasse todos os males que lhe eram infligidos. Já fazia um bom tempo que não tinha privacidade, somente tempo marcado dentro de um banheiro. O cheiro do café fez com que se apressasse e, ainda enrolada na toalha, encontrou a mesa posta para o café da manhã.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você está bem mais apresentável.

— Isso é um elogio?

— Você está linda. Cresceu bastante.

— Não tenho mais quatorze anos. Você também está ótima!

— Tenho que manter a forma para agradar meus clientes — Flavinha respondeu, com um sorriso safado. — O que você vai fazer?

— Ainda não sei. Preciso de trabalho.

— Ih, amiga, tá difícil! Pessoas que tem estudo não conseguem emprego, imagina você, só com a sétima série, sem experiência e, ainda por cima, com ficha. Vai ser osso!

— Eu não fiquei com ficha

— Eles falam que não ficham, mas aposto que fica marcado em algum lugar. O que você vai fazer?

— Não sei. Preciso de dinheiro para encontrar meus pais.

— Se você quiser posso te arrumar uma boquinha onde eu estou. Você tá bonita e Luiz vai gostar de você.

— Quem é Luiz?

— O cara que toma conta das meninas.

— Cafetão?! To fora! Chega de confusão na

PERIGOSAS ACHERON

minha vida. Quero um trabalho decente.

— Você é quem sabe.

— Flavinha, tenho que te pedir um favor. Posso ficar aqui até encontrar minha mãe?

— Nossa amiga... Não vai rolar. Minha mãe chega depois de amanhã. Se você quiser, pode passar a noite hoje e amanhã.

— Obrigada.

Carol terminou de tomar o café e saiu para o beco. Não tinha nada para fazer e não sabia por onde começaria a reconstruir sua vida. Caminhou por toda a favela e, por fim, se sentou na porta do bar do Zeca, olhando para o nada. Precisava de dinheiro para encontrar seus pais, mas Flavinha estava certa: não terminara o ensino médio, tampouco possuía experiência profissional. Sequer aproveitou o período eleitoral para fazer um “bico” de “boca de urna”, pois a eleição fora no mês anterior.

Um carro preto luxuoso dobrou a esquina, parando em frente ao bar. Carol olhou desconfiada e supôs que seria roubado ou de algum viciado em droga. Quando viu uma mulher na casa dos quarenta anos descer, concluiu que se tratava da segunda opção.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Com licença, você sabe onde eu posso encontrar Flávia? – inquiriu, exalando um perfume tentador.

— Deve ter bastante Flávia por aqui. Sabe o sobrenome dela? – respondeu, ao se levantar.

— Alguma coisa Gomes... Não sei completo. Ela é um pouco mais baixa que você, loira dos olhos castanhos claros.

— Eu acho que é da Flavinha que a senhora está falando, mas ela mudou da favela. – Carol mentiu, pensando depressa que essa era sua chance.

— Faz tempo que a senhora viu ela?

— Senhora está no céu – respondeu, sorrindo e mirando Carol dos pés a cabeça, mordendo a perna dos óculos escuros – e, sim, faz algum tempo que não a vejo.

— Algo que eu posso ajudar? – Carol perguntou, aproximando-se, sem perder o contato visual.

— Talvez. Não sei como você se sairia... teríamos que provar. Entende o que eu quero dizer, não é?

— Claro que sim! Estou a sua inteira disposição.

— Entra no carro. Vamos dar uma volta.

PERIGOSAS ACHERON

Carol entrou no veículo e o motorista deu a partida, em direção à zona sul. A mulher pouco falava, fato que deixou a jovem um pouco mais à vontade. Sabia que havia roubado uma cliente da amiga, mas a sua necessidade era maior que a dela. Chegaram num bairro residencial de classe média alta e entraram numa casa imensa, que para ela era praticamente uma mansão.

— Venha, querida, temos a tarde e a noite só nossa!

Carol entrou, com a mulher em seu encalço, rumo a um quarto que três vezes maior que o barraco em que vivera com os pais. A mulher a enlaçou por trás, beijando seu pescoço, subindo suas mãos pelos seus seios, grandes e firmes. Carol ouviu passos de uma terceira pessoa e abriu os olhos para ver quem era. Um homem, na casa dos quarenta, beijou a mulher que estava tirando as roupas de Carol. Ele se posicionou na sua frente e abriu o zíper da calça, forçando-a a se abaixar. Naquele instante, sentiu uma repulsa pelo que estava prestes a fazer, mas o desespero era maior que o receio. Ajoelhou e começou a fazer sexo oral no homem, que gemia alto. A mulher tirou o resto das roupas do marido e as suas próprias, puxando a

cabeça de Carol para que ela fizesse o mesmo nela. Com a bÍlis subindo pela garganta, começou a chupar a mulher, que se contorcia nos braços do marido.

Rapidamente, o homem colocou a esposa em cima da cama, dando uma melhor posição para Carol continuar a exploração com a língua. As mãos do homem pousaram sobre sua cintura e, colocando-a de quatro, começou a penetração. As pontadas de dores foram se atenuando com cada bombada que ele dava e a mulher forçava, cada vez mais forte, sua cabeça contra seu sexo, dificultando sua respiração. Sem nenhum aviso, o homem começou a dar tapas por sua bunda, deixando marcas vermelhas e ardidas de dor. Quando ele tirou o membro da vagina e posicionou na entrada do anus, a jovem recuou.

— Não! Para! Eu não quero assim!

— Você não tem que querer nada sua puta! — Ele respondeu segurando seu quadril forçando a entrada — Eu vou fazer o que quiser com você.

Dito isto, a dor que se seguiu foi quase insuportável. Quanto mais ela gritava de dor, mais fundo ele metia. A mulher segurava a cabeça de Carol passando a língua pelos seus lábios.

PERIGOSAS NACIONAIS

Lgrimas rolaram enquanto a mulher com um riso sádico pegou um dildo e penetrou seu sexo simultaneamente. Os dois só pararam com a tortura quando o homem gozou, deixando Carol toda suja de esperma e sangue. Chorando baixinho, saiu da cama e foi para o banheiro, se recompor. Esfregou o corpo com vigor, mas a sujeira parecia não querer sair. O seu “eu” estava sujo. Voltando para o quarto viu a mulher com um chicote na mão. Não viu o homem que a enlaçou por trás e prendeu suas mãos com uma algema.

PERIGOSAS ACHERON

CAPITULO 03

Carol o que aconteceu?! – Flavinha exclamou, assustada. – Meu Deus! Você está toda machucada! — Não foi nada não. To bem.

— Como assim, está bem? Olha para seu rosto. Seu olho tá roxo!

— Me envolvi numa briga de rua — mentiu. — Eu vou embora. Vim buscar minhas coisas.

— Pra onde você vai?

— Procurar meus pais.

— Com que dinheiro? Você nem sabe onde eles estão.

— Você não falou que eles estavam no Heliópolis? Vou pra lá.

— Não faz isso, Carol...

— E eu vou fazer o que? Ficar aqui na sua casa até amanhã de manhã, pegar minha sacola e ir morar na rua? Eu não tenho onde morar, não tenho o que

comer, não tenho o que vestir — Carol falou entregue ao desespero. — Eu não tenho nada, nem ninguém!

— Carol! Não fala assim Carol — falou Flavinha ao abraçar a amiga. — Você tem a mim! Já te disse que se você quiser, te coloco na parada em que eu trabalho. Você está linda e Luiz vai gostar de você e lá ele pode te dar um lugar pra morar e...

— Sabe o que foi isso no meu rosto?! Foi uma das suas clientes que fez o favor de fazer isto! — Carol falou aos gritos. — Eu não quero este tipo de vida pra mim. Que droga! Eu não quero viver assim! Eu não quero viver assim!

A jovem desabou nos braços da amiga, soluçando, convulsionada pelo choro. Não havia futuro pra ela. Não havia esperança. O único ponto de luz na escuridão em que vivia era a vontade de reencontrar sua mãe.

Carol desceu do ônibus já era noite. A rua um pouco deserta a deixou em alerta, mas não teve medo. Não havia mais nada que a fizesse ter medo. Começou a caminhar a esmo, sendo encarada por onde passava, até encontrar um bar cheio de

bêbados. Sabia que era o lugar ideal para encontrar seu pai. Passou por três botecos até que um homem deu pistas que arrancaram um sorriso de alívio do seu rosto.

— O senhor sabe onde ele mora? — perguntou esperançosa.

— Não sei não, mocinha. Ele foi embora daqui carregado pelo amigo que não voltou mais. Amanhã bem cedo você vai encontrar ele aqui. Ele é sempre meu primeiro cliente.

“Típico do meu pai” pensou Carol, mas ela não tinha tempo para esperar. Não tinha onde dormir e não queria passar mais uma noite na rua. O dinheiro que havia ganhado com o programa era pouco e não podia gastar com algum hotel “pulgueiro” do centro. Pediu uma cerveja e bebeu inteira, na intenção de enganar o estômago. Ficou sentada na porta do bar até as duas da manhã quando o dono informou que ia fechar. Saiu andando sem rumo e encontrou outro bar onde estava tocando forró. Pediu outra cerveja e esperou o dia amanhecer.

— Bom dia. — Carol cumprimentou o mesmo homem da noite anterior.

— Bom dia. Madrugou foi menina? — perguntou o

simpático senhor.

— Preciso encontrar meu pai.

— Já tomou café da manhã?

— Já sim. — mentiu Carol. — Obrigada.

O homem ficou observando-a e entrou em um reservado. Voltou com duas xícaras de café fumegantes.

— Talvez você queira me acompanhar numa xícara de café.

Carol pensou em recusar, mas um ronco do estômago fez com que mudasse de ideia. Ficaram conversando por um longo tempo. Nesse intervalo, foi apresentada a outros moradores do lugar. Entre conversas e risos esqueceu, por um momento, um pouco dos seus problemas. Roberval o dono do bar era um senhor de cinquenta e três anos, que Carol se simpatizou de imediato. Ele havia dito que o homem com as feições de seu pai ainda não tinha ido ao bar. Carol esperou durante toda a manhã, mas nem sinal dele aparecer. Resolveu dar uma volta pelo lugar para achar alguma comida barata, pois seu estomago já começava a reclamar de fome. Achou uma barraquinha de cachorro quente perto de um colégio e comeu tudo o que conseguiu. Não podia se dar ao luxo de comer toda hora e quanto

mais comida barata, melhor. Cinco da tarde ela estava de volta no mesmo lugar. Quando entrou Roberval apontou um homem abraçado com uma garrafa de pinga. Como estava de costas Carol não pode precisar, mas o jeito era o mesmo. Chegou de mansinho perto do homem e tocou seu ombro.

— Pai... Pai sou eu...

— Hum? — Perguntou o homem se virando. — Quem é você?

Carol ficou parada olhando para o homem na sua frente. O coração antes descompassado parecia querer parar. O sonho de reencontrar sua família havia se desfeito: o homem na sua frente era um completo estranho.

— Desculpa... Eu... Eu achei que fosse meu pai.

O homem se limitou a olhá-la e voltou sua atenção para a bebida. Carol ficou parada sem acreditar na peça que a vida lhe pregara: o que mais podia acontecer a ela? Procurar um casal dentro de uma comunidade do tamanho daquela era a mesma coisa que procurar uma agulha no palheiro. Só que ainda tinha mais um detalhe: Não tinha certeza que aquele era o palheiro. Carol sentiu a mão de Roberval em seu ombro. Não havia percebido que lágrimas rolavam pelo seu rosto. Abraçou o

homem, desistindo de encontrar sua família.

— Tá mais calma agora? — Perguntou Roberval tirando o copo da mão de Carol.

— To sim. Obrigada.

— Onde você mora?

— Eu não tenho casa. Minha esperança era encontrar meus pais, mas eu nem sei por onde começar. Esse lugar é muito grande e eu nem tenho certeza que eles estão aqui.

— Que situação difícil, menina!

— Eu sei. Nunca senti tanto medo na minha vida.

— Você não tem pra onde ir?

— Só a rua.

— Fica assim não. Vou falar com minha mulher. Você não vai ficar na rua.

— Não precisa se incomodar, seu Roberval, eu me viro por aí.

— Correndo risco de vida? De maneira nenhuma! Vamos dar um jeito nisso.

— Minha vida não tem mais jeito.

— O que não tem mais jeito é pau que nasce torto. Se você quiser pode mudar tudo na vida. A única coisa que não podemos mudar é a morte.

— O que seria uma boa saída agora...

— Nunca mais diga uma besteira como essa! Vou

lhe propor um desafio: eu vou te dar esse cordão da virgem que sempre esteve comigo, me protegendo, você só vai me devolver ele quando tudo na sua vida estiver resolvido.

— Não é tão simples, seu Roberval. Tem tanta coisa errada na minha vida!

— Nada é simples na vida, mas eu sei que você vai conseguir. Eu vou te apoiar para que consiga.

— Nossa, seu Roberval! Não sei como agradecer o apoio.

— Você tem sim como me agradecer: Prove pra você mesma que vai conseguir tudo o que quiser.

— Vou tentar. Prometo.

— Não tente, menina. Faça.

Naquela noite, Carol começou a trabalhar no bar. O salário era baixo, mas dava para se alimentar. Passou uma semana morando na casa de Roberval, junto com a esposa, que a havia acolhido, assim como o marido, e depois mudou para um quarto com banheiro nos fundos da casa de uma senhora idosa, que ficara comovida com sua situação. Ganhou uma cama e um fogão já em estado deploráveis, mas Carol não via esses detalhes: Tinha um teto onde dormir e o que comer. Alguns utensílios e roupas foram doados pela associação

do bairro. Tornou-se uma pessoa querida que todos queriam proteger. Com seu primeiro salário fez uma extravagância: comeu um combinado no *Mc Donalds* com sorvete de sobremesa. À noite, deitada na cama, relembrando tudo o que havia lhe acontecido, rezava a Deus agradecendo por tudo de bom que voltava acontecer na sua vida.

CAPITULO 04

Quatro anos depois

26 Junho 2008

A mulher andava apressada. A chuva fina fazia os transeuntes apertarem os passos para chegar logo em casa depois de um longo dia de trabalho. Carol se misturava com as pessoas que tumultuavam a entrada da estação de metrô na praça da Republica. Com dificuldade, alcançou a plataforma de embarque sentido Corinthians-Itaquera. Espremida dentro do vagão lotado por conta do horário de pico, avistou uma menina que, aparentemente, devia estar com fome e usava um chinelo de dedo apesar do frio. Deixou sua mente vagar para o passado, quando há quatro anos atrás, estava na mesma situação, rezando para encontrar

seus pais morando num barraco no alto de uma favela.

Depois que começou a trabalhar, a vida deu uma alavancada. Voltou a estudar no período da manhã e à tarde ia para o bar. Seu Roberval se tornou o pai que não teve. Sempre atencioso lhe deu amor e carinho. Foi introduzida na família que agora considerava sua. Dois anos depois a senhoria, que tinha lhe arrumado o quarto, faleceu e Carol teve que mais uma vez arrumar um lugar para morar. Conseguiu com um amigo um barraco do mesmo tamanho do quarto anterior. O único problema era o banheiro externo, compartilhado com mais três barracos, mas ela não se incomodava com isso. Já tinha se acostumado a compartilhar tudo: Desde sua comida com seus irmãos menores, quando morava com seus pais, até cama e chuveiro na Fundação. Uma colega a indicou para uma vaga numa empresa de cobrança. Com sorte conseguiu o emprego e fez vários amigos: Ia para baladas, comprava roupas todos os meses e fazia cursinho. Namorou um rapaz dez anos mais velho, mas seu íntimo já não sentia prazer com homens. Na Fundação tinha se relacionado com as meninas que iam e vinham, mas negava a si mesma o que seu

corpo desejava. Às vezes quando estava com o namorado, imaginava uma mulher linda, ruiva e cheia de desejo tocando seu corpo. Sempre se sentia culpada depois.

Há oito meses havia se mudado da favela. Luciana, uma amiga de curso assumidamente “filhinha de papai”, convidou-a para dividir apartamento na cidade de São Caetano do Sul. Adorava aquele lugar: As pessoas sempre educadas e cheirosas que encontrava na rua e os velhinhos sempre tão gentis com ela. Havia se inscrito em uma bolsa para a faculdade e tinha passado com êxito. Ia na favela naquele final de semana para devolver o cordão com a imagem da virgem para Roberval. Sua vida estava arrumada.

— Oi Lú — falou alto, anunciando sua chegada.

— Tira essa bota antes de entrar! — ouviu sua resposta, vinda da cozinha.

— Não esquentar. Depois eu limpo — disse jogando a bolsa em cima do sofá. Seguiu em direção à cozinha e enxergou a amiga mexendo em algo na geladeira. — Hum! Que cheiro bom é esse?

— Estou fazendo uma sopa pra gente jantar.

— Que delícia! — Carol falou abrindo a tampa da panela: Sabia que Luciana era uma cozinheira de

mão cheia. — Vou tomar um banho e já volto.

Luciana ficou observando-a sair. Carol usava um vestido de lã, preto, colado no corpo escultural com um belo par de botas de salto alto. O cabelo negro, impecável, batia um pouco acima da cintura. Adorava seu perfume que impregnava todo o apartamento. Quando a conheceu no curso, tinha um namorado que terminou a relação pouco tempo depois, argumentado que ela dava mais importância para Carol que pra ele. De fato ele estava certo: Carol havia se tornado a pessoa mais importante no seu mundo.

— Carol tá pronto!

— Já vou!

Luciana foi ao encalço da morena dentro do quarto. A porta do banheiro estava semiaberta. Empurrou o resto, deixando o box a mostra: Conseguia ver o corpo atrás do vidro parcialmente embaçado. As curvas perfeitas ficavam extremamente provocantes com o vapor de água e a espuma que despidoradamente deslizava pelo seu sexo. Carol passava a mão pelos seios de forma tão provocante alisando cada centímetro como que querendo provoca-la. Luciana ficou excitada na mesma hora. Com um gesto automático levou a mão a virilha, se

PERIGOSAS NACIONAIS

apertando por cima do tecido da calça de algodão do pijama que usava. Há muito que não resistia ver Carol sem roupa sem ter que se satisfazer sozinha, imaginando abocanhar cada parte do seu corpo.

— Pega a toalha ali pra mim — Carol pediu dando um susto em Luciana, saindo completamente nua.

— Claro... Eu... Eu pego — Luciana pegou a toalha, mas segurou-a firme.

— Me dá! Eu to com frio!

— Vai ter que vir pegar — Respondeu correndo para fora do banheiro.

Carol ficou atônita com a atitude da amiga que por vezes parecia uma criança mesmo com vinte e um anos, mas resolveu entrar na brincadeira. Saiu correndo atrás dela rindo e xingando-a. A encontrou em cima da cama, pulando.

— Me dá Lú!

— Vem pegar! Vem pegar!

— Vou te matar!

Carol subiu correndo na cama toda molhada. Conseguiu prendê-la contra a parede na cabeceira.

— Vai me dar agora?

— Tudo o que você quiser — respondeu Luciana, intencionalmente ao olhar para aqueles lábios corados e carnudos.

PERIGOSAS ACHERON

Carol soltou os braços de Luciana que ficou parada onde estava. Tentou entender o duplo sentido de suas palavras, desconcertada. Deu um passo para trás pegando a toalha se enrolando o mais rápido que pode.

— Carol eu...

— Lú... Eh... A sopa! — Carol falou atordoada.

— Vamos tomar a sopa!

— Carol não finge que nada aconteceu! — Luciana falou pulando da cama indo atrás de Carol, tomada de súbita coragem de revelar o sentimento que guardava há tanto tempo.

— Mas não aconteceu nada amiga! Estou morrendo de fome e o cheiro está tão bom!

— Por que você se fecha tanto? Por que vive com esse escudo?

— Que escudo? Você está bem?

— Você sabe que eu quis beijá-la lá dentro! Eu sei que você sacou minha intenção.

— Muitas coisas fazem parte do meu passado e eu não quero reviver nenhuma.

— Eu não quero saber do seu passado! Eu quero o... O seu presente, o agora.

— Luciana, chega! Do que você está falando? Que sandice é essa? Não sei aonde você quer chegar!

— Sua cama seria uma ótima opção, mas vou te mostrar.

Luciana avançou em Carol tirando a toalha empurrando-a para o sofá. Buscou sua boca para um beijo, mas ela se desviou, evitando o contato. Colocando todo o peso do seu corpo em cima da morena, beijou seu pescoço deixando suas mãos livres para percorrer o corpo que por muito tempo desejou. Carol tentava se livrar da amiga, mas Luciana tinha uma força fora do comum. Quanto mais lutava, mais seu corpo pedia sim. Prendeu a cabeça da loira com as mãos e puxou para seu rosto.

— Tem certeza que é isso mesmo que você quer?

— Claro que sim Carol! Há muito tempo!

Carol, delicadamente, fez a jovem ir para o chão, repousando as costas no tapete macio. Com pressa, arrancou a calça do pijama que saiu junto com a calcinha. Beijou sua boca com voracidade, enquanto acariciava os seios pequenos e arredondados. Luciana correspondia a pressa de Carol abraçando-a, se esfregando contra seu corpo. A morena desceu pelo pescoço e a boca ocupou o lugar das mãos, em seus seios. Os gemidos de Luciana tomaram conta do apartamento, ao passo

PERIGOSAS NACIONAIS

que as mãos de Carol abriram espaço para se enfiar no meio de suas pernas. Foi deslizando a língua por sua pele, traçando um caminho até seu ventre. Ao alcançar o sexo, a chupou com desejo e tesão.

— Não para, Carol. Não para... Estou quase gozando...

— Você não quer sexo? Então não vamos ter pressa...

Carol se sentou na ponta do sofá com Luciana enganchada nas suas pernas. Empurrou a loira para baixo querendo sentir a língua no seu sexo. Quanto mais a jovem chupava, mais Carol se contorcia de prazer. Já fazia muito tempo que não sentia tanto tesão fazendo sexo com alguém. Quando seu corpo começou a estremecer indicando o gozo, puxou Luciana pra cima do sofá, virou seu corpo sobre ela e buscou seu sexo para retribuir o prazer. Sem conseguir se controlar deixou a cabeça pender para trás se entregando ao gozo. Respirou fundo, tentando controlar a respiração alterada e, um pouco mais refeita, voltou sua atenção para Luciana que também chegou ao prazer absoluto.

— E eu que achava que você nunca tinha ficado com nenhuma mulher – Luciana falou se apoiando em um cotovelo acariciando o rosto de Carol.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Tem muita coisa sobre mim que você não sabe.
- Me conte então!
- Não vale a pena ser lembrando e nem dito.
- Você tem tantos mistérios!
- Lú eu não quero que você tenha esperanças comigo. Eu não posso te dar amor.
- Eu não tenho pressa. Posso esperar o tempo que for preciso.
- Não se prenda a mim, ok? — Carol falou dando um beijo na boca de Luciana. — Que tal a sopa? Agora estou com mais fome que antes.

Depois do jantar, seguiram para o quarto de Luciana e se jogaram na cama, assistindo séries. Não demorou para que o tesão voltasse com força e, outra vez, se entregaram ao prazer nos braços uma da outra.

— O que você vai fazer hoje? — Perguntou Luciana abraçada a Carol. Estavam no quarto da morena.

— Hoje vou devolver essa imagem ao único homem que chamo de pai — Carol respondeu levando a mão ao pescoço segurando o cordão da

PERIGOSAS ACHERON

virgem.

— Quem é ele?

— Um senhor que me ajudou quando mais precisei.

— Você vai no Heliópolis? – Luciana perguntou, fazendo careta.

— Vou. Não tem nada de mais lá. Digamos que foi o lugar do meu nascimento como pessoa.

— Você não nasceu no Pará?

— Nasci. Vamos parar de perguntas, tá bom? – Carol rolou por cima da loira que estava se permitindo gostar. – Você é linda quando acorda!

— Descabelada desse jeito?

— Você é linda de qualquer jeito.

Carol beijou Luciana e foram grudadas para o banheiro. Há dois dias se amavam sem descanso e Carol adorava todo o contato possível com ela. Estava se aceitando como homossexual e a forma como Luciana agia deixava tudo mais fácil.

— Posso ir com você?

— Claro que sim. Vai ser um prazer te apresentar ao seu Roberval. Vai ter que pedir a minha mão em namoro pra ele.

— Carol... Quer dizer que você... Você quer ser minha namorada?

— Quero dizer que já é mais de onze da manhã e

PERIGOSAS NACIONAIS

ainda não saímos de casa. Vamos logo que ainda vamos para o cinema à noite.

— Claro. Me arrumo em um minuto.

— Duvido!

Luciana saiu saltitante para seu quarto, se trocar, e Carol fez o mesmo. Não sabia o porquê, mas estava com todo o ânimo para vestir preto, mas resolveu escolher uma calça jeans clara e uma camisa branca com sandálias de salto combinando. Luciana apareceu meia hora depois, trajando um vestido floral.

— Você acha que ele vai gostar de mim assim? — Perguntou se analisando na frente do espelho. — Esse vestido tá bom?

— Para de ser boba! Nem que você quisesse ficaria feia.

— Acho que você está me amando!

— Vamos embora.

Luciana foi dirigindo o carro que o pai lhe dera de presente de aniversário, enquanto Carol ia mostrando o caminho. Chegaram vinte minutos depois.

— Seu Roberval! — Chamou Carol encostando no balcão.

— Carol! — Respondeu uma senhora que saiu do

PERIGOSAS ACHERON

reservado.

— Oi dona Clotilde! Como vai senhora?

— Tudo bem minha filha e você? – Perguntou a senhora dando um abraço caloroso em Carol.

— Muito bem, obrigada. Essa é Luciana. Uma pessoa muito especial pra mim.

— Boa tarde, dona Clotilde

— Então quer dizer que vocês duas...

— Isso mesmo – respondeu Carol pegando a mão de Luciana. – E o seu Roberval?

— Ele foi no Brás comprar umas coisinhas que estavam faltando aqui no bar. Daqui a pouco ele chega.

— Eu vou dar uma volta por aí. Depois eu volto.

— Tá bom. No máximo em uma hora ele chega. Ele saiu de manhãzinha.

Carol saiu do bar e ficou olhando para a rua. Cumprimentou alguns conhecidos e foi atrás dos seus amigos. Todos ficaram felizes pelo rumo que a vida da menina abandonada tomou: Ganhava bem, morava bem, ia fazer a tão sonhada faculdade de publicidade e tinha uma namorada linda. A maioria ficou surpresa por Carol apresentar uma mulher e não um homem como acreditavam, mas ninguém falou nada contra, o que era seu grande receio; O

que importava era sua felicidade, facilmente estampada no seu rosto. Depois de duas horas Carol resolveu voltar para o bar. Como estavam um pouco longe cortaram caminho por um lugar que ela nunca tinha passado antes e viu uma senhora saindo de uma casinha de tijolos. Acompanhou com o olhar e o coração disparado: Sua mãe! Aquela mulher era sua mãe! Seguiu-a até o ponto de ônibus e ficou ali por quinze minutos deliberando se devia ir falar com ela ou não. A mente de Carol trabalhava em disparada: Depois de seis anos sem ver a mãe não sabia qual seria sua reação. Quando finalmente juntou coragem para falar com ela, uma lotação parou no ponto e sua chance foi embora sentido D. Pedro I, mas não tinha problemas: Carol sabia onde morava. Resolveu voltar para a casa que tinha visto para encontrar seus irmãos mais novos um devia estar com dezesseis anos e o outro com nove.

— Carol me conta o que está acontecendo! — pediu Luciana, confusa.

— Se você não se importar com o cinema, te conto hoje à noite. — Respondeu sem tirar os olhos da porta.

Carol fechou os olhos buscando coragem. Quando

foi bater, começou a ouvir gritos.

— Para, pai! Por favor, para!

— Cala a boca menino! Eu vou te matar se continuar gritando assim!

Mesmo depois de tantos anos reconheceu a voz do pai alterada pela bebida. Sem pestanejar, tentou a fechadura que estava aberta: a cena dantesca que viu dentro da casa fez cair um véu vermelho sobre seus olhos: Carol viu o pai, com as calças arriadas, sobre seu irmão mais novo que estava nu. De tão alucinado que estava não percebeu a presença das duas mulheres. Luciana, horrorizada com a cena, entrou em estado de choque. Carol olhou ao redor procurando algo para bater no pai. Sabia que somente sua força não seria capaz de detê-lo. Avistou uma faca em cima da pia e deixando a consciência de lado, foi pra cima do monstro que havia a colocado no mundo. Com o movimento chamou a atenção do homem, mas uma escuridão tomou conta dela: não ouviu os palavrões que gritava, não ouviu os gritos de horror de Luciana nem os do irmão, que saiu correndo da cama indo para junto da jovem loira histérica, não viu a cara de dor do pai quando a primeira facada penetrou sua carne. Carol montou em cima dele chorando

enquanto suas roupas iam ficando encharcadas de sangue. Continuou a esfaqueá-lo descontando toda a raiva que sentia, não só daquela cena, mas de tudo o que já havia passado, até que os gritos do homem cessaram e por todo o cômodo só se ouvia o choro de Luciana e Carlinhos, que haviam se agachado num canto com medo.

Carol largou a faca em cima do monte de carne desfigurado, que jazia na cama, envolto num banho de sangue. Olhou para as próprias mãos: não via a pele apenas a cor vermelha da morte. Passou os braços no rosto querendo tirar alguma coisa que, figurativamente, a cegava. Se virou para as duas criaturas encolhidas e para os vizinhos que começaram a invadir a casa para testemunhar a tragédia. Sem conseguir pronunciar uma palavra, saiu rápida, empurrando as pessoas que bloqueavam a passagem. Já na pequena viela começou a correr, mas o salto fez com que caísse. Tirou as sandálias deixando as lágrimas se misturarem com o sangue que ostentava e saiu em disparada novamente em direção à rua. O som de sirenes de carros de polícia invadiu o ar, como gritos do inferno, deixando Carol mais assustada ainda. Dobrou uma esquina e deu de cara com os

policiais. Deu meia volta e correu em direção oposta, mas o som de cinco tiros fez com que estancasse, levantando as mãos. Fechou os olhos e levou a mão à imagem da virgem, agora coberta de sangue. Não escutou mais nada ao redor. Não sentiu o policial que a jogava no chão com um golpe, não escutou o que Luciana gritava, sendo segurada por outro policial, seu Roberval que levava a mão à cabeça, presenciando sua desgraça. Ouvia apenas a voz que há oito anos não conseguia esquecer “ O que temos aqui! Uma jovem traficante...”

CAPITULO 05

A vida de Carol, a partir daquele momento, começou a passar em câmera lenta: ainda no chão foi tratada com grosseria pelos policiais. Com a visão turva, viu Luciana sendo segurada por outros moradores, enquanto tentava ir ao seu encontro. Foi algemada e levada a uma viatura que acabava de chegar. As pessoas gritavam, mas ela não entendia o que diziam.

A viagem até a delegacia durou quinze minutos, mas para Carol pareceu uma eternidade. Ao mesmo tempo em que mil coisas passavam pela sua cabeça, não conseguia se concentrar em nada. Não queria acreditar que mais uma vez seria presa e condenada. O medo que surgiu em sua mente quase a sufocou: sabia como funcionava o sistema carcerário. Na Fundação ouvia histórias de como podia ser cruel a vida dentro de uma penitenciária e havia jurado a si mesma que jamais colocaria os pés em uma, mas a vida, mais uma vez, lhe pregava uma surpresa.

O camburão parou na porta da delegacia e Carol foi arrancada para fora por um guarda. Entrou sendo

PERIGOSAS ACHERON

empurrada pelo policial que a tinha algemado. O processo burocrático foi rápido: depois de elaborado a ficha criminal foi encaminhada para exame de corpo delito. No momento em que entrava em qualquer sala todos olhavam espantados para suas roupas sujas de sangue. Não adiantava argumentar nada. Era uma assassina.

Foi conduzida à outra sala e despida na frente de duas guardas.

— Agacha três vezes.

Carol fez o que ela pedia sem entender nada do procedimento.

— Agora se mantém agachada e assopra a costa da mão com força.

— Pra que isso? — Carol perguntou assustada.

— Temos que ter certeza que não enfiou nada na sua bunda. Abaixa e faz o que eu to mandando!

Carol fez o que a policial mandava, sentindo-se mais humilhada que nunca. Teve permissão para se vestir novamente, mas o cheiro de sangue fez com que sua bÍlis aflorasse na garganta. Sem conseguir se segurar vomitou no pé da policial que colocava as algemas. Com o rosto enfurecido a mulher a jogou no chão esfregando sua cara na sujeira.

— Sua porca nojenta! — Gritou segurando sua

cabeça no chão. — Vou fazer você engolir essa porcaria de novo!

— Para com isso, Silvia. Na cadeia as presas já vão maltrata-la o suficiente. — Falou a delegada que acabara de entrar.

Carol foi levantada do chão e encaminhada a uma cela vazia. Depois de tirada sua algema ficou parada onde estava, torcendo para que o tempo parasse. Tendo uma clara visão da sua realidade, chegou à conclusão que jamais sobreviveria num lugar como aquele. Sentou no canto do colchão imundo e fedorento, por incalculáveis mulheres que passaram por ali, e chorou por sua sorte. Dois dias se passaram sem que visse a luz do sol. Já tinha se acostumado com seu cheiro podre e sua aparência desgrenhada. Deitada na cama imunda, deixou sua mente resvalar para o mundo exterior: como será que estava Luciana? A última vez que a vira, foi no momento da sua prisão. Soube pela policial que ela tinha ido até a cadeia prestar depoimento e foi liberada em seguida. Menos mal: Não queria causar problemas na vida da garota que lhe deu tanto carinho.

— Levanta. Você vai ser transferida.

— Pra onde eu vou? — Carol, perguntou assustada.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Para sua nova casa. Você vai ser transferida para o presídio.

— Mas eu... Eu ainda não fui julgada nem...

— Você está vendo mais alguma presa aqui? — Perguntou a mulher perdendo a paciência. — Você vai para o presídio esperar o julgamento. Agora sai daí logo.

Carol saiu da cela e foi algemada novamente. Sentiu o aço frio que prendia os pulsos nas costas. Saiu caminhando na frente da guarda e parou quando avistou o camburão já a sua espera. Entrou na parte de trás e foi admirando o sol, que tinha a sensação que há séculos não via. O caminho até a zona norte não foi demorado, mas Carol desfrutou de cada momento daquela falsa liberdade. Olhando para fora, via as pessoas que andavam apressadas para os seus compromissos. Os carros que paravam do lado com o som alto. Adorava a liberdade que a música proporcionava, conseguia espantar seus demônios e viajar para outros mundos sem sair do lugar. Depois de alguns minutos avistou a construção sem cor e sem vida que se projetava na paisagem ao lado do metro. A Penitenciária feminina de Santana fora inaugurada em dois mil e cinco, em um prédio ao lado do antigo complexo

PERIGOSAS ACHERON

do Carandiru: só o nome já lhe causava arrepios. Passaram pela arcada com portão que dava acesso a entrada principal. Carol ouviu a guarda lhe dando as boas-vindas a sua nova casa. “Casa” Carol ficou pensando no significado da palavra casa. No popular significava um lar confortável, aconchegante e seguro; Para Carol algo que ela nunca teve.

O portão automático foi aberto por um guarda e o carro seguiu até um pátio deserto. Carol passou por todos os tramites iniciais sem perceber. A mente se recusava a acreditar que aquela era a porta de entrada do inferno. O chão rústico, as paredes sem cor e as guardas, que só sabiam gritar, compunham o ambiente. Foi levada para uma sala onde encontrou mais prisioneiras. Esperaram por um tempo e uma loira oxigenada veio busca-las. Sempre acompanhadas por um policial armado, foram levadas para uma sala especial: receberam uma toalha puída, dois lençóis de cama e dois uniformes com calça amarela e camiseta branca. Enrolaram os poucos pertences que tinham no lençol e ficaram sentadas em colchões velhos e rasgados esperando o número da cela e ala.

Carol foi a sexta a ser chamada e conduzida a sua

cela. Encontrou o lugar vazio e, segundo a agente penitenciária, sua nova família estava nos trabalhos diários. Carol ficou parada no centro do pequeno espaço e a porta da cela foi fechada. O barulho da tranca a fez assimilar como a última pá de terra sendo jogada em cima do seu caixão.

O espaço no qual viveria era composto por três beliches e um pequeno armário, sem portas, que estava entulhado. Num canto viu dois canos que se destaca na parede: um mais alto que indicava o chuveiro e outro mais baixo que devia servir como pia. No chão, no canto, reservado como uma espécie de banheiro, o famigerado buraco, composto por uma espécie de privada fixada no chão e com lugares emborrachados onde se apoiava os pés. Ouvira falar das condições de vidas daquelas mulheres presas, mas não haviam dito que o fedor era insuportável. Carol aproveitou que não tinha nenhuma presa no lugar e tomou um banho: A água gelada nas suas costas fez com que soltasse um grito, mas em três dias iria tomar um banho. Se esfregou com vigor deixando a água suja escorrer para o buraco no chão, mas na sua alma, a sujeira impregnada, jamais sairia. Sentou no beliche e esperou o dia acabar. Não tinha pressa para nada.

PERIGOSAS NACIONAIS

Não sairia dali por muito tempo. Uma guarda passou e a viu sentada:

— Hum! Você é muito bonitinha — Falou encostando-se à grade — Não vai demorar de arrumar um marido aqui dentro.

— Um marido? — Carol perguntou sem entender muita coisa.

— É, um marido. Quem sabe não seja até mesmo eu?

A guarda se afastou rindo e Carol se encolheu ainda mais. Na Fundação nunca fora obrigada a se deitar com ninguém. Ficava com as meninas porque queria, mas sabia que naquele lugar tudo era diferente do que a imaginação humana podia criar. Um mundo surreal onde só era respeitado quem fosse mais forte.

Cinco da tarde, um número considerável de prisioneiras começou a passar pelo corredor. Carol ficou em pé num canto: Sabia que tinha que demonstrar respeito pelas presas mais antigas de cela. Uma a uma foram entrando. Olhavam para ela com um misto de curiosidade, piedade e desejo. No total eram dez presas. Mentalmente contou seis camas e um espaço minúsculo. Sabia que, durante muito tempo, o chão era seu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Qual seu nome menina? – Perguntou uma mulher na casa dos seus quarenta anos.

— Carol.

— Seja bem-vinda, Carol.

— Ei, Berta! – chamou a mesma guarda havia conversado com ela anteriormente. – Talvez quando você souber, não vai querer que essa menina seja bem-vinda. Ela matou o pai a sangue frio com vinte e oito facadas.

— É esse tipo de monstro que você colocou com a gente? – Perguntou uma negra de cabeça raspada.

— Não sou eu que dito as regras. Você sabe disso. Por mim já teria colocado ela numa C.I. e jogado a chave fora.

— Mas eu... Eu o matei porquê...

— Cala a boca! – Gritou a negra. – Eu não te dei permissão para falar!

— Desculpe, mas... – Carol parou de falar ao ver a fúria estampada no rosto da mulher.

Carol sentou num canto no chão e fechou os olhos. Queria abrir um buraco e desaparecer. Tudo o que passamos na vida é um aprendizado: às vezes bom, às vezes ruins, mas tudo tem uma lição embutida basta olharmos com clareza. Carol perdida no mundo de trevas não via a mais bela lição que a

PERIGOSAS ACHERON

vida estava prestes a lhe ensinar: a sobrevivência.

Foi ignorada durante toda a noite. As dez as luzes foram apagadas e o pesadelo de Carol tomou proporções reais. Ouviu uma das prisioneiras chamar baixinho:

— Carolzinha... Não vamos te matar essa noite, mas você vai aprender que pai e mãe são sagrados. Carol se levantou tremendo de medo, quando sentiu uma mão forte, que segurava seus braços, e outra que lhe deu um tapa no rosto. Gritou por socorro, mas uma barra de ferro bateu em seu corpo lhe dizendo que era melhor ficar quieta para ter a chance de ver a luz do dia novamente. Murros começaram a se espalhar pelo seu corpo enquanto era segurada por duas mulheres. Os gritos de dor foram abafados por um pano amarrado na sua boca. Ouvia os gritos de outras prisioneiras das outras celas acicatando a tortura. Sentiu a barra sendo batida na sua cabeça novamente, o sangue que escorreu pelo seu rosto e a dor lancinante, indicando que o supercílio havia sido cortado. Foi jogada no chão recebendo chutes e socos. Levou um pisão na barriga que fez com que ficasse sem ar. Quando estava preste a desmaiar sentiu um choque elétrico percorrendo seu corpo, só então

PERIGOSAS NACIONAIS

percebeu que haviam tirado sua calça e estavam dando choque na sua vagina. Fechou os olhos e naquele momento amaldiçoou sua vida e negou a existência de um Deus que a tinha abandonado.

PERIGOSAS ACHERON

CAPITULO 06

As primeiras luzes do dia começaram a penetrar na cela de Carol. Ela tentou abrir os olhos, mas a dor causada pelo pequeno esforço a fez mudar de ideia. O chão frio, embaixo do seu corpo, a incomodava, mas não tinha forças para se levantar. Ouviu o som de uma sirene e as guardas começaram a passar pelos corredores, batendo nas grades despertando as detentas. Carol envolta numa poça de sangue não conseguia se mexer.

— Mas que merda é essa? — Perguntou a guarda pegando as chaves e abrindo a cela — Levanta — chamou, pegando-a pelo braço.

Carol juntou todas as suas forças para conseguir se levantar, mas estava toda dolorida pela tortura. Conseguiu se sentar, mas a dor insuportável a fez se deitar novamente. Virou a cabeça, tentando

PERIGOSAS NACIONAIS

focalizar a agente, mas o que viu foi dez mulheres que a olhavam com curiosidade.

— O que aconteceu aqui? Quem foi que te agrediu desse jeito?

— Eu... Eu... Não fui agredida, eu tropecei no escuro, tentando ir usar o buraco. Foi culpa minha

— Carol respondeu sabendo que qualquer resposta custaria a sua vida.

— Você é burra mesmo, né? – desdenhou a agente.

– Bom, você é quem sabe. Vou te levar para a enfermaria.

Carol foi levantada do chão com violência. A guarda não deu a mínima importância para suas marcas e ferimentos. Com o movimento uma dor agonizante se espalhou pelo seu corpo. Foi encaminhada a enfermaria suja e mal-cuidada. O lugar serviria perfeitamente como um bom matadouro. Carol foi conduzida a uma maca e somente ali teve segurança para desmaiar. Acordou com tapinhas no seu rosto. Viu uma mulher idosa que sorria para ela.

— Olá menina! Fizeram um bom trabalho em você hein?!

— Eu tropecei no escuro – Carol respondeu ainda meio tonta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sei o tipo de queda que você teve. Já tive uma queda assim quando entrei numa penitenciária há mais de dez anos. Vem, eu vou te ajudar a levantar.

Carol se apoiou no braço da mulher e ficou de pé. O corpo ainda estava dolorido, mas a medicação já começava a fazer efeito e seus machucados já estavam com curativos. Carol deu uma volta pelo quarto para ter certeza que nada do seu corpo havia sido quebrado e sentou na beirada da cama novamente.

— Obrigada por me ajudar.

— Não me agradeça, menina, Agradeça a Deus por você ter ficado viva.

— Deus não existe mais para mim. A última coisa que vai entrar nesse lugar é Deus.

— Foi o que eu disse no primeiro ano, mas depois você tem que acreditar em alguma coisa para não enlouquecer.

— Acredito no demônio incorporado nas mulheres da minha cela, não em um Deus que protege os fracos.

— Ainda tenho mais quatro anos de pena. Daqui a um ano voltaremos a conversar sobre isso e você vai ver como vai mudar de ideia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Qual seu nome?

— Valquíria

— Todas as Valquirias que conheci até hoje são fortes.

— Todo mundo é forte o suficiente: Só que às vezes a força está no seu subconsciente e somente um choque muito forte vai conseguir despertá-la. Deus não dá um fardo a alguém que não consiga carregar.

— Eu já passei por muita coisa antes deste lugar. Tenho certeza que não precisava de um choque como esse e, além do mais, já te disse que não acredito em Deus.

— Você pode não acreditar nele, mas ele acredita em você. Isso é o suficiente.

— Já li isso em algum lugar, é uma frase montada.

— É de um livro. Você precisa ter fé em algo aqui dentro para não enlouquecer. Já vi muitas mulheres perderem a razão atrás das grades. Falam sozinhas pelos corredores, criam amigos imaginários, tem surtos psicóticos. A vida aqui dentro só é possível se acreditar em algo maior que essas paredes.

— Ora, Ora... — Carol ouviu a voz da agente que a

PERIGOSAS ACHERON

tinha tirado da cela. — Quer dizer que a garota que gosta de apanhar já está melhor.

— Tonha, ela ainda não está bem — falou Valquíria.

— Claro que está. Já está até de pé. Agora você vai refrescar sua memória de quem fez isso num lugar bem aconchegante. Quando estiver pronta para me passar um nome, é só me chamar.

— Você não vai mandar ela para uma C.I. nesse estado! Vai ter coragem pra isso?!

— Ela tem que aprender ter respeito aqui dentro. O presídio não é das detentas. Vamos embora!

A guarda pegou Carol pelo braço e levou para fora da enfermaria. O corpo, ainda dolorido, fazia um esforço sobre-humano para acompanhá-la. Carol sabia para onde estava indo: O confinamento, a solitária. Ela havia ficado apenas uma vez em uma na Fundação, por ter brigado com uma garota, mas agora era mandada a uma sem motivo algum. A mente anestesiada pelo sofrimento não viu o caminho percorrido: Para Carol era como se estivesse andando embaixo da água. Olhou a luz do dia pela última vez: Se não morresse ali dentro da C.I, só veria o sol daqui a longos dias. Deixou uma lágrima de autopiedade escapar dos seus olhos.

A guarda parou em frente uma cela pequenina

com uma porta de ferro que cobria toda a entrada. Havia apenas uma pequena passagem perto do chão onde era servida a comida. Foi empurrada para dentro e a porta foi fechada às suas costas novamente. Forçou os olhos para se acostumarem com a pouca claridade, viu o espaço somente com um piscar de olhos: míseros metros quadrados seriam seu lar durante dias: um colchão fétido e podre estava num canto e o famoso buraco no chão de dejetos humanos no outro. Nas paredes marcas de sangue de outras prisioneiras que já tinham passado por ali. O cheiro do lugar lhe deu ânsias, mas não tinha nada no estomago para vomitar. Sentou na beirada do colchão chorando e se perguntando porque havia nascido.

O tempo parou para Carol: Depois de algum tempo uma bandeja de comida foi colocada na sua porta, mas ela não teve forças para comer. A mente, ainda em choque, não permitia dormir e nem descansar. O que para Carol pareceu uma eternidade, na vida real foi mais uma noite. Na manhã seguinte foi colocada outra bandeja na sua porta. Ouviu o grito da guarda pelo lado de fora ao ver que a comida não havia sido tocada.

— Não vai ter almoço para você hoje! É bom

comer senão não te trago mais nada.

Carol ouviu os passos da mulher se afastando e deixou a mente vagar pelo passado, no tempo que era apenas uma criança inocente. Ainda se lembrava do seu primeiro dia de aula, quando sua mãe fora leva-la suas palavras foram: “as crianças daqui da cidade grande podem ser muito ruins, mas não deixem que te façam mal” e Carol não deixou: Depois de uma semana sua mãe fora chamada no colégio por causas das suas brigas com os meninos. A mãe havia a repreendido, mas Carol sabia que era sua forma de se defender. Quando completou dez anos mudaram de casa e Carol conheceu Flavinha. Já tinha muitos anos que não a via mais. Desde o fatídico dia que saíra da Fundação. Sempre haviam brincado juntas. Tinham dado o primeiro beijo no mesmo dia, a primeira experiência lésbica com ela. Nunca havia se sentido tão satisfeita por ter feito amor com alguém como se sentiu com Flavinha. Dizem que a primeira vez nunca se esquece e Carol nunca esqueceu do prazer que sentiu naquele dia: o prazer misto com a dor... A Fundação... Não queria pensar nisso deixou a mente pular quatro anos da sua vida e voltou para o Heliópolis. Seu Roberval, homem decente, justo.

Somente ele era digno que o chamasse de pai. Um dia falou isso na brincadeira e ele lhe disse com todas as letras “adoraria ser seu pai de verdade”, naquela noite Carol demorou a dormir de tanta alegria.

Com um pequeno sorriso desenhado na face lembrou do primeiro dia que vira Luciana no curso: Ela estava usando uma calça jeans justa e uma camisa branca com um belíssimo salto. Havia ficado encantada com ela desde o início. Naquela noite mesmo tinha se masturbado pensando nela, pensando naquele corpo lindo e nos cabelos loiros que caíam sobre os ombros. Quando ela a convidou para dividir apartamento foi o momento de maior satisfação para Carol: Ia para uma cidade que lhe daria toda a estrutura que precisava e teria aquela doce criatura do seu lado. Nunca teria dito que sentia desejo por ela se não fosse a iniciativa tomada por ela. Pena que o conto de amor terminou em dois dias. Carol, recomeçou a chorar, recriminando a si mesma por ter perdido tanto tempo sem dizer que a amava. Nunca teve uma iniciativa amorosa, pois lutava com seu próprio preconceito de se aceitar como lésbica e, talvez por isso, nunca teve a oportunidade de viver o amor

intensamente em todas as suas formas como os livros tão romanticamente contam: a única coisa que vivera fora a realidade cruel e esmagadora.

A porta da cela foi aberta novamente e a guardie gritou de fora que teria companhia, para ajudá-la a se lembrar das meninas que haviam torturado-a. Um pequeno rato foi introduzido na cela. Carol levantou e gritou de medo, mas ninguém ouviu e mesmo se tivesse, estariam rindo. Depois de muito tempo venceu o medo, olhando para o pequeno animal encolhido num canto: ele também estava assustado. Carol deixou o corpo cair encolhido no colchão, sem tirar os olhos do rato. Quando o pequeno bicho foi até sua bandeja de comida, ela levantou espantando ele. Aquilo era a única coisa que tinha e ninguém ia tirar dela. Sentou no canto da porta com a bandeja no colo e começou a comer olhando para o animal. Resolveu jogar uma migalha de pão para ele e este veio prontamente buscar. Carol ficou olhando o bicho, que segurava o pequeno pedaço com duas patinhas dianteiras, enquanto roía o alimento. Esticou o braço com mais um pedaço de pão e ele veio buscar em sua mão. A partir dali fez um grande amigo. Carol apelidou o rato de Miolo. Não sabia por que escolhera aquele

nome, mas passou a chamá-lo assim. Conversava com ele e ria sozinha. Quem visse pelo lado de fora a julgava louca, mas ela sabia que era a sua única forma de manter a sanidade. Preferia, mil vezes, enfrentar o castigo do sistema prisional do que se tornar uma X9. Se denunciasse quem havia lhe batido, enfrentaria dois grandes problemas: primeiro, as prisioneiras envolvidas iriam matá-la. Segundo, as prisioneiras não envolvidas iriam matá-la. Não se tolera delatores dentro de um presídio, lição aprendida na favela onde vivera, e na Fundação.

Carol narrou toda sua vida pregressa para Miolo. Em uma dessas longas conversas, chegou a uma conclusão inevitável: Na cadeia era matar ou morrer, concluiu. Ela mataria. Carol articulou sua vingança, mas para isso precisaria estar bem. Se dedicou a manter a mente limpa, para não enlouquecer. Não quis pensar no tempo, não era algo importante. Depois de sete dias a porta foi aberta e uma luz forte invadiu o ambiente. Piscou os olhos várias vezes para se acostumar com a súbita claridade. A guarda se adiantou para ajudá-la a sair: Todas as mulheres na solitária saíam abaladas ou carregadas, mas Carol se colocou de pé

e saiu para o corredor. A expressão em seus olhos era de desafio. Tal qual a mitologia a Fênix renasce das cinzas, Carol havia renascido no seu inferno particular. Se despediu de Miolo e saiu andando para enfrentar a vida.

CAPITULO 07

Carol foi encaminhada para o banheiro coletivo para um banho. O cheiro que exalava do seu corpo era de dar náuseas, mas ela não se importava mais com esses pequenos detalhes: o importante era que sua mente estava limpa para o desse e viesse. A guarda gritou que seu tempo tinha acabado e saiu do chuveiro de água morna com resignação. Vestiu um uniforme limpo e saiu para o corredor. Foi informada que a diretora queria falar com ela. Carol esperou, algemada, na antessala do escritório enfadonho. Depois de meia hora recebeu permissão para entrar. A diretora era uma mulher baixa e tacanha que a olhou com curiosidade.

— Olá Carol. Sente-se

— Obrigada.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você tem uma bela ficha para quem tem apenas vinte e dois anos.

— Eu sei.

— Tem alguma coisa para me dizer?

— Dizer o que? Está tudo escrito no papel a sua frente. Uma traficante e assassina.

— Você tem o direito de se defender e não quer dizer nada? Apenas se culpar?

— Se eu disser qualquer palavra, vai mudar alguma coisa?

— Parece que a solitária te deixou um pouco arredia.

— Não sei o significado dessa palavra e só para constar não estou me entregando. Por enquanto não vou nadar contra a correnteza.

— Você vai mudar de cela... — a mulher falou abaixando a cabeça para o papel. — Vai para a ala norte, na cela 22...

— Eu não quero mudar de cela.

— Como não?! — perguntou surpresa. — Olha o que fizeram com você! Como não quer mudar de cela?

— Não me fizeram nada. Eu tropecei no escuro.

— Se você quer assim tudo bem, mas acho loucura sua. Voltar para aquela cela é pedir para morrer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É só isso? — Carol perguntou se levantando.

— É sua intenção morrer, Carol?

— Isso nunca passou pela minha cabeça.

A volta para a cela foi a parte mais difícil para Carol. Entrar ali era reviver os momentos de terror que havia passado nas mãos das outras prisioneiras. Jurou para si mesma que ninguém, nunca mais, a machucaria. Fez uma revista na cela e se encostou em uma cama até dar o horário das detentas voltarem. Pontualmente, às cinco da tarde, o movimento no corredor passou a ser intenso. Ainda sentada, viu as dez mulheres paradas no lado de fora, que esperavam que a guarda abrisse a cela. Elas estavam cochichando e olhando para ela. Carol manteve o olhar fixo nelas. Uma a uma foram entrando.

— Tira logo esse rabo branquelo da minha cama!

— falou a negra que tinha gritado com ela no primeiro dia.

Carol permaneceu imóvel. Pegou uma foto de um menino de aproximadamente dez anos.

— É seu filho? — perguntou ignorando a grosseria da mulher.

— Você é surda? Sai logo da minha cama!

— Não eu não sou surda, mas você é bem mal-

PERIGOSAS ACHERON

educada. Se for seu filho é um menino lindo.

— Coloca a merda dessa foto no lugar e sai logo daí! — Gritou avançando para Carol pegando em seu braço.

Carol olhou para a mão da mulher e para seu rosto. Se aproximou o máximo que pode.

— Se você encostar a mão em mim, novamente, pode ter certeza que é seu último dia em cima da terra — falou baixinho, mas com segurança.

A mulher abriu a boca para falar alguma coisa, mas algo que viu estampado nos olhos de Carol a fez mudar de ideia. Tinha certeza que aquela mulher a sua frente não era a mesma que tinha entrado há uma semana atrás.

— É meu filho sim. — Respondeu a mulher encarando Carol. — Ele tinha dez anos nesta foto.

— E que idade ele tem hoje?

— Você pergunta demais, sabia?!

— E você responde de menos. Vai cair alguma coisa se você me responder?!

— Eu não tenho amigos e não quero ter uma.

— E quem disse que eu quero ser sua amiga?

— Você é uma branquela louca. Eu já tenho duas mulheres aqui dentro e não quero ter outra.

— Também não quero ser sua mulher. Digamos

PERIGOSAS NACIONAIS

que você não tem o meu perfil.

— Ele tá com quinze anos.

— Viu como não machucou.

— Eu acho que você está pedindo para apanhar de novo.

— Tente, mas tenha uma coisa muito bem fixa na mente: eu já me considero morta.

Carol levantou do beliche e ficou encostada na grade encarando as detentas que não tiravam os olhos dela.

— Vocês perderam alguma coisa aqui? To cagada por acaso?

— Tá muito marrentinha! Deixa as luzes apagarem pra você ver o que vai acontecer. Vai ficar uma semana na enfermaria!

— Estou aguardando ansiosamente! — Carol respondeu com um risinho.

Carol ficou sentada num canto da cela ouvindo o que as presas conversavam. O assunto era sempre o mesmo: a vida do lado de fora dos muros da prisão.

Carol aprendeu o nome de todas: a mulher que tinha falado com ela no primeiro dia se chamava Alberta, a negra se chamava Roberta. Tinha também uma loira oxigenada com o nome de Julia e outra por nome de Adriana. Carol as observava

PERIGOSAS ACHERON

pensando na vida que levavam, considerando de fato aqueles metros quadrados como suas casas.

As dez da noite as luzes foram apagadas. O coração de Carol disparou, mas não era de medo. Não sabia mais o que era sentir medo. A adrenalina começou a bombear em seu corpo. Sua respiração ofegante esperava o momento certo de agir. Depois de uma hora ouviu os movimentos dentro da cela. Colocou a mão dentro do bolso e tirou a faca artesanal que havia encontrado na revista da cela.

— Carolzinha... Chegou sua hora... Não tava se sentindo a maior? Pois então, agora pode provar para nós...

Carol fechou os olhos e fixou a mente nos movimentos. Um mais próximo já indicava a hora de agir. Ouviu o som da barra de ferro sendo batida no chão ao seu lado, abriu os olhos e viu o vulto da mulher que suspendia a barra para acertá-la. Carol se abaixou sentindo o vento da barra que passou rente sua cabeça, indo acertar outra mulher. Ouviu o grito de dor e de surpresa de uma detenta. Carol aproveitou a situação e enfiou a faca na perna da mulher ao seu lado que começou a gritar também. Viu, através da penumbra, outra avançando e empurrou a mulher da facada em direção a ela; com

PERIGOSAS NACIONAIS

o choque as duas caíram e Carol, pulando por cima delas, foi acertar um murro no nariz de outra detenta que se preparava para atacá-la. A mulher se dobrou com a dor e Carol aproveitou para pegar a barra de ferro no chão e bater em suas costas.

— Qual vai ser a próxima filha da puta? — perguntou com uma calma assustadora.

— Você é uma filha da puta louca — ouviu um risinho de Roberta ecoando no escuro. — Deita aqui na minha cama.

— Obrigada. Estou bem onde estou.

— Não é minha intenção te violentar, mas o espaço no chão ficou pequeno com essas três aí jogadas.

— Aceito um espaço para eu poder me encostar.

— Eu vou te matar! — falou uma das mulheres no chão.

— Cala a boca, Clau. Vai deitar e dormir. — Roberta falou entregando um lençol para Carol. — Pode dormir. Elas não vão te fazer nada.

— Obrigada.

Carol sentou nos pés da cama enrolada no lençol ouvindo as outras detentas que se lamuriavam pela dor dos machucados. A noite se arrastou por longas oito horas até que o som de pessoas andando pelo corredor, e a sirene que gritava sem parar, a fizeram

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

se espreguiçar. Não tinha pregado os olhos durante a noite inteira. Carol levantou da cama para usar o reservado. Somente com a claridade teve noção do estrago que tinha causado. Uma das loiras oxigenadas, que tinha identificado como Julia, estava com a camiseta do uniforme amarrada na perna indicando a que Carol deu a facada. Uma outra estava com deitada no colchão com o ferimento do rosto a mostra: Carol deduziu que foi a que levou a barra de ferro que era para ser sua e uma última estava estirada na cama, sem movimentos nas costas: A última que Carol acertou o murro e o golpe com a barra de ferro. Carol passou olhando para cada uma com uma satisfação animal: pelo menos, por aquela noite, tinha se vingado. Depois de lavar o rosto no cano baixo, voltou para ajudar Roberta a arrumar a cama.

— Eu não sei o que aconteceu com você guria, mas vou descobrir. Você é a primeira que dá uma lição nessas meninas — disse a negra abrindo um largo sorriso.

— Eu não fiz nada. Elas tropeçaram no escuro. Sinceramente eu acho que deviam deixar uma luz acesa, assim, ir no banheiro, não se tornaria algo tão perigoso — respondeu retribuindo o sorriso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A guarda parou em frente à cela e olhou espantada para as mulheres machucadas e Carol que esperava pacientemente a porta ser aberta.

— Você andou aprontando de novo?

— Eu? — Carol perguntou com sua melhor cara de inocência — Eu não fiz absolutamente nada.

— Deixa ela, Tonha. As meninas tropeçaram no escuro.

— Tá protegendo essa sacana, Roberto? — Perguntou a guarda alternado o olhar entre Carol e Roberta.

— Eu não to fazendo nada. Apenas disse o que vi. Agora eu quero ir comer se você não se importa. Carol saiu acompanhando Roberta pelo corredor em direção ao refeitório. Não aguentou a curiosidade.

— Porque ela te chamou de Roberto?

— Você não sabe nada de uma cadeia mesmo, né?

— Não. Me ensine.

— Por que você voltou para a mesma cela? Você podia estar em outra agora.

— Não podia sair correndo como uma covarde, precisava retribuir o que me fizeram, além do mais, eu vi o respeito que aquelas meninas tem por você. Eu quero aprender como impor o mesmo respeito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— A vida aqui é simples: Ou você bate ou você apanha. Eu resolvi bater. O primeiro ano é o pior. Se você sobreviver a ele estará segura, mas quer saber a real? É melhor você arrumar um marido e ficar de boa. Ele vai te proteger.

— Aqui dentro só tem mulheres... Por que vocês se tratam como homens?

— A pergunta que você me fez foi porque a Tonha me chamou de Roberto. A resposta é simples: Se alguma mulherzinha aqui me chamar de Roberta, apanha. Aqui sou eu que imponho as regras. O macho da casa.

— Nós temos regras já impostas.

— Aquelas besteiras que você ouviu quando entrou? Esquece. Quem manda num presídio são os próprios presos. Nada acontece aqui dentro sem que nós não saibamos. Tudo o que entra e o que sai é sob nossa supervisão e as regras do presídio só vigoram aquelas que queremos.

— Você é... Uma espécie de líder aqui?

— Não gosto que me chamem assim. Tenho minhas vontades e se todas querem seguir é problema delas. Agora na boa... Sai da minha aba que eu não quero discutir com minhas mulheres por causa de uma branquela como você.

PERIGOSAS ACHERON

— Você que manda... — Carol respondeu com um risinho. Tinha arrumado uma excelente professora.

CAPITULO 08

Carol pegou sua bandeja e escolheu um lugar isolado para comer. Observava as mulheres que a encaravam e depois davam risinhos. Ela teve certeza que as palavras de Roberta eram verdadeiras: até ser conhecida demoraria muito tempo e, nesse período, teria que lutar para sobreviver. Deu uma mordida no pão seco e tomou um gole do suco artificial sem açúcar. Seus olhos cruzaram com os de uma mulher intrigante: Ela tinha, aparentemente, trinta e poucos anos, olhos num verde escuro profundo e cabelos castanhos na altura do ombro. Ela tinha um misto de mistério, perigo e sensualidade que deixou Carol paralisada sem conseguir desviar o olhar.

— Oba! Hoje eu tenho mais comida! — falou uma detenta, ruiva de cabelos presos, pegando a bandeja de Carol dando um gole no seu suco. — Eu vou

ficar com isso gracinha.

Carol viu a mulher se afastando com sua bandeja de comida sem acreditar. Olhou novamente para a mulher que lhe intrigara e ela lhe retribuiu o olhar inquisitivo. Carol balançou a cabeça em sinal de reprovação e se levantou da mesa indo até o lugar onde a ruiva estava sentada. Parou na frente da mulher que ria junto com as outras detentas.

— Você esqueceu uma coisa.

Carol pegou o suco e deu um grande gole bochechando e devolvendo no copo. A detenta se levantou com fúria, mas Carol não deu a mínima importância: derramou todo o conteúdo do copo nos dois pães em cima da mesa.

— Nem seu nem meu, gracinha — falou com ironia se afastando.

Na mesma hora todas as mulheres da mesa se levantaram. Uma penitenciária é um barril de pólvora preste a explodir e Carol havia acendido o estopim. Sentiu duas mãos em suas costas que a empurraram, quase perdeu o equilíbrio, mas se manteve de pé voltando-se para a mulher a sua frente. A ruiva avançou dando um soco, mas Carol foi mais rápida em se desviar e ela esmurrou o ar. Se voltou a ela jogando todo o peso do seu corpo,

PERIGOSAS NACIONAIS

Carol com agilidade se desviou e empurrou a mulher em cima da mesa enquanto as outras detentas começaram a gritar “olé”. Não conseguiu segurar o sorriso de divertimento o que somente contribuiu para que a mulher ficasse com mais raiva ainda. Com uma bandeja na mão foi pra cima de Carol novamente, mas esta se manteve firme e calculou o momento exato para se desviar do golpe, que foi acertar uma de suas companheiras. Ouviu os gritos das guardas que tentavam manter a ordem. — Mas você de novo? — gritou a guarda olhando para Carol. — Acho que mais uma semana na C.I. vai acalmar seus ânimos.

— Devo te chamar de Tonha ou Tonhão? — Carol perguntou olhando para a guarda. — Eu to numa boa comendo e ela veio pegar minha comida. Ah Me poupe! E você ainda quer me colocar no confinamento?!

— Vem comigo que eu vou te ensinar uma lição!

— Deixa ela, Tonha. Quem começou a confusão foi Ângela. — Carol se virou para a voz que a tinha defendido e deu de cara com a mesma mulher intrigante que tinha encarado.

— Eu sei me virar sozinha. — disse se perdendo no obscuro dos olhos verdes.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— A única coisa que você sabe é apanhar sozinha
— a mulher respondeu, dando as costas saindo do refeitório.

Carol a observou até que sumiu de vista. Voltou sua atenção para a guarda que discutia com a ruiva chamada Ângela. Uma sirene indicou o fim do café e o motim foi desfeito. Carol foi indicada para função que iria desempenhar na prisão. Na cadeia as detentas têm várias atividades que podem ser desenvolvidas como trabalhar na cozinha, escritório, enfermaria, lavanderia e faxina. Algumas têm um sistema de recuperação onde empresas privadas recrutam prisioneiras por um salário mínimo mensal que recebem quando saem da cadeia e cada dia de trabalho equivale a um dia de redução da pena. O trabalho mais pesado e designado para as detentas mais perigosas é o da faxina e foi para lá que Carol foi designada. O serviço era cansativo, mas ela gostou da ocupação: levava como um trabalho qualquer para que o tempo passasse logo e nem o cheiro podre do banheiro tirou seu bom humor.

Na hora do almoço se sentou ao lado de Alberta. Berta era uma mulher inteligente e com seus 52 anos exibia uma vitalidade de dar inveja.

PERIGOSAS ACHERON

Estava presa há dois anos e cinco meses e ainda tinha mais quatro pela frente para terminar de cumprir a pena. Carol se simpatizou com ela de imediato: uma mente brilhante utilizada para o crime. Ela fora presa por assalto a mão armada numa loja de conveniência, pois uma câmera no local a delatou. Tinha uma filha de 23 anos que a visitava com frequência e Carol decidiu que aquela seria sua mãe ali dentro.

Na parte da tarde foram liberadas para o banho de sol diário. Carol saiu para o pátio indo se sentar num banco, ao lado da quadra improvisada de futebol. Ficou rindo, sozinha, olhando para as meninas que não tinham o mínimo dom de jogadoras, dando caneladas e chutes para todo o lado, sem a menor coordenação. Passou os olhos por todo o ambiente: Algumas sentadas em rodinhas davam gargalhadas, outras namoravam no canto escondido do pátio e algumas andavam sozinhas olhando para o céu como que fazendo uma prece. Seus olhos cruzaram com os da mulher que a observava intrigada: Tinha certeza absoluta que já tinha visto aquela mulher em algum lugar. Os cabelos castanhos estavam presos num rabo de cavalo e a camiseta do uniforme não tinha mais as

PERIGOSAS NACIONAIS

mangas. Misteriosa, sexy e perigosa. Carol resumiu.

— Fiquei sabendo que você arrumou confusão no refeitório de manhã — falou Roberta sentando ao seu lado com uma mulher de mais ou menos trinta anos.

— Uma folgada veio pegar minha comida. Não vou deixar mais nada passar em branco. Posso até apanhar, mas eu bato também.

— Você é meio maluca da cabeça. Devia alegar insanidade e ir para um hospício. Essa é Cristina.

— falou apontando para a mulher ao seu lado.

— Oi Cristina, sou Carol.

— Se mantém longe de confusão, menina. A coisa mais difícil é fazer amigos, mas inimigos você faz com um piscar de olhos.

— Não quero criar inimizade com ninguém, mas não vou deixar que tripudiem de mim. Quem é aquela mulher encostada na grade? — Carol perguntou apontando para a mulher que tanto lhe intrigava.

— Aquilo ali é problema. Melhor se manter longe dela.

— Quem é ela?

— Porque você quer saber?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Porque você tem mania de não responder o que eu te pergunto?

— Ta querendo apanhar aqui no pátio, é isso?

— Eu sei que você não me bateu na cela e nem vai me bater aqui.

— Você anda muito segura de si mesma, melhor parar com isso. Você nem me conhece.

— De fato eu não te conheço, mas querendo ou não, você me transmite segurança.

— Ai Meu Deus! A branquela pirou de vez!

— Pode rir... Você ainda vai me dar ouvidos. Agora vai me responder ou não?

— Aquela é Leona.

— E quem é a pessoa Leona?

— Uma assassina profissional, traficante, sequestradora, fraudadora e tudo o mais que se encaixa no código penal. Quer se manter viva? Fique longe dela.

— Você tem medo dela?

— Tá me tirando branquela?

— Para de me chamar de branquela!

— Para de me ofender então. Eu lá vou ter medo daquela lambisgoia?! As meninas é que só faltam lambar o chão que ela pisa.

—Ela se pronunciou no refeitório na confusão que

PERIGOSAS ACHERON

Ângela armou...

— Cê tretou com Ângela... Cara... Usa um colete a prova de bala e nunca entre no chuveiro coletivo se ela estiver lá. Você já ta jurada de morte.

— Lembra do que te falei, Roberta? Já estou morta.

— E vai virar uma morta desdentada se me chamar de Roberta mais uma vez.

— Uh! Desculpa! — Carol falou dando um risinho.

— Esqueci! Sim, senhor da casa!

— Eu vou bater nessa branquela!

— Para de falar que quer me bater. Você não vai fazer isso comigo! Tá começando a ficar chato.

— Sua sorte é que eu estou de bom humor!

— Grande sorte a minha!

Carol ficou observando Roberta se afastar com a mulher que julgou ser uma das suas duas mulheres. Tinha criado uma simpatia muito grande por ela. Por mais que quisesse parecer durona, por debaixo daquela casca grossa tinha uma mulher com um coração generoso. Voltou seu olhar para onde estava Leona. Até o nome era provocante o suficiente para fazer Carol passar o resto da tarde pensando nela. Voltou para a cela e a recepção foi muito diferente dos outros dias. Foi introduzida nas conversas e jogos de baralho. Pela primeira vez em

três semanas conseguiu relaxar um pouco. Contou a verdade sobre a morte do pai e elas se mostraram revoltadas e culpadas pela recepção que deram a ela. As meninas que tinha machucado não quiseram conversar, mas no seu íntimo sabia que elas não levantariam mais a mão para ela. Dividiu a cama com Roberta e pela primeira vez em muito tempo teve uma noite tranquila de sono.

CAPITULO 09

Acorda branquela! – cutucou Roberta.

— Hum?...

— Ta com o sono pesado hein?! – Falou Roberta tirando o cabelo do seu rosto.

— Me deixa dormir!

— Melhor não. Até a sirene já tocou e você nem acordou.

— Afe! Mas nem no domingo pode dormir mais um pouquinho!

— Melhor não. Levanta daí. Ah! E bota uma roupa bonita que hoje é dia de visita.

— Ninguém vai vim me visitar. Eu vou ficar aqui mesmo.

— Você é quem sabe, mas Tonha vai vim te tirar da cama e te colocar para dormir uma semana na C.I.

— Ok você venceu. – Carol falou relutante se levantando.

As outras presas já estavam todas se arrumando, fazendo cabelo e unhas e se maquiando. Domingo é

um dia muito especial para algumas delas. Dia de rever os entes queridos e ter notícias do mundo exterior. Na cadeia, as mulheres presas têm poucas visitas. A maioria que vem vê-las ou é da família ou algum amigo. O homem casado com uma detenta não se prende a ela. Não é difícil que depois de um mês de detenção já arrumem outra mulher, o que não acontece dentro de uma prisão masculina, onde o afeto de suas companheiras pode o acompanhar até o final da pena. Presas que não tem visita acabam desenvolvendo laços de amizade com a família de outra detenta e assim passam a receber visitas também. Carol não tinha família e nem amigas dentro da prisão, tinha certeza que Luciana não pisaria os pés dentro de um lugar como aquele e não teria coragem de encarar seu Roberval novamente. Levou a mão ao pescoço, instintivamente, com a recordação do homem que lhe dera o cordão da virgem. A imagem não tinha mais nenhum significado para ela, mas o valor sentimental que aquele pedaço de cordão com um desenho de uma mulher tinha, era maior do que sua incredulidade ao que a ela representava. Saiu andando pelo corredor para o café da manhã e um estranho silêncio tomou conta do refeitório quando

entrou. Alheia a tudo o que acontecia a sua volta foi pegar sua bandeja. Quando se virou para encontrar uma mesa deu de cara com Ângela.

— O que aconteceu aqui vai ter volta! Você sabe, não é?

— Eu não quero arrumar confusão aqui dentro. Tudo o que estou tentando fazer é me adaptar ao lugar. Porque vocês tornam a vida, que já um desastre, num inferno total?

— Minha vida não é um desastre, mas pode ter certeza que vou fazer de tudo para que a sua vire um inferno.

Carol observou Ângela se afastar e balançou a cabeça. Sabia que teria problemas com aquela mulher. Avistou Leona que se sentava numa mesa sozinha. Como que percebendo o olhar insistente de Carol, ela virou o rosto e seus olhos se cruzaram. Carol se sentia hipnotizada pela mulher que tinha um poder incrível sobre ela. Não sabia porquê ficava assim, mas não conseguia desviar os olhos: Era como um ímã. Os olhos verdes a olhavam divertida e Carol devolveu o brilho risonho. Se sentiu uma adolescente paquerando no pátio do colégio.

— Por que você tá encarando Leona? — Perguntou

Roberta sentando do seu lado acompanhada de uma mulher de cabelos loiros oxigenados que não combinavam com o tom de sua pele – Essa daqui é Patrícia.

— Olá Patrícia. Eu não estou encarando ela.

— Claro que tá branquela. Eu vi. Vai mentir pra mim?

— Ela me intriga.

— Por quê?

— Tem uma coisa no jeito dela que não sei te explicar o que é.

— Eu sei o que ela tem. Uma placa na testa chamada confusão. Desencana garota. Se você quiser posso te apresentar uns caras que vão te dar muito mais coisas que ela.

— Tipo o que?

— Carinho, proteção. O Júlio da ala norte paga um pau pra você.

— Ahã... – Carol falou com um risinho. — Me aponte o Júlio.

— É aquele ali atrás olhando pra cá.

Carol virou o rosto e viu uma mulher com aproximadamente trinta e oito a quarenta anos que a olhava sorrindo. Ela era um perfeito homem. Andando pela rua ninguém diria que era uma

PERIGOSAS NACIONAIS

mulher.

— Por que você acha que eu vou gostar do Júlio?

— Não precisa gostar, basta acompanhá-lo.

— Ainda não consigo me acostumar com essas manias de vocês.

— Você nunca ficou com uma mulher, branquela?

— Antes de vir pra cá fiquei quatro anos dentro de uma Fundação. Lá eu fiquei com algumas meninas, mas vocês têm um jeito muito diferente. Aqui vocês têm uma divisão muito certinha de tudo.

— Eu não to falando de ficar dentro de uma prisão. To falando de ficar fora, no mundo real.

— Mundo real... – Carol repetiu as palavras de Roberta. Aquele era seu mundo real, mas não iria falar de Luciana nem de Flavinha. – Não. Acho que eu nunca tive um mundo real.

— Na cadeia é simples: você tem as lésbicas e as sapatão. Eu sou uma sapatão.

— E o que isso significa aqui dentro?

— Aqui somos nós que mandamos. Ai se alguma resolver me tocar. Eu é que posso fazer carícias e fazer ela gozar gostoso pra mim.

— E são as que se vestem e se comportam como homens até mesmo trocando o nome – completou Patrícia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você se encaixa em qual perfil? — Carol perguntou.

— Eu sou homossexual pela circunstância. To presa desde dois mil e seis e quando conheci o Roberto aqui dentro, minha cabeça pirou, né amor? — falou fazendo uma carícia no rosto de Roberta. — Lá fora eu só me relacionava com homens, mas é quase igual.

— Tem também as meninas que são obrigadas a ter um marido e é o que vai acontecer com você se continuar dando trela para Leona.

— Eu não me encaixo em nenhuma dessas categorias que você falou.

— Vai se encaixar futuramente e não vai demorar muito.

Carol ficou olhando para Roberta que se afastava com sua outra mulher. Voltou seu olhar para o lugar onde Leona sentava, mas ela não estava mais lá. Saiu para o pátio observar as presas que começavam a receber as visitas. No seu íntimo desejava ver Luciana, mas não suportaria a ideia de encará-la na sua atual situação. Se dirigiu até um banco vazio e começou a fazer abdominais. Viu Roberta que caminhava para um homem com um rapaz jovem. Concluiu que devia ser sua família. O

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

rapaz era o mesmo da foto que tinha visto e deu um pequeno sorriso de satisfação. Ela teria alguém para encontrar quando saísse da cadeia. Voltou sua atenção ao exercício e não percebeu as três pessoas que se aproximavam.

— Carol — a voz gelou seu coração por um momento. Luciana!

— Lú! — Carol falou se voltando para a menina loira parada na sua frente. Junto com ela seu Roberval e dona Clotilde, sua esposa. — O que vocês estão fazendo aqui?

— Viemos te ver, Carol. Disseram que no domingo passado você não podia receber visitas.

— Não deveriam ter vindo!

— Não fala assim Carol!

— Esse lugar não é para vocês.

— Qualquer lugar é nosso desde que você esteja nele — falou seu Roberval pegando sua mão. — Me dá um abraço menina. Tava com tantas saudades de você!

— Seu Roberval, eu tenho tanta vergonha de ter que ver num lugar como esse por minha causa!

— Não tenha vergonha, Carol. Você vai sair daqui. Foi injusto o que fizeram com você. Não deveria estar presa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sou uma assassina, seu Roberval.

— De um homem que não era digno do chão que pisava.

Carol deu abraço demorado no homem, que era seu pai de verdade, e em dona Clotilde que adorava de coração. Deixou o abraço de Luciana por último. Ela estava linda usando um vestido de algodão com alcinhas. Carol enfiou a cabeça em seu pescoço sentindo o perfume que a tinha torturado por muito tempo. O calor do seu corpo se misturou com o de Luciana e ficaram assim por um bom tempo. Separam-se com relutância.

— Nós vamos te tirar daqui, Carol. Falamos com uma advogada e ela vai cuidar do seu caso.

— Eu não quero que vocês contratem um advogado. Eu fui presa em flagrante. É perda de tempo!

— Mas ela nos disse que pode alegar legítima defesa. Você tinha testemunhas. Inclusive eu.

— Eu não quero que você se envolva nisso, por favor, Lú.

— Já estou envolvida, mas não vamos conversar sobre isso agora. Nos conte como você está. Veja: Trouxemos comida e roupas. Tem também alguns produtos como shampoo e cremes...

PERIGOSAS ACHERON

Carol não pode deixar de rir. A última coisa com a qual ela estava preocupada ali dentro era o shampoo. A tarde correu como nunca antes e uma sirene anunciou o fim da visita. Carol se despediu de Roberval e sua esposa com aperto no coração. Queria de toda a alma ir embora com eles, mas Lú lhe disse que logo ela sairia dali. Ao se despedirem Luciana procurou sua boca para um longo beijo. Carol não se importou com o monte de pessoas que tinha no pátio e a abraçou mais apertado que pôde, explorando aquela boca doce. Com a magia do momento não viu Leona que a fuzilava com o olhar e também não viu Roberta que a olhava incrédula.

CAPITULO 10

Carol voltou para sua cela flutuando nas nuvens. Ver Luciana novamente tinha renovado suas forças. Foi a última a entrar na cela, percebendo um clima estranho no ar. Todas estavam quietas em suas camas sem pronunciar uma palavra. Carol deduziu que fora a emoção do dia, mas alguma coisa na postura de Roberta lhe dizia o contrário. Ela estava em pé com a cabeça encostada no beliche respirando fundo. Carol deu cinco passos cruzando os três metros que as separavam.

— Roberta...

O murro que Roberta desferiu em seu rosto, jogou-a no chão. Carol, pega totalmente desprevenida, a encarou com um misto de raiva e surpresa no olhar.

— O que aconteceu? Ta louca, Roberta?!

— Quantas vezes eu já te falei para não me chamar de Roberta? — gritou a negra, com fúria.

PERIGOSAS NACIONAIS

— E desde quando eu te chamo de Roberto? — Perguntou Carol levantando do chão, limpando o filete de sangue que escorria do corte na boca.

— Nunca faça gracinhas comigo! Eu já te disse mil vezes que não quero ser sua amiga!

— Até agora não contei mil, mas talvez já esteja alcançando os cem. — Carol falou com ironia. — Posso saber porque apanhei?

— Não brinque comigo, Carol. Você não me conhece! — tornou a gritar, dando um murro na parede ao seu lado.

Roberta nunca a tinha chamado de Carol. A coisa era seria mesma.

— Rober... Roberto... Me conte o que foi que eu fiz! Se você não me disser eu não vou saber!

— Vou te contar, Carolzinha...

Roberta avançou em seu pescoço e a prendeu contra a grade espremendo seu corpo contra o dela tirando sua respiração com o aperto das mãos na sua garganta.

— Você mentiu pra mim e, se tem uma coisa que eu nunca perdoo, é mentira...

— Que mentira? — perguntou, com dificuldade para respirar.

— Quem era aquela loira lambisgoia com você no

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pátio?

Então era isso! Luciana, deduziu.

— Meu passado.

— Não me pareceu tão passado!

— Me erra, Roberta — Carol enfiou os dedos nos olhos de Roberta que se afastou com a dor. — Está com ciúmes de mim agora?

— Sua filha da puta! — Xingou Roberta indo pra cima de Carol.

As duas se atracaram entre chutes e murros caindo no chão. As presas de outras celas começaram a gritar, incentivando a violência. Foram separadas pelas próprias companheiras.

— Me solta caralho! Eu vou matar essa branquela!

— Pode vir. Me solta!

— Que confusão do inferno é essa? — gritou uma guarda.

— Não é nada não, Áurea. — Falou Berta soltando os braços de Roberta. — Você sabe como é depois da visita.

— Eu sei. Tá com ciúmes da menina, Roberto?

— Vai se lascar! Eu lá vou ter ciúmes dessa branquela?

— Foi o que pareceu pra todo mundo, inclusive pra mim! — falou Carol ajeitando o cabelo.

PERIGOSAS ACHERON

— Você cala a boca!

— Vem fazer eu calar a boca!

Quando as duas mulheres fizeram menção de se juntar novamente, foram seguradas pelas prisioneiras em alerta. Não teria como mantê-las na mesma cela naquela noite e foi à mesma conclusão que a guarda chegou. Roberta se adiantou para sair e foi encaminhada a outra cela no setor leste.

— Vê se esfria a cabeça – falou a guarda trancando a cela.

— O que você tá fazendo aqui, Roberto? – Perguntou uma das prisioneiras.

Roberta não quis responder e não quis falar com ninguém. Sentou no canto no chão apoiando a cabeça nos joelhos. Não tinha respostas para nenhuma delas e nem para a pergunta que repercutia na sua cabeça: Porque se sentia daquele modo, afinal, nunca tinha prestado atenção em Carol antes daquela tarde, ao ver a bela mulher loira nos seus braços.

O dia amanheceu junto com a sirene que tocava sem parar. Carol levantou e se aprontou para sair. A guarda abriu a porta e ela foi a primeira a ir para o corredor. Toda a penitenciária parecia tensa. A segunda-feira é o dia que mais sai briga por causa

das visitas do dia anterior. Muitas presas que se envolvem no xadrez não sabem diferenciar o mundo carcereiro do mundo real. Os sapatões não admitem que suas mulheres recebam visitas de seus antigos companheiros e amigos e todo o lugar vira uma grande panela de pressão prestes a explodir. Carol tinha testemunhado isso na noite anterior, mas não estava preparada para o que veria no refeitório. Assim que pegou sua bandeja foi para sua mesa corriqueira, quando deu a primeira mordida no pão ouviu um estrondo: Uma mulher havia sido empurrada por seu “namorado” derrubando outra presidiária e sua respectiva bandeja. Ela tinha recebido a visita do ex-marido junto com seus filhos e aquilo fora a gota d’água para sua companheira. Subindo na mulher, a outra começou a esmurra-la sem dó, batendo com violência. Carol ficou olhando aquilo assustada e sem entender porque as outras prisioneiras não tentavam detê-las. Nem as guardas apareceram. Levantou da mesa, mas foi interceptada por Berta que se aproximava.

— Não se envolva, Carol. Ela já estava avisada de que isso aconteceria se visse o marido novamente.

— Mas ela vai matar a mulher!

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não vai não. Vai ficar uma semana na enfermaria depois vai voltar para os braços do Pedro.

— Pedro a mulher que tá batendo nela ou o marido?

— Vânia.

Carol levou a mão a boca olhando quando o “Pedro” saiu de cima da mulher que estava desmaiada no chão. Tonha e outra guarda chegaram e levantaram a mulher do chão fazendo gracinhas entre si, levando-a para a enfermaria.

— Como vocês conseguem conviver com isso? — perguntou empurrando sua comida. Tinha perdido totalmente a fome.

— Dia de segunda é a coisa mais normal. Você viu ontem à noite.

— Eu não esperava aquilo da Roberta.

— Ninguém esperava.

— Onde será que ela está?

— Por aí.

Carol levantou os olhos da mesa e viu Leona, que estava com a cara mais amarrada do mundo, vindo em sua direção. Berta e as outras mulheres imediatamente se levantaram pegando suas bandejas olhando afastadas. Carol não se moveu do

PERIGOSAS ACHERON

lugar voltando os olhos para aquela mulher que tanto lhe chamava a atenção. Ficaram se encarando por um segundo inteiro.

— Vai me dizer alguma coisa? – perguntou Carol quebrando a tensão.

— Você é minha.

Carol não pode deixar de dar uma sonora risada. Era só o que faltava! Leona se surpreendeu com a atitude da mulher a sua frente. Com uma raiva indomada, tombou a mesa para o lado avançando em Carol, que ainda não tinha se levantado de onde estava sentada.

— Vai me mandar inconsciente para a enfermaria também? – Carol perguntou pondo-se de pé dando um passo em direção a Leona.

— Vou fazer muito pior com você. Já viu como essas filhas das putas me respeitam? Vou te ensinar a mesma coisa.

Leona avançou em Carol colocando suas mãos em seu pescoço sufocando-a. Carol tentou se livrar do segundo sufocamento em menos de vinte e quatro horas, mas a força da mulher era descomunal. Tentou atacar sua visão sem surtir nenhum efeito. Surgindo do nada Roberta se materializou na sua visão já turva agarrando os cabelos de Leona

PERIGOSAS NACIONAIS

fazendo com que ela soltasse o pescoço de Carol, que foi parar no chão tentando recuperar o fôlego.

— Vai se meter de novo comigo Roberta? Esqueceu da última lição que eu te dei?

— Essa branquela é minha! Você não vai colocar as mãos nessa!

— Não vou colocar apenas a mão. Pode ter certeza disso.

— Tente!

Carol ficou olhando o embate das duas mulheres a sua frente. Sabia que estava diante de duas titãs ali dentro.

PERIGOSAS ACHERON

CAPITULO 11

Carol se levantou do chão sem desgrudar os olhos das duas mulheres paradas a sua frente. Era palpável a tensão em todo ambiente. Roberta deu um passo pra trás voltando com os pulsos cerrados em direção a Leona. Esta se desviou dando uma joelhada na barriga de sua oponente jogando-a no chão, caindo aos pés de Carol. Leona se afastou pedindo que Roberta levantasse e foi o que ela fez, indo agarrar a morena jogando-a contra o piso de cimento. O que se sucedeu depois foi uma serie de socos, chutes e tudo o que se pode ser usado em uma briga. A cena que se desenrolava fez com que Carol saísse correndo atrás de Berta que olhava afastada, pediu sua ajuda para separá-las.

— Você não vai querer se meter! — falou Berta tirando o corpo fora. — Ninguém se mete com essas duas.

— Mas elas não vão parar sozinhas! Temos que separá-las! — falou Carol aflita.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você provocou isso.

— Eu?! Eu não fiz nada. Por favor, me ajude!

Berta se recusou terminantemente em ajuda-la. Sabia que entrar numa briga como aquela era pedir para levar um murro no nariz, mas Carol não sabia disso. Tentou chegar perto das duas mulheres engalfinhadas no chão, mas não conseguia. Começou a gritar para pararem, mas era a mesma coisa que gritar para uma parede. Depois de alguns intermináveis minutos apareceram seis guardas para separá-las. Roberta ostentava um corte na boca e Leona estava com o nariz sangrando.

— Eu vou te matar, Leona!

— Vem! Mas faça bem feito porque se eu sair viva quem morre é você!

— Me solta! — Roberta gritou com as duas guardas que tentavam detê-la.

— Vamos sair daqui Roberto — Falou Tonha soltando seu braço, mas ainda em estado de alerta — E você vai cuidar deste nariz Leona.

— Vai se fuder, Tonha! — falou Leona limpando o sangue com a barra da camiseta. — E você Carol, toma muito cuidado porque esse sapatão não vai me deter.

Carol não soube o que falar. Não tinha o que ser

PERIGOSAS ACHERON

dito. Foi para junto de Roberta.

— Desculpa...

— Não tem o que me pedir desculpas. Só toma cuidado com esse urubu.

— Eu vou com você para a enfermaria.

— Foi só um corte na boca, branquela, não precisa se preocupar.

— Eu me preocupo com você.

Carol saiu acompanhada de Roberta e não viu quando esta virou a cabeça para trás e deu um sorriso de triunfo para Leona, que cada vez ficava mais irritada com a atitude da menina que há muitos dias tirava seu sono.

Edilene Santos Silva, nunca foi um exemplo de boa filha. Desde sua infância denotava seu instinto manipulador e vingativo. Ainda no colégio exemplificava como podia ruim. Batia nas meninas e fazia maldades com suas professoras colocando ratos e baratas nas suas gavetas e cola instantânea nas cadeiras. Foi expulsa de três escolas até os treze anos. Quando entrou na adolescência conheceu seu primeiro namorado e o mundo do crime. Era a isca para chamar a atenção de algum comerciante, distraindo o cara para que seus comparsas o

PERIGOSAS NACIONAIS

assaltassem. Se na escola não tinha sido uma boa aluna, foi um exemplo de dedicação fora dela: aprendeu a desenvolver crimes perfeitos sempre estudando suas vítimas com antecedência. Sempre saía ilesa de seus golpes. Com vinte anos fez sua primeira vítima fatal: Um homem quis bancar o espertinho arrumando uma armadilha para pegar os sequestradores do seu filho de quinze anos. Edilene não perdoou o fato de quase ter ido para a cadeia e a primeira providência foi enviar um membro do corpo de seu filho até o escritório. O resto foi achado boiando em um rio perto da capital paulista. A alcunha de Leona foram os noticiários que deram. No princípio não gostou, mas como todo marginal que se preze fez com se tornasse sua marca registrada. Aprendeu a manusear armas de fogo e armas brancas como ninguém: adorava a sensação de perigo que cada assalto proporcionava. Aos vinte e cinco anos já era uma criminosa respeitada: tinha uma organização sobre seu comando e um nome entre os principais criminosos da cidade. Leona tinha uma mente brilhante e uma inteligência sagaz que não permitia cometer erros e quem assim o fizesse, pagava com a vida.

Foi no assalto mais ousado de sua “carreira”

PERIGOSAS ACHERON

que o destino lhe sorriu: Um descuido com o sistema de segurança fez com que um banco ficasse cercado de policiais. Sabia que se resistisse não sairia viva e não tendo para onde correr se entregou. Julgou que não ficaria mais que dois anos presa, pois seus “amigos” a tirariam de lá. Doce ilusão. Isso fora há dez anos. Dentro do presídio fez valer sua fama fora dos muros e com um pouco de ousadia e violência se tornou a detenta mais perigosa da penitenciária para o qual tinha sido transferida. Não tinha amigos, mas tinha quem quisesse. Quando Roberta entrou sabia que estava diante de uma prisioneira a sua altura, mas ela quis bancar a espertinha se tornando a defensora dos fracos e oprimidos, colocando as ordens ao seu modo. A vinda de Carol para o presídio fez despertar emoções que não sentia há muito tempo. O olhar doce e inocente tinha despertado uma emoção que nunca sentira: A vontade de estar sempre com ela, de tocá-la e ser tocada por ela, mas o destino novamente lhe sorria e ela foi parar na cela de Roberta. Sabia que elas não transavam, pois Julia tinha contado. Iniciou um jogo de paquera e sedução que estava fluindo bem, mas quando viu a bela menina loira a beijando seus olhos se

tamparam com uma escuridão. Decidiu que não teria tempo nem paciência para joguinhos, que pegaria o que queria sem pedir, mas Roberta havia interceptado seu caminho. Não tinha importância: matar não era um problema para ela e Roberta não significava nada, apenas a bela morena que saía do refeitório com a mão enlaçada na cintura de sua maior rival ali dentro significava alguma coisa.

CAPITULO 12

- Ai...
- Desculpa... Tá doendo muito?
- Um pouco.
- Leona te pegou de jeito!
- Eu vou matar aquela vadia.
- Não vale a pena sujar as mãos por ela.
- Mas vale sujar por você!
- O que é isso Roberta? — perguntou Carol fitando os olhos castanhos — Eu to te estranhando...
- Eu também estou. Quando eu vi você beijando aquela menina loira me deu um negócio estranho... Sei lá. Ciúmes eu acho, mas foi a Leona que me tirou do sério mesmo. Não suporto a ideia de ver ela te tocando!
- Mas você sempre disse que eu sou uma branquela e que não quer nada comigo!
- Eu sei — Falou Roberta com um sorriso. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Acho que faz parte de mim te provocar e você de certa forma mexe comigo.

— Eu não quero criar expectativas onde não existe. Eu tenho uma vida muito complicada e não quero me tornar mais um número seu.

— Mais um número?

— A número três. Patrícia e Cristina.

— Elas não são tão importantes.

— E eu sou?

— Eu nunca falei isso branquela e não é pra ficar se sentindo não, mas você é sim importante.

— Você tá esquecendo de um detalhe.

— Qual?

— Luciana.

— Então esse é o nome da minha rival.

Carol não pode deixar de dar uma risada.

— Por que você acha que ela é uma rival? Você pode nem entrar no páreo.

— Tá me tirando branquela? E aquela menina vai ser páreo pra alguém?

— Agora é você que está se sentindo!

— Não to não!

— Leona disse que você se esqueceu da última lição que ela te deu... O que ela quis dizer?

— Quando eu entrei aqui, vi que ela era uma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pessoa perigosa e que todas tinham medo dela. Tudo o que ela dizia era uma ordem. Eu a desafiei, fui contra tudo o que ela dizia e por isso tivemos várias brigas, mas a pior foi quando entrou uma menina chamada Cibeles. Eu piquei por ela da mesma forma que estou pindo por voc4e e ela inventou de se interpor entre eu e a menina. Te confesso branquela: Apanhei pra caramba, mas bati tamb4m.

— E Cibeles?

— Aquela vadia se encantou com ela. Temo que isso aconte7a com voc4e tamb4m.

— Eu n4o estou em condi74es de me encantar com ningu4m. A 4nica pessoa que consegue despertar esse sentimento em mim 4 a L4 s4 que tudo 4 uma grande confus4o na minha vida e ela n4o faz mais parte dela.

— Eu vi o brilho que ela tem nos olhos. Ela 4 apaixonada por voc4e.

— E por quanto tempo isso vai durar? Eu n4o fa7o nem ideia de quanto tempo vou ficar aqui. N4o posso prend4-la a mim. Tenho certeza que ela vai encontrar uma mulher linda que a fa7a feliz.

— Branquela – Falou Roberta pegando as m4os de Carol — Deixa as coisas acontecerem entre a gente?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não posso te prometer nada.

— Também não quero que você prometa. Eu quero que aconteça.

— Tá achando que aqui é moleza Carol? — Perguntou uma guarda entrando na sala da enfermaria — Não vi você lavando nenhum banheiro ainda.

— Deixa ela. Ela tá cuidando de mim.

— Roberto... Roberto...

— Eu vou lá. Conversamos mais de noite.

Carol deu um beijo no rosto de Roberta e saiu da sala. Aquela era a segunda feira mais estranha da sua vida. O rompante entre Leona e Roberta tinha sido algo inesperado: mais inesperado ainda fora a declaração de Roberta. Acreditava que era somente coleguismo, nem mesmo amizade era, mas ela a tinha surpreendido. Começou a esfregar o chão pensando nas duas mulheres. Tinha Roberta como uma amiga. Não havia, até então, pensado nela como mulher ao contrário de Leona que denotava sensualidade em tudo o que fazia. O jeito como ela olhava pra ela querendo descobrir seus segredos mais íntimos a hipnotizava, mas ao mesmo tempo tinha medo de onde estava se envolvendo. Não sabia quem era a pessoa Leona e isso a tornava

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mais atraente ainda. “Acho que a Roberta tem razão” pensou Carol “Tenho o dom de me envolver em confusão”. Carol voltou sua atenção para o chão imundo do banheiro. O estomago já não reclamava mais de lugares como aquele. Depois de meia hora o cheiro já não era tão insuportável. Estava terminando quando Leona bloqueou sua passagem.

— Olá, Carol.

O coração de Carol bateu descompassado. Como aquela mulher conseguia aquele efeito somente com um oi?

— Oi.

— Eu não gostei do jeito como você saiu do refeitório hoje.

— Eu não gostei da forma como você se comportou lá dentro.

— Por causa do Roberto?

— Também. Eu não sou um objeto para vocês ficarem disputando.

— Não. Claro que não – Falou Leona chegando mais perto. – Você é mais que isso!

— Leona eu não quero confusão!

— Eu também não, linda, mas parece que Roberto não pensa do mesmo modo.

— Ela só está tentando me proteger.

PERIGOSAS ACHERON

— Do que? De um ser malvado como eu?

— Não é isso...

— É o que então? — As costas de Carol tocaram a parede do chuveiro.

— Leona eu...

Carol cometeu seu pior erro: Fitou os olhos verdes que ardiam de desejo. A respiração lhe falhou por um momento. Sabia que aquilo tudo era loucura, mas não conseguia desviar o olhar hipnótico que Leona sustentava. Sentiu as mãos da mulher tocando sua cintura e a respiração ofegante perto do seu rosto. Os olhos automaticamente desceram para os lábios entreabertos que pediam um beijo. As mãos de Leona a descolou da parede fazendo com que colasse no seu corpo. Carol sentiu novamente a força daqueles braços, mas de forma mais carinhosa que anteriormente. Deixou a cabeça pender pra trás enquanto Leona lhe beijava o pescoço subindo as mãos para seus seios. Um gemido involuntário escapou dos seus lábios e segurando os cabelos castanhos buscou a boca para um beijo. A língua quente e macia invadiu sua boca fazendo todo o corpo reagir aquele contato. Leona a prensou contra a parede deixando a língua brincar com a de Carol. Ora mais calma, ora mais exigente

fazia com que a morena a sua frente soltasse gemidos segurando seus cabelos de forma selvagem, descendo as mãos pelas suas costas subindo sua camiseta para sentir a pele por debaixo do tecido. Num momento de sanidade Carol viu Luciana e Roberta passar pela sua mente. Tentou se livrar dos braços que a apertavam. Leona ficou surpresa com a súbita resistência de Carol e prendendo suas mãos atrás do seu corpo, desceu pelo seu pescoço novamente.

— Para, Leona! Para, por favor!

— Por que Carolzinha? Tá tão gostoso! Eu sei que você está gostando!

— Eu não posso fazer isso com Roberta...

Foi a pior coisa que Carol poderia ter dito. Com raiva, Leona lhe deu uma bofetada que foi parar no chão. Se encolhendo com a dor Carol, viu a mulher que ia pra cima dela montando em seu corpo tentando rasgar sua camiseta. Tentou atacar Leona, mas sabia que sua força era menor do que a dela. Leona prendeu seus braços e voltou sua atenção para os seios agora descobertos. Admirou por um tempo antes de abocanhá-los. Carol fechou os olhos e deixou uma lágrima escapar dos seus olhos. Só abriu quando ouviu a voz de Berta e da guarda que

PERIGOSAS NACIONAIS

entraram no banheiro.

— O que você está fazendo, Leona?

— Melhor vocês saírem daqui! Essa sacana vai aprender que não deve brincar comigo!

— Sai de cima dela! — Ordenou a guarda. — Você não pode fazer o que você quiser, Leona!

— Não posso? — Perguntou Leona saindo de cima de Carol indo pra cima da guarda. — O que eu não posso fazer aqui dentro?

Carol aproveitou o momento de distração de Leona e saiu correndo do banheiro. Encontrou Roberta perto da cozinha. A abraçou o mais forte que pode sentindo a mesma sensação de segurança que sempre sentia perto dela.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 13

Carol voltou para a cela acompanhada de Roberta. Ela não insistiu para saber o que tinha acontecido e foi melhor assim. Naquela noite dormiram abraçadas e Carol sentiu que ela acariciou seus cabelos até que pegasse no sono. No dia seguinte Roberta fez questão que ficasse juntas o tempo todo: Carol foi para a oficina onde ela trabalhava buscando a redução da pena. A negra era experiente naquilo que fazia, encaixando as peças que corriam por uma esteira com uma rapidez que deixou Carol impressionada. Ela tinha sido presa por causa do marido. Ele era um traficante conhecido no lugar onde moravam e tinha escondido a mercadoria em casa. Quando a polícia arrombou a porta atrás dele não o encontraram: Apenas Roberta com cinco quilos de crack e coca.

Até explicar que aquilo era do marido e não dela levou muito tempo. Tempo este que esperava encarcerada na penitenciária feminina de Santana.

— Aquele homem, que estava com seu filho, que é seu marido? — Perguntou Carol pegando a peça que ela tinha acabado de montar.

— Claro que não, branquela! Aquele era meu pai. Nunca mais quero ver aquele monstro na minha frente.

— Só uma curiosidade... Se você era casada com homem, por que se envolve com mulheres e se comporta como homem? Você é bissexual?

— O mundo aqui dentro é muito diferente do que você viu lá fora. Você precisa de um corpo para abraçar e fazer carinho senão pira. A maioria dos relacionamentos aqui nasce do desamparo e da solidão. Quando eu entrei me senti a pessoa mais perdida do mundo. Algumas sapatão veio bancar de espertinhas pra cima de mim, mas nunca deixei uma mulher me tocar, então resolvi que se queria sobreviver sem ser obrigada a ter um marido, eu teria que ser uma pessoa diferente.

— É um contrassenso, não é? Quero dizer, você se envolve com mulher da mesma forma.

— Não. Eu não sou mulher de ninguém, diferente

PERIGOSAS NACIONAIS

de outras que são ou podem se tornar minhas mulheres. Esquece tudo o que já viu fora desses muros. A penitenciária é um mundo dentro do mundo. Aqui é preciso se impor, mostrar quem manda. O que eu não queria era viver como essas menininhas como Patrícia, que se submete a tudo o que eu quero.

— Se você não quer pra si mesma, porque faz pra elas?

— Por que aqui é a lei do cão. Faça para os outros o que você não quer que façam pra você. Somente assim você vai ter respeito.

— É uma forma de pensar um pouco estranha.

— Tudo aqui é estranho e com o tempo você aprende. A única lei aqui é matar ou morrer. Você só tem que decidir em que lado que ficar.

Carol já tinha feito essa escolha enquanto conversava com miolo no confinamento, mas sabia que teria que ser um pouco mais agressiva com sua decisão. Uma sirene indicou o intervalo da jornada de trabalho e foi com Roberta para o refeitório. Viu Leona que a observava de longe. O olhar penetrante parecia querer despi-la. O poder que Leona tinha sobre ela era indiscutível, mas tinha certeza absoluta que não se submeteria a outra cena como a

PERIGOSAS ACHERON

do banheiro. Era como Roberta tinha dito: faria aos outros o que não queria que fizessem com ela. Sentou junto com Roberta para comer e percebeu que as duas mulheres não desgrudavam os olhos. Inimigas que jamais de bicariam.

A tarde transcorreu sem nenhuma novidade para Carol. Quando foram liberadas para o banho de sol, Roberta foi atrás de uma das suas mulheres e ela foi fazer exercícios em uma barra de aço suspensa por duas colunas de concreto. Não tinha costume de praticar exercícios físicos, mas sabia que era fundamental manter a boa forma do corpo. Viu Leona que se aproximava de um banco e sentando-se tirou a camiseta sem as mangas. Ela usava um top preto deixando de fora a barriga bem definida. Carol ficou por um pouco de tempo suspensa admirando a cena: Ela havia se deitado fazendo abdominais. Sexy. Foi a única palavra que passou pela cabeça de Carol. Leona percebeu seu olhar insistente e voltou sua atenção para enxergá-la. A morena desviou a vista, voltando a se concentrar no exercício. Viu quando uma garota loira, beirando seus vinte e cinco anos, chegou perto dela com um copo de água. Ajeitou o cabelo de Leona pra trás e despejou a água em sua boca

PERIGOSAS NACIONAIS

metade sendo engolida e o resto banhando seu pescoço e busto. Carol desceu da barra esquecendo do exercício, ao mesmo tempo fascinada com a cena, e furiosa de raiva. Mais brava ficou quando viu a loira se debruçar sobre Leona dando um beijo que desentupiria até um ralo. Saiu do pátio pisando nos calcanhares passando como um tiro pelas duas mulheres que continuavam grudadas. Não viu quando ela virou a cabeça dando um risinho de satisfação puxando a menina loira para sentar em seu colo.

Carol enfiou a cabeça embaixo de uma torneira para esfriar a mente. Se recriminando deu um murro na pia, se xingando, por permitir que somente um ato de Leona fizesse isso com ela. Jogando a cabeleira preta ensopada para trás viu Roberta que se atracava com Cristina num canto. Procurou um lugar escondido e ficou olhando a cena: Roberta prendia a mulher contra a parede beijando sua boca alternado para o pescoço, percorrendo as mãos por todo o corpo de Cristina que soltava baixos gemidos. As mãos insinuaram por baixo da camiseta apertando os seios, provocando. Uma das mãos desceu para dentro da calça fazendo Cristina e Carol perderem a razão.

PERIGOSAS ACHERON

Um tesão tomou conta do seu corpo desejando estar no lugar da mulher que segurava a cabeça de Roberta enquanto ela começava a enfiar os dedos na vagina fazendo claros movimentos com o braço. Carol prendeu o corpo na parede respirando fundo. Viu quando a mulher gozou, deixando os gemidos altos tomar conta de todo o ambiente abraçando Roberta. Se encostou na parede que garantia sua proteção e resolveu sair dali antes que as duas mulheres a visse. Quando fez menção de voltar ao pátio viu Leona que entrava agarrada com a loira, com a camiseta jogada no ombro, indo em direção ao corredor que levava as celas. Aquele definitivamente não era seu dia. Carol voltou para o pátio esperando dar o sinal de voltar para a cela. Ficou imaginado como tudo era estranho ali dentro. As duas que se diziam gostar dela estavam trepando com outras garotas. Sabia que estava com ciúmes de ambas. “Não queira abraçar o mundo, Carol” dizia para si mesma, mas o seu corpo dizia o contrário, principalmente o sexo que estava molhado e latejando por ter uma daquelas mulheres.

A última vez que fizera amor com alguém fora com Luciana há semanas. Nunca fora ligada em sexo e

PERIGOSAS NACIONAIS

já tinha passado meses sem ser tocada por alguém, mas ao mesmo tempo em que um presídio transpira violência e perigo transpira sexo também. Geralmente as mulheres que se envolvem são separadas para que não haja brigas demasiadas dentro das celas então a única forma de se verem e se curtirem são durante o trabalho ou o horário de recreação. A coisa mais estranha é não ver duas mulheres se pegando durante esses horários. O único dia que é respeitado por todas é o dia de visita.

Carol escutou a sirene e se pôs de pé, indo para a cela. Foi a primeira a chegar constatando que tinha prisioneira nova no lugar. Observou a mulher que beirava seus trinta e cinco anos. Ela estava encolhida num canto. Carol entrou e não deu importância para a figura assustada. Se viu nos olhos da mulher no primeiro dia de sua estadia. Rezou para que ela fosse mais bem recepcionada. Roberta foi a última a entrar indo direto para sua cama. Deitou esticada, fechando os olhos.

— Algum problema? — perguntou Carol lembrando da cena que tinha visto.

— To com uma puta dor de cabeça.

— Vem cá — Carol falou oferecendo seu colo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Roberta apoiou a cabeça nas pernas de Carol e esta começou a fazer caricias na cabeça raspada. O contato fez com que ficasse imediatamente excitada. Inconscientemente as mãos a apertavam e a respiração ficou pesada.

— O que foi? — perguntou Roberta olhando para a morena.

— Eu vi você com Cristina. — Carol falou baixinho no seu ouvido.

— Tava me espiando, branquela?

— Não... Quer dizer... Foi sem querer.

Roberta a olhou com um sorriso divertido. Carol adorava as covinhas que sempre aparecia no rosto da mulher a sua frente.

— O que você achou?

— Achei que você tinha me dito que estava afim de mim.

— E estou mesmo, mas não vou ficar te esperando todo o tempo. Lembra do que eu te pedi ontem? Deixa acontecer.

— E que tal deixarmos acontecer? — Carol perguntou com um brilho malicioso no olhar.

— Acho uma excelente ideia.

Se esquecendo das mulheres na cela, Roberta a puxou para um beijo. Carol deitou por cima da

PERIGOSAS ACHERON

negra deixando a língua se encontrar com a dela. Prendia entre seus dentes com delicadeza e depois sugava com carinho. Os movimentos bem coordenados foram esquentando e a mão de Roberta se insinuou por cima do tecido. Puxou um cobertor por cima delas e continuaram as provocações. Carol não levou a sério o que ela tinha dito na oficina e começou a tocar seu corpo, beijando o pescoço se encaixando no meio de suas pernas. Quando fez menção de colocar as mãos dentro da calça foi detida por Roberta.

— Não, branquela...

— Sim – Respondeu Carol suspendendo a cabeça fitando seus olhos. Os cabelos caíam desalinhados.

— Você é muito linda!

— Imagina a sensação de ter uma mulher tocando todo o seu corpo... Te acariciando... O cabelo deslizando por sua pele... Tem coisa mais gostosa que isso?

— Não sei, branquela. Me mostra e depois eu te respondo.

— Vocês não vão transar com a gente acordada ainda, né? – Perguntou uma das detentas em tom de protesto.

— Cala a boca, Adriana – falou Roberta abafado,

PERIGOSAS NACIONAIS

com a boca grudada na de Carol.

— Que pouca vergonha, Meu pai amado... — falou a mulher que tinha acabado de entrar ainda encolhida num canto.

— O que você disse? — Perguntou Roberta se apoiando em um cotovelo.

— Eu disse que pouca vergonha! Que coisa nojenta. Vocês são duas mulheres. Que horror!

— Cala a boca sua filha da puta! — gritou Roberta se alterando.

— Pai amado de misericórdia, proteja seus filhos na terra da corrupção humana. Não somos dignos do seu carinho, ó pai. Perdoa essas meninas que não sabem o que fazem aliviei-as do seu jugo senhor. Tira da mente dessas criaturas os desejos do maligno...

— Ela tá exorcizando a gente? Foi isso que eu entendi? — perguntou Carol rindo.

— Ela vai calar a boca.

Roberta levantou da cama e foi em direção a mulher que levava as duas mãos fechadas ao peito olhando para o teto clamando pelo ser que, para Carol, já não existia. Roberta desferiu um chute nas pernas dela e se ajoelhou esmurrando a mulher. Carol ficou olhando a cena de violência divertida.

PERIGOSAS ACHERON

Se fosse em outra ocasião teria ficado chocada, mas foi a mulher que pediu aquilo pra ela. Roberta voltou para a cama e abraçou Carol novamente.

— Alguém mais vai falar alguma coisa? — perguntou para toda a cela. Ninguém se pronunciou.

Carol ficou abraçada com Roberta fazendo carícias e trocando beijos, mas o tesão que estava antes tinha dado uma esfriada depois do acontecido. A mulher chorava baixinho e as outras detentas fizeram um cercadinho em volta do cano alto para tomar banho. Uma a uma foram para detrás da cortina e quando todas terminaram, Carol foi agarrada com Roberta. Pegou o sabonete que Luciana tinha trazido e começou a passar no corpo a sua frente: mais acariciava que outra coisa, mas seu desejo mesmo era que ela a pegasse da mesma forma que pegou Cristina. Passou sabonete pelas coxas de Roberta e quando colocou a mão cheia de sabão na virilha, Roberta a posicionou contra a parede ficando de joelho beijando suas nádegas. Carol não se importou com as outras detentas e gemeu alto pelo prazer proporcionado por Roberta. A exploração ficou mais intensa, enquanto a língua percorria todo o seu sexo. Quando a boca começou

a subir por suas costas, se inclinou mais, dando uma posição perfeita para que Roberta pudesse penetra-la. Tentou controlar os gemidos altos com o punho na boca, ao passo que as estocadas por trás ficaram mais intensas. O tesão incontável que estava sentindo culminou em um perfeito gozo.

Com as pernas ainda bambas foram para a cama enroladas na toalha puída. Não deu a mínima importância para Berta e as outras meninas que as olhavam em desaprovação. Ficaram deitadas quietinhas apenas se curtindo e quando as luzes se apagaram Carol pulou em cima de Roberta.

— Agora é a minha vez.

Capítulo 14

Bom dia, branquela.

— Não... Me deixa dormir mais um pouco — resmungou Carol. — A sirene ainda nem tocou.

— Você tem de acordar. As guardas não podem nos ver sem roupas.

— Ah... — Carol deu um suspiro de resignação e se apoiou no cotovelo. — Bom dia... Essas guardas são um saco, né?

— Vamos acabar com a raça delas? — Roberta perguntou em tom de brincadeira.

— Vamos! A gente pode matar elas e depois fugir. O que você acha?

— Acho que você é linda descabelada desse jeito.

— Que horror! — Carol falou dando um beijo em Roberta saindo da cama

Roberta sentou na beirada da cama enquanto Carol

ia de encontro ao armário atulhado para pegar suas roupas. Os cabelos negros caíam sobre a costa nua. Na noite anterior quando ela tinha dito para deixar acontecer tinha sentido uma alegria imensa, mas depois que fizeram amor sentiu o mesmo vazio que sempre a atingia depois de qualquer relação. Aquilo não era seu mundo. Não era sua orientação. Tinha observado as feições de Carol enquanto dormia. Parecia um anjo e não queria magoá-la, mas não queria dar vazão a uma sandice sua. Sentiu ciúmes quando viu ela com Luciana mais ainda com Leona, mas esta era por uma questão pessoal. Sabia que quando saísse daqueles muros não ficaria mais com mulher. Entrou em uma divagação.

Carol voltou os olhos para a mulher que a olhava de forma perdida nos pensamentos. A noite que Roberta tinha lhe proporcionado havia sido maravilhosa, mas faltava algo. Alguma coisa que ela não compreendia, mas que ia explorar para descobrir o que era. Saíram para o refeitório e se sentaram na mesma mesa. Carol procurou Leona com os olhos, mas não a encontrou. Ficou incomodada quando Patrícia sentou do lado de Roberta, fazendo caricias na sua perna, mas por ora não faria nada em relação às duas mulheres. Como

disse a própria Roberta elas não eram importantes. Leona apareceu quase no fim do café e atrás dela, quase que discretamente, saiu Julia. Pela feição dela era obvio que estava cuspindo fogo. Sentou na mesma mesa costumeira onde a nova detenta da cela delas estava sentada. Escorraçou a mulher de lá com apenas um grito. Não tocou na comida demonstrando uma impaciência palpável. Quando o sinal indicou o início dos afazeres Roberta se despediu de Carol e foi para a oficina. Ela se dirigiu para a manutenção buscar suas vassouras e rodos. Carol esperou as outras mulheres pegarem seus objetos na pequena sala. Estava distraída pensando em Roberta quando a porta foi fechada.

— Oi Carol.

Carol gelou ao escutar a voz de Leona. Perecia com uma raiva controlada.

— O que você quer, Leona?

— Pergunta inocente. Acho que eu já te disse que você é minha, não é?

— Já. Já me disse sim, mas eu tenho uma péssima resposta pra você: Eu não quero ser sua.

Leona avançou em Carol segurando seus pulsos empurrando-a contra a prateleira de produtos.

— Nada do que você me disser vai fazer diferença

nenhuma.

— Quer ver como vai? — falou Carol em tom de desafio encostando o rosto no de Leona falando baixinho no seu ouvido — Eu tive uma noite maravilhosa com Roberta! Adorei o jeito como ela me fez ter vários orgasmos!

Leona soltou os pulsos de Carol dando um passo para trás.

— Então é verdade mesmo? — Perguntou com uma decepção evidente no olhar. — Eu achei que Julia tivesse mentindo! Você trepou mesmo com aquele sapatão?

— Eu não trepo com ninguém. Eu faço amor...

Leona preparou um murro para desferir em Carol e essa se desviou indo empurrar a mulher que se voltou quebrando um cabo de um rodo com o pé para ataca-la. Carol conseguiu se desviar da primeira pancada e a segunda foi acertar a prateleira. Revidou com um soco que atingiu a boca de Leona em cheio. Tentou golpeá-la novamente, mas Leona conseguiu jogá-la no chão caindo por cima de Carol junto com vários produtos que estavam sobre a prateleira. Virou Carol de encontro ao chão prendendo suas mãos nas costas.

— Gata selvagem! — Falou com um risinho. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Adoro mulheres difíceis!

— Me solta, Leona!

— Mia mais alto delícia!

Com brutalidade Leona virou Carol para se encararem. A face de Leona era um misto de sentimentos que ela não soube definir. Carol observou uma enorme marca roxa no pescoço da mulher a sua frente. Ao se lembrar da loira do dia anterior, sua raiva voltou com força total.

— Me solta, Leona, caralho! Você não precisa de mim. Vai procurar aquela loirinha que tava com você no pátio!

— Tá com ciúmes, Carolzinha? — perguntou em tom de deboche sentando sobre suas pernas.

— Ciúmes? Eu? Não me faça rir, Leona! Jamais teria ciúmes de você!

— Eu vi como você ficou ontem quando me viu com ela, mas não precisa ter ciúmes não, lindinha! Meus olhos são todos seus!

— Se ela não é importante e deixou uma marca como essa... Quem dirá se fosse!

— Isso daqui? — perguntou Leona rindo. — Um deslize no caminho...

— Leona, de boa, eu não quero nada com você! Você pode ter qualquer mulher deste presídio, é só

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

escolher. Eu vou ficar com Roberta quer você queira ou não.

— Você acha que aquela sapatão tem a pegada tão gostosa como a minha?

— Pode apostar que é melhor.

— Então por que você fica tensa e seu coração dispara quando tá comigo? – perguntou Leona colocando os braços de Carol atrás da cabeça deitando sobre o seu tronco deixando a boca a centímetros da dela. – Por que toda vez que eu me aproximo você não desvia os olhos e quando estamos próximas assim, você fica com essa respiração ofegante e os lábios entreabertos esperando um beijo?

— Um deslize no caminho – Carol fez valer suas próprias palavras.

— E se eu te beijar agora?

— Você não se atreveria a isso!

— Acho que não mesmo – falou Leona saindo de cima de Carol. – Eu não esperava que você ficasse com Roberta. Fiquei surpresa quando me contaram. Por um momento eu acreditei que fosse intriga, mas depois que você me confirmou... É difícil de acreditar, sabia?

— Por que?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Porque eu acreditei que você fosse diferente de todas as garotas aqui dentro, que você não fosse ficar com o primeiro sapatão que lhe passasse no caminho, que você fosse mais dona de si mesma.

— Você está me dizendo isso porque eu não fiquei com você, é isso?

— Não, Carolzinha... Não é por isso — falou Leona abrindo a porta saindo para o corredor. — Eu lembro de como você entrou há semanas atrás... Assustada... Uma semana no confinamento fez uma mudança palpável no seu comportamento, enfrentando outras detentas como Ângela, mas pra que? Pra se submeter às vontades do Roberto?

— Eu não me submeti a vontade de ninguém que não seja a minha própria. De boa, quer saber por que eu fiquei com ela? Porque eu quase pulei de raiva no pescoço daquela loira sem sal que estava com você no pátio! Porque eu morri de raiva quando vi você indo para a cela com ela! — respondeu Carol com a voz alterada, mas controlada indo atrás de Leona.

— Eu vou te deixar em paz. Se é isso que você quer... Seja feliz com seu marido.

Leona fez menção de se afastar deixando Carol estática, desacreditando no diálogo que tiveram.

PERIGOSAS ACHERON

Dando uma pequena corrida, alcançou a mulher e, pegando no seu braço, a empurrou contra a parede. — Só vai parar quando eu quiser! — Falou Carol fitando os olhos verdes que denotavam surpresa. Carol segurou sua cabeça com força, puxando-a para um beijo. Enfiou as mãos nos seus cabelos forçou a entrada da língua na boca que ainda resistia. Quando pensou em desistir, Leona a surpreendeu, virando-a contra a parede e beijando seu pescoço. Os lábios voltaram para os seus, tomando-os em um beijo cheio de volúpia. Suas mãos automaticamente percorreram as costas e a nuca da mulher que a prensava, esfregando seu corpo no dela. Leona desceu as mãos pelas pernas de Carol apertando sua bunda e dando mordidinhas na orelha, o ponto mais fraco de Carol, que estava totalmente a mercê da mulher que tanto desejava. Se havia faltado alguma coisa com Roberta durante todo o tempo em que transaram, tinha tesão de sobra por Leona, sem mesmo tê-la sentido explorando seu corpo. A força com que ela segurava e apertava despertava um instinto selvagem de amor e agressividade que atordoava os sentidos de Carol. Sentiu quando foram separadas por uma voz conhecida.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu já não te falei para manter as mãos longe dessa branquela?! – perguntou Roberta puxando Leona pelos cabelos.

“Maldita hora de ela aparecer”! Pensou Carol

— E diga-se de passagem muito gostosinha – respondeu Leona com um risinho.

Carol mais uma vez viu as duas mulheres se pegando entre tapas por causa dela, mas não interferiu, irritada por ter sido tirada do seu momento de luxúria. Deixando as duas engalfinhadas, saiu para buscar os produtos de limpeza indo em direção ao banheiro. Esfregou o chão com raiva de si mesma por ter arrumado aquela confusão. Com o pensamento longe, não ouviu a nova detenta que entrava, cantarolando algum cântico de igreja.

— Por que você fez aquilo?

— O que? – perguntou Carol sem ouvir a pergunta.

— Por que você fez aquilo?

— Aquilo o que?

— Eu vi que foi você que foi atrás das duas mulheres.

— Não se envolve com minha vida!

— E nem vou fazer isso, porque aqui não é o meu lugar, mas se você não pode ter tudo ao mesmo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tempo sem que saia uma boa confusão.

— Você não me conhece, não sabe nada da minha vida! Não se mete!

— Será mesmo? Quem muito escolhe acaba escolhida.

— Você entrou ontem aqui! Não faz ideia da metade do que está acontecendo, do que eu já passei aqui dentro.

— Talvez eu não saiba mesmo, mas eu sei de uma coisa: O que você está fazendo é errado.

A mulher continuou seu cântico saindo do banheiro e deixando Carol pensando nas suas palavras. Ela estava certa. Não podia brincar com os sentimentos da Roberta, mas os de Leona seriam seus brinquedos.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 15

Onde está Roberta? – perguntou Carol assim que Berta se sentou na mesma mesa que ela.

— Você não Sabe? Ela e Leona foram parar no confinamento depois da briga de hoje.

— Só por causa daquela briguinha? – Carol fez uma careta.

— Não foi só aquela “briguinha”. Você sabe que as duas não se suportam e desta vez quem pegou foi a chefona!

— Que merda, hein?!

— Você tá brincado com fogo, Carol, pode se queimar. Quando elas saírem da C.I. pode ter certeza que estarão com muito mais raiva uma da outra que antes, e você está bem no meio das duas.

— Não se preocupe comigo, eu sei me cuidar.

Carol perdeu a fome com aquela notícia. Sabia que as duas estavam lá por sua causa, “mas também quem mandou elas ficarem brigando por tudo?” pensou com raiva. “Quem sabe assim elas não esfriam, a cabeça?”

Carol levantou da mesa indo terminar seus afazeres diários. Não percebeu Ângela que a olhava, insistente, indo em interceptar seu caminho na saída do refeitório.

— Agora você não tem duas sapatão te defendendo! É toda minha!

— Vai ver se eu to na esquina! – falou Carol descontando a raiva que sentia na ruiva que em nada lhe parecia atrativa – Era só o que me faltava...

— Eu vou te ensinar que não se deve falar assim comigo...

Ângela fez menção de ir pra cima dela, mas Carol já não tinha mais paciência para ficar aguentando provocações e, antes que ela se adiantasse, juntou as duas mãos no pescoço da mulher, fazendo ela ficar de joelhos. Pegou seus cabelos maltratados de tanta química barata e puxou para trás com força.

— Eu vou te dar só um aviso e não vou repetir: Eu não preciso de ninguém me defendendo aqui dentro

e não teria o mínimo problema de passar mais uma semana na C.I. somente pelo prazer de te tirar do meu caminho!

— Você tá fudida, menina!

— To morrendo de medo das suas ameaças!

Carol soltou a mulher e se afastou prestando atenção aos movimentos as suas costas, mas aparentemente ela permaneceu no mesmo lugar. Estava com raiva de si mesma por saber que por uma semana não veria Leona e nem teria a companhia de Roberta, por um capricho próprio, mas agora já sabia como contornar a situação. Tinha certeza que estava fisingando Leona pelo sentimento e não por sexo ou vaidade. A expressão de decepção no rosto dela tinha sido muito real e Carol tinha certeza que ela não conseguiria ser tão boa atriz. Sentiu a verdade em suas palavras quando disse que ia deixa-la em paz, mas o que ela menos queria era ficar longe dos belos olhos verdes que irradiavam mistério e ousadia.

Roberta tinha se mostrado uma incógnita: Durante o café da manhã tinha se mantido distante dando muita atenção para Patrícia, mas o problema dela era de fato com Leona. Carol teve a resposta do que estava faltando com Roberta: Haviam se amado

apenas com o desejo da carne e com a vontade de ferir Leona: ela por ter ficado com raiva da loira e Roberta pelo simples fato de que se Leona desejava, era ela que teria. Carol e Roberta haviam desenvolvido um grande afeto, mas sabia que não era carnal: não existia sentimentos em ambas que não fosse somente amizade.

A volta a cela foi muito mais tranquila que Carol imaginava. Pelo fato de Roberta não estar presente, achou que teria problemas com as mesmas detentas do primeiro dia, mas todas estavam quietas. Também não puxou assunto, exceto com uma pessoa com a qual ela tinha que tirar satisfação: Julia. Carol se sentou na cama da mulher que aparentava seus vinte e oito anos.

— O que você tem contra mim Julia? — perguntou calma, encarando seus olhos.

— Eu não tenho nada contra você Carol. Por quê?

— Porque eu fiquei me perguntando em qual seria seu interesse em contar para Leona que eu e Roberta nos entendemos ontem à noite. Qual é seu interesse nisso?

— Mas eu não contei nada pra Leona — se defendeu Julia, visivelmente nervosa.

— Será que ela mencionou seu nome para fazer

intrigas?

— Não sei, Carol... talvez. Leona é muito imprevisível!

— Eu não estou com a mínima paciência para escutar mentiras. Por que você não me diz a verdade? – Perguntou Carol levantando da cama e amarrando o cabelo num rabo de cavalo.

— Carol eu não sei do que você está falando!

— Eu vou te explicar sobre o que estou falando. Eu estou falando do fato de ela ter me dito com todas as letras, “Não acredito que é verdade! Por um momento eu achei que Julia tinha mentido, mas agora você falando”. Essas foram as palavras dela. Concorda comigo que não teria o mínimo motivo para ela querer te colocar na história a não ser que fosse verdade?!

— Carol, eu...

— Ah, tem mais! Você não sabe se ocultar. Eu vi quando você entrou no refeitório já quase no final do café tentando se esconder atrás dela, mas eu tenho uma ótima notícia: eu sou uma ótima observadora. Vai me contar a verdade?

— Carol eu... – Falou a mulher entre lágrimas. – Ela me obrigou...

— Para de frescura e enxuga essas lágrimas! Se

você não deve, não tem o que temer!

— Desde que eu entrei aqui, ela falou que eu tinha que contar tudo o que acontecia em relação a Roberta, e quando você entrou, ela me disse que queria saber tudo a seu respeito e o que acontecia em relação a vocês duas! Eu tenho muito medo dela!

— E da Roberta? Você também tem medo?

— Eu tenho pavor dela!

— E por que faz isso então?

— Por medo. Quando eu entrei fiquei quase quinze dias na enfermaria por causa da Leona. Eu nunca mais quero passar pela mesma coisa novamente.

— Vai dormir. Amanhã teremos uma conversa séria. Vamos aproveitar e fazer exercícios juntas. O que você acha?

— Você não está brava?

— Eu sou a última pessoa que você deve ter medo aqui. E a primeira que você deve ficar com o pé atrás. Boa noite.

Carol deitou na cama e fechou os olhos. Julia seria uma carta na manga para o que ela queria. Tinha percebido como ela era uma pessoa fraca e medrosa e pelo menos, por enquanto, ia se aproveitar daquela situação. O sono demorou a chegar, mas

PERIGOSAS NACIONAIS

quando veio, trouxe junto uma bela mulher de olhos verdes provocantes, que despia seu corpo com urgência e carinho. Sentiu as mãos de Leona percorrendo sua pele e sua cabeça enfiada nas suas pernas. Acordou chamando seu nome.

A parte da manhã passou muito rápido, enquanto Carol se dedicava ao trabalho para não pensar tanto em Leona. Depois do almoço teve uma surpresa.

— Tem visita pra você, Carol. — Falou Tonha. — vem comigo.

Carol ficou imaginando quem seria. A não ser que fosse um caso de extrema urgência, presas não recebiam visitas fora do dia de domingo. Acompanhou a guarda até uma sala e foi algemada. Esperou paciente até que uma mulher morena, alta, entrou na sala. Ela usava um terninho risca de giz preto e aparentava uns trinta anos.

— Boa tarde Carolina.

Carol não respondeu nada. Ficou observando a mulher que se sentava a sua frente abrindo uma pasta.

— Meu nome é Roseli e fui contratada para tomar conta do seu caso.

— Isso foi coisa da Luciana?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ela e um senhor chamado Roberval me procuraram há duas semanas, explicando seu caso. Ele é um pouco complexo, mas eu sou movida a desafios.

— Sinto decepcioná-la, mas eu não quero ajuda.

— Por que não? – Perguntou a advogada, surpresa.

— Porque não tem solução. Porque eu fui presa em flagrante, porque eu adorei matar aquele filho da puta, porque eu não quero a Lú envolvida nisso, muito menos seu Roberval. Por tanta coisa...

— Carol, você agiu em defesa de um menor que constantemente era violentado. Foi feito exame de corpo delito no seu irmão e ele conversou com uma psicóloga que garante que as violências contra ele eram constantes. Você não pode pagar um preço tão alto por ter livrado uma criança de maus tratos.

— Há quanto tempo você exerce direito?

— Oito anos.

— Então você já deve ter consciência de como funciona o sistema jurídico do país. Ninguém se importa se você é inocente ou não. O que importa é o fato de você estar coberto de sangue e um corpo dilacerado em cima de uma cama comprovando aquilo que todo mundo já deduziu.

— Por que você não se dá uma chance? Por que

PERIGOSAS ACHERON

está se entregando desse modo?

— Você já deve saber que minha vida toda não foi das mais agradáveis. Minha infância foi um inferno. Minha adolescência foi trancafiada numa Fundação e estou iniciando na vida adulta cercada dos piores tipos de pessoas que podem existir no mundo: assassinas, ladras, chantagistas, drogadas e tudo o mais que você está careca de conviver. Sinceramente: você acha que isso é se entregar? Eu estou vivendo no único mundo que conheço. Tive um pequeno vislumbre do que é ter uma vida descente e essa vida não me quer. Tá vendo esse ferro aqui no meu pulso? Você acha que eu gosto de andar com isso? Ser tratada como um animal violento e perigoso para a sociedade? Você acha que isso é se entregar? Não, não é se entregar! Eu apenas não quero sonhar com uma liberdade que não existe pra mim! Esse mundo em que você e a Lú vivem, não é o meu! O meu mundo é aqui. Aqui vivem as pessoas que eu conheço desde criança. Não importa se a Maria é o João ou se os nomes são diferentes porque os rostos são os mesmos de pessoas à margem da bela sociedade que se comove com a situação dos presídios, que abrem C.P.Is que nunca dão em nada apenas para mostrar para outras

PERIGOSAS ACHERON

peessoas tão hipócritas quanto elas que se importam! Eu prefiro continuar aqui por que lá fora não eu não sou ninguém. Agora se você me der licença tenho mais o que fazer.

Roseli ficou absorvendo tudo o que a menina tinha lhe falado, olhando enquanto ela batia na porta com as algemas para chamar a guarda. Viu ela sumindo acompanhando a agente e fechando sua pasta também saiu da sala. Uma agente penitenciária acompanhou-a até a saída e entrou no estacionamento à procura do carro.

O calor na cidade estava insuportável naquele horário. Tirou o casaquinho e jogou no banco detrás junto com sua bolsa. O trânsito, sentido centro, estava mais tranquilo. Pegou a Avenida do Estado, sentido Abc paulista, e ligou o rádio tentando achar alguma música boa. Parou numa estação que tocava MPB e deixou a mente voltar ao dia em que viu a menina loira entrar em seu escritório, chorando, querendo ajuda para tirar a namorada da prisão. Seu primeiro pensamento foi recusar o caso, mas ao ver o desespero estampado em Luciana mudou de ideia. Iria conversar primeiro com Carolina para conhecer melhor a mulher que fazia aquilo tudo com a bela criatura

sentada na sua frente. Depois da conversa que teve com Luciana, foi atrás de informações na delegacia onde ela tinha sido presa. Com a permissão da delegada teve acesso a sua ficha criminal onde a tinham taxado de alta periculosidade. Conversou com a psicóloga que tinha falado com Carlos, irmão mais novo de Carolina e com a diretora da Fundação onde ela tinha passado grande parte da adolescência. Tinha tido contatos com alguns colegas de trabalho e com o ex-namorado dela e todos diziam como Carol era amável e doce. Cheia de mistérios, mas sempre carinhosa com todos. Já com uma personalidade formada na cabeça foi ao encontro de Carolina e a última coisa que esperava era uma explosão como aquela: pensou em encontrar uma jovem cheia de medo e assustada, mas o que viu foi uma mulher forte e dona de si, aceitando o que a sua vida era. Com certeza defende-la num tribunal seria interessante. Quando pegou o celular para ligar para Luciana, ele tocou, indicando uma ligação de casa.

— Oi meu amor.

— Linda, tá vindo pra casa? – perguntou uma voz doce do outro lado.

— Agora não. Acabei de sair do presídio da zona

norte. Vou passar no escritório para dar início nesse caso. Já está com saudades, linda?

— Claro. Acabei de chegar. Estou precisando de uma massagem!

— Eu sei do que você precisa e a noite podemos entrar em um consenso. O que acha?

— Eu acho que à noite eu quero ir no The View. O que você acha?

— Eu acho que é quarta feira e não sei se estou com pique para ir.

— Você adora aquele lugar! Vamos?

— Mais tarde conversamos sobre isso, linda. Agora tenho que desligar.

— Tudo bem, mas pensa com muito carinho!

Roseli desligou o celular pensando em Amanda. Estavam juntas há três anos e casadas há dois. Adorava a mulher que tinha, mas às vezes sentia que a relação não era completa. No começo tudo era feito com entusiasmo, mas com o passar do tempo foi esfriando. Tentavam manter a relação, mas faltava algo. Era uma relação cômoda para ambas, não brigavam, se entendiam, sorriam para as fotos e dividiam as contas. Ninguém diria que, de amantes, eram boas amigas.

Voltou a se concentrar no trabalho e discou

PERIGOSAS NACIONAIS

para a garota loira, de vinte e um anos, um dos principais motivos de pegar aquele caso.

— Luciana? Aqui é Dra. Roseli. Vou aceitar o caso.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 16

Carol entrou no pátio extremamente nervosa. Não acreditava que Luciana ia levar aquela sandice à diante, de contratar uma advogada e se envolver com seu caso. Não precisava de ninguém defendendo-a. Não queria defesa e se algum juiz perguntasse pra ela porque que ela matou, responderia de bom grado que fora pelo prazer de ver aquele porco nojento jorrando sangue. Não gostou da forma como a “Doutora” Roseli colocou que estava se entregando. Ela não sabia o que era preciso para sobreviver num mundo como o dela, refletia. Ninguém sabia e esse tipo de coisa não é algo que se aprende na faculdade de direito. “Ela não tinha o mínimo direito de ter dito aquilo”.

Sentando-se num banco deixou a mente vagar

PERIGOSAS ACHERON

por tudo o que já tinha suportado: A tensão constante de deitar e não saber se vai acordar, se acostumar com a comida insossa e sem gosto que era servida diariamente, as guardas que aterrorizariam qualquer um; não, ela não sabia o que era aguentar aquilo diariamente sem enlouquecer. Somente vivendo é que se aprende que se quiser sobreviver com um pouco de sanidade tem que se esconder atrás de uma imagem do você não é. Era o que Roberta fazia e iria descobrir se Leona fazia a mesma coisa.

O pensamento de Carol se desviou da conversa tida momentos antes ao enxergar Julia indo em sua direção. Tinha dó dela, mas por enquanto teria que seguir o que Roberta tinha lhe dito: Faça com os outros o que não quer que façam pra você mesma.

— Oi Carol.

— Eu vou ser direta Julia: Eu não vou contar nada pra Roberta desde que você coopere comigo.

— Como assim? – perguntou, confusa, sentando-se ao seu lado.

— Eu tenho pendências com Leona e você já deve saber em que sentido. Ela vai ter que acreditar em algumas coisas que não são verdade.

— Eu não vou fazer isso! Ela vai me matar se

descobrir!

— Imagina o que a Roberta vai fazer com você se souber tudo o que você já contou pra Leona não só sobre mim, mas de tudo o que ela já fez aqui.

— Você não teria coragem!

— Não pague pra ver – Carol deu ombros.

— Eu não tenho escolha não é?

— Claro que tem. Só que sempre temos que arcar com nossas escolhas.

— O que você quer que eu diga?

— No momento certo você vai saber.

Carol levantou do banco deixando Julia perdida nos seus temores e foi para a cela. Não estava com o mínimo animo de ser amistosa com ninguém. Tomou um banho e deitou na cama. Encontrou um livro e começou a ler.

— Aonde você vai? – perguntou Amanda ainda sonolenta.

— Vou no presídio. Lembra do que conversamos ontem? – Respondeu Roseli terminando de colocar a camisa bege que combinava com a capri de mesma cor.

— Mas hoje é domingo!

— Eu sei, e é dia de visita. Tenho que fazer

Carolina falar comigo.

— Mas ela não quer ser ajudada. Deita aqui de novo vai!

— Eu tenho que ir linda! Além do mais, Luciana vai estar lá. Quem sabe com a presença da namorada ela resolva cooperar.

— Namorada?

— É namorada. Eu volto lá pelas três da tarde.

— Eu quero ir junto.

— Claro que não. Não tem sentido algum você entrar num presídio sem nem conhecer uma detenta e, além do mais, estou indo trabalhar.

— Não vai! Por favor!

— Me dá um beijo antes de eu sair?

— Você vai mesmo?

— Vou e você sabe disso.

— Tá bom então! Tchau! — respondeu Amanda virando o rosto.

Roseli pegou sua bolsa e saiu de casa, rumando para São Caetano do Sul. Chegou no prédio de Luciana e foi informada que ela lhe esperaria na frente do local “combinado”. Roseli deduziu que devia ser o presídio. Levou vinte e cinco minutos para cruzar São Paulo em direção à zona norte. Quando se aproximou da penitenciária, viu a

cabeleira loira que se destacava nas pessoas que aguardavam a hora de visita. Um frio passou por toda a sua coluna.

Carol levantou pesarosa. Estava começando a achar os dias sem graça nenhuma, pois ainda teria mais três dias sem Roberta e Leona. Saiu para o corredor se perguntando se Luciana e Seu Roberval iriam vê-la. Assim que terminou o café, a sirene dispensou-as para o pátio e não deu dois minutos para que visse o jeito suave de Luciana tomar conta do lugar. Junto a ela, seu Roberval e a advogada que tinha visto na quarta-feira. O que ela menos precisava agora era de visitas supervisionada.

— Linda que saudade! — exclamou Luciana pulando em seu pescoço.

— Que saudade, meu anjo! — Carol falou abafado, enquanto apertava a menina em seus braços — Seu Roberval!

— Menina Carol!

— Carol essa é a... — se apressou em apresentar Luciana

— Eu sei quem ela é e ela não devia estar aqui.

— Carol não fala assim!

— Eu não te falei que não quero você envolvida nisso? — perguntou Carol encarando Luciana.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você agiu em legítima defesa, Carol, e nós vamos provar. Você é a vítima.

— Para de falar sobre vítima que eu nem sei mais qual é o significado dessa palavra. Me fala que você vai ficar fora disso? Vocês dois?

— Eu não posso te prometer isso.! Eu não posso te ver assim, atrás das grades.

— Então não venha me ver mais – Respondeu Carol olhando para a advogada

— Carolina eu...

— Você não fala comigo!

— O que é isso Carol? Não estou te reconhecendo!

– falou seu Roberval atônito pelo comportamento da menina que considerava sua filha.

— Tenho que te entregar isso seu Roberval – falou Carol tirando o cordão da virgem do bolso. – Tenho outras santas mais presentes e mais poderosas aqui para me proteger,

— Carol, o que está acontecendo com você? – o rosto de Luciana apresentava incredulidade.

— Como falei para sua amiga, estou vivendo no único mundo que eu conheço e aqui não sabemos o que significa simpatia.

– Carol, por favor! Por mim!

— Ah, Lú! Você foi a pessoa que mais me deu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

prazer lá fora, mas agora você não pode fazer nada por mim, nada. Melhor você ir pra casa tomar um belo banho e colocar aquele seu vestidinho roxo que fica perfeito em você e ir encontrar alguma mulher na noite. Espero não encontrar vocês aqui no próximo domingo. Eu não irei recebe-los.

Carol deu as costas deixando todos atordoados pelas suas palavras. Sabia que tinha sido dura com eles, ultrapassando a grosseria, mas era a única forma de tirá-los de sua vida. Tinha que fincar um ponto zero.

A quarta feira tinha tudo para ser perfeita. Carol Acordou animada, pois Roberta e Leona sairiam da solitária. Estava com muitas saudades de ambas. Depois do desjejum foi para seus afazeres, mas uma guarda interrompeu.

— Visita pra você.

— Se for aquela advogada não quero vê-la.

— Eu lá sou sua garota de recado? Larga logo essa vassoura e vamos agora!

Carol resmungou, mas deixou os utensílios de lado acompanhando a mulher a sua frente. Ao entrar na mesma sala da semana passada viu a advogada em pé num canto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não falei que não queria te ver mais? Eu não quero ajuda e...

— Cala a boca! — a advogada falou em tom autoritário, surpreendendo Carol. — Primeira coisa que eu quero te dizer: É pegar ou largar. Eu não tenho saco nem paciência para aguentar bandidinhas como você que se acham o centro do mundo ou pelos menos se comportam como tal. Na semana passada eu vim aqui disposta a acertamos sua defesa e você agiu como uma adolescente que não sabia decidir se queria um vestido preto ou vermelho! Pelo amor de Deus! Cresce! Você maltratou duas pessoas que a amam de paixão! Você acha que seu Roberval e a Luciana mereciam aquilo que você falou pra eles? Nunca vi decepção maior do que vi nos olhos daquele senhor! Carol, ninguém é culpado pelo fato de você estar aqui e nem você mesma e é isso que eu quero que você entenda!

— Eu coloquei um ponto na minha vida e ninguém que esteve antes dele faz parte mais! Nem Seu Roberval, nem a Luciana... ninguém mais! Você não sabe o que foi a minha vida e não pode chegar aqui falando o que você quiser...

— Você tem que parar de se comportar como

PERIGOSAS ACHERON

vítima! – Rosei novamente interrompeu. – Quer esquecer o que passou? Tome o controle das suas ações! Somente assim você vai entender o que estou falando sem afastar as pessoas que te amam! Se você continuar a agir assim, sempre vai afastar pessoas que se importam com você! E vou tornar a repetir: não se faça de coitada porque você não é. Injustiçada? Vamos descobrir. Coitada? Você é que decide se quer ser uma coitada. Te vejo na próxima quarta.

Roseli bateu na porta segurando sua pasta e respirando fundo. Quando a guarda abriu deu uma última olhada para trás e viu Carol parada de costas para a porta, olhando pela pequena janela alta.

Capítulo 17

Coitada, uma palavra que tem muitos significados, mas que para Carol nenhum se encaixava. Não tinha parado para pensar na sua forma egoísta de encarar as pessoas. Foi uma coitada quando não tinha nada o que comer quando saiu da Fundação. Mesmo naquela época deu a volta por cima. Ouviu a advogada saindo da sala e quis chama-la novamente. Quando se virou ela já saía acompanhada pela guarda. Não tinha problemas esperaria mais uma semana para vê-la afinal não tinha nenhum compromisso importante até lá a não ser a espera angustiante.

Voltou para a faxina e pontualmente as cinco estava em frente a cela. Seu coração disparou de alegria quando viu Roberta deitada na cama. O corpo estava relaxado e se distraía com um livro.

Carol foi direto abraça-la.

— Roberta! — falou animada pulando no pescoço da mulher. — Quem mandou você sumir assim?

— Não foi por opção minha, branquela.

— Eu sei que não.

Inconscientemente as bocas se encontraram para um beijo. O que ocorreu depois foi um momento de constrangimento e hesitação da negra.

— Carol precisamos conversar.

— Eu sei... não é legal, né?

— Não... não temos nada a ver. Esse não é meu mundo. Quero dizer, por enquanto é porque estou aqui, mas você já era lá fora e eu não quero te dar esperança por algo que não vai acontecer conosco. Pensei muito no tempo em que fiquei no confinamento, não consigo te ver como as outras mulheres que fico aqui, é diferente.

— Eu entendi. Percebi isso. Eu não quero forçar uma situação também. Somos ótimas como amigas, não é?

— Somos sim. — Falou Roberta abrindo um largo sorriso. — Puta que pariu, viu! Branquela! Você é a primeira mulherzinha aqui que chamo de amiga. Se você contar pra mais alguém quebro seus dentes!

— Sempre com esse instinto violento! — falou

PERIGOSAS NACIONAIS

Carol rindo.

— Não me abusa não!

— Prometo que eu não vou mais fazer isso, mas me responde uma coisa: E Cristina e Patrícia?

— Elas são meu passatempo. Cristina nunca se envolveu com mulher lá fora e Patrícia teve apenas um amor adolescente, não vamos ficar trocando cartas de amor quando uma de nós sair.

— Eu iria ficar te mandando cartas de amor?

— Você ficaria me enchendo o saco querendo casamento.

Carol fingiu um murro no peito de Roberta caindo na gargalhada. Com certeza seriam grandes amigas, mas tinha mais um assunto a ser tratado: Leona.

— Em relação a Leona...

— O que tem aquela vadia?

— Eu sinto atração por ela.

— Como que é branquela? – perguntou Roberta se afastando com uma careta.

— Você é minha única amiga aqui dentro então vou contar pra você mesma. Desde quando eu entrei, eu senti uma atração incontrollável por ela. Somente o fato de ela me encarar com aqueles olhos verdes já me sinto hipnotizada.

— Leona é chave de cadeia! Eu te apresento o Júlio

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ou qualquer outro aqui. Você é bonita e os caras ficam loucos por você!

— Chave de cadeia? Tirando o fato que já estamos num presídio isso não me parece tão ruim!

— Você entendeu o que eu quis dizer, branquela!

— Roberta, eu sei que você tem suas diferenças com ela e não quero interferir nisso, mas eu não quero sufocar isso que sinto por ela. Se vou me machucar depois, eu só vou saber se passar por isso, mas eu não quero fazer nada pelas suas costas porque eu sei que vocês não se dão bem.

— Ela vai pensar que me derrubou de novo!

— Se for pelo o que ela vai pensar, eu tenho como reverter essa situação! — Falou Carol com um sorriso maroto. — Vamos fazer ela pensar que você me dispensou!

— Como?

— Podemos fingir uma briga no refeitório ou no pátio ou podemos deixar que isso chegue aos ouvidos dela.

— Vai ser melhor a briga. Não teria como chegar no ouvido dela.

— Eu vou te falar uma coisa e se você ficar brava vai ter que brigar comigo primeiro.

— Tá bom. O que é?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ela tem uma informante aqui dentro.

— Ela tem várias informantes aqui dentro assim como eu também tenho.

— Você não entendeu: dentro desta cela.

— Quer me dizer que alguma filha da puta aqui fala pra ela tudo o que acontece?

— É. Quando essa pessoa entrou ela ficou muito tempo na enfermaria por causa da Leona — falou Carol procurando algum sinal de reconhecimento no rosto de Roberta. — Você se recorda de alguém nesse perfil?

— Não eu não... Julia! É aquela filha da puta, não é?

— Você não vai brigar com ela! — falou Carol em estado de alerta. — Ela só está fazendo isso com medo de levar outra surra da Leona.

— Pois agora ela vai levar uma surra minha — falou Roberta levantando da cama indo em direção a outra extremidade da cela.

— Não vai não — Carol entrou na sua frente a encarando. — Vai ter que bater em mim primeiro.

— Qual é Carol? Vai ficar defendendo essa X-9?

— Vou porque ela tem mais medo da Leona, e com razão.

— Escuta aqui Julia, essa branquela vai dormir e

PERIGOSAS ACHERON

quando isso acontecer você é minha – gritou Roberta por cima do ombro de Carol.

— Você não vai fazer nada contra ela. Já parou pra pensar na carta na manga que você tem? Tudo o que Julia disser para Leona ela vai acreditar! É perfeito!

— Tá ficando ruim hein, branquela?

— Não sou ruim. Estou me adaptando ao sistema – disse Carol puxando Roberta pela mão para a cama.

— É só fazer ela acreditar que você me deu um pé.

— E se ela não te quiser mais? Ela é pirracenta aquela desgraçada!

— Se ela me quer somente pelo fato de te afrontar, você pode me apresentar o Júlio.

— Sério mesmo? O cara tá afinzão de você!

— Ela vai me querer – afirmou Carol.

— Você é muito segura de si branquela. Toma cuidado!

— Eu sei me cuidar.

— Julia, sua vagabunda, vem cá – chamou Roberta.

— Precisa chamar ela desse modo?!

— Só pra botar ordem no barraco! – respondeu Roberta mostrando sua bela fileira de dentes brancos em um sorriso.

— Você me disse que não ia contar nada pra ela,

PERIGOSAS NACIONAIS

Carol – queixou-se Julia.

— Eu não tenho segredos para Roberta. A coisa vai se inverter agora.

— Pelo amor de Deus, gente! Eu não quero confusão!

— Foi você que se meteu nisso vadia... – falou Roberta ríspida.

— Como eu te disse você vai ter que fazer Leona acreditar em tudo o que nós quisermos.

— Eu não vou mexer com ela! Eu...

— Eu vou bater nessa cadela!

— Se você não cooperar não vou impedir Roberta – Caro, deu ombros.

— O que você quer que eu diga?

— Que a Roberta me dispensou. Que ela me achou sem graça e qualquer coisa parecida. Ela tem que acreditar que eu levei um pé na bunda dela.

— Vai ser difícil...

— Não vai não. Ela acabou de sair do confinamento. Tá doida pra saber das novidades.

— Amanhã eu falo com ela, mas quero que fique ciente que estou fazendo isso contra minha vontade.

— Você não tem vontade própria menina! Vai dormir. – Roberta dispensou-a.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Carol deitou ao lado de Roberta e ficou acariciando sua cabeça. Ela era uma ótima pessoa para se apaixonar, mas o coração sempre pede as pessoas erradas.

— O que foi branquela?

— Podia ter dado certo entre nós.

— Talvez... Quem sabe? Agora eu vou te falar uma coisa: eu to de olho. Ai da Leona se ela encostar um dedo em você!

— Eu não quero que ela encoste um dedo só não — sorriu Carol com malícia.

— Sempre com gracinhas! Palhaça! Você entendeu o que eu quis dizer. Eu a mato. Pode escrever o que eu estou te falando.

— Ela não vai fazer nada além do que eu quero.

— Eu ainda posso te convencer do contrário? Tem tanto cara bacana nesse lugar! Gente de bem!

— Isso soa quase engraçado: dentro de uma penitenciária tem gente de bem?

— E tem muitas viu, branquela. Não acredite em tudo o que os jornais dizem... Oitenta por cento das presas estão aqui por causa dos maridos. Eu faço parte dessa parcela. Homens que são traficantes e usam a mulher para esconder drogas ou carregar. Quando a polícia pega, ela é titulada como

PERIGOSAS ACHERON

traficante e ele fica bonitão, solto por aí. Outra maioria é por crimes passionais. Amor e ódio se confundem num ambiente como esse. Leona faz parte de uma pequena minoria onde ela era a cabeça. Ela sim é uma criminosa de verdade! Matou e roubou com as próprias mãos sem ter nenhum macho mandando nela.

— Faz quanto tempo que ela tá presa?

— Uns sete anos, eu acho. Quando ela foi presa, teve um monte de reportagem a respeito: não era uma bandida de posto de gasolina, só lidava com graúdos.

— Você não acha que é tempo suficiente para se arrepender de algo?

— Não crie falsas esperanças, branquela. O que eu mais quero é te ver bem. Amiguinha! Eu não quero te ver sofrer!

— Se eu sofrer em algum momento, que pelo menos tenha valido a pena.

— Amém! – debochou Roberta. – Agora vamos dormir! Tô cansada pra caralho! Buraco do inferno aquela maldita C.I.

Carol acordou com uma alegria incomum na quinta-feira. Já tinha oito dias que não vira Leona e a saudade era grande. Não imaginou que sentiria

tanto a sua falta, mas a expectativa de revê-la no café, fez seu estomago doer. Pela primeira vez se permitiu ficar como uma adolescente esperando o horário da aula para ver a professora bonitona. Entrou no refeitório procurando a cabeleira castanho claro, mas não a encontrou em lugar nenhum. Mesmo depois que foram dispensadas para os trabalhos, Carol esperou mais alguns minutos com a esperança de vê-la e desistiu quando foi uma das últimas a sair. Passou a manhã decepcionada, se perguntando onde ela estaria. Na hora do almoço foi a primeira a chegar no refeitório, mas foi tão decepcionante como no café. Com raiva de si mesma trabalhou sem parar até o horário de descanso e somente no pátio encontrou Leona. Ela estava visivelmente abatida conversando com Julia. Não faziam a mínima questão de se esconderem e Carol daria tudo para saber sobre o que conversavam. Foi para um canto olhar as meninas que jogavam futebol e viu quando Julia se afastou e os olhos verdes que cruzaram com os seus. Leona se levantou do banco e foi em sua direção.

— Uma semana passa rápido não acha?

— Acho — respondeu Carol sem tirar os olhos da

mulher que lhe tirava do sério.

— Eu não quero mais saber de joguinhos com você. Julia me contou que Roberta surtou.

— Eu não quero falar sobre ela.

— Nem precisamos. Vem comigo.

Carol acompanhou Leona até um lugar reservado do pátio. De longe viu Roberta que não tirava os olhos delas e com um aceno imperceptível de cabeça sinalizou que estava tudo bem. Leona entrou no banheiro onde tinham se beijado pela primeira vez e Carol ficou estática na porta.

— O que foi? – perguntou de dentro.

— Eu... Eu... Eu não vou entrar aí com você...

— Tudo bem então. Posso fazer aqui fora mesmo.

Leona puxou seus cabelos com força prendendo-a contra a parede beijando sua boca com pressa. Carol tentou afastá-la, mas ela prendeu suas mãos.

— Agora você vai entrar!

Leona a jogou para dentro do banheiro, trancando a porta.

Capítulo 18

Carol quase perdeu o equilíbrio, mas conseguiu se manter de pé. Ouviu Leona que trancava a porta e a empurrava para um dos reservados. O medo misturado com a excitação fez a adrenalina correr pelo seu corpo. Sabia o que teria, mas queria que fosse do seu jeito.

— Leona me solta! – falou Carol entre os dentes.

— Pode miar, gatinha! Ninguém vai te ouvir.

Leona soltou as mãos de Carol e tirou a camiseta revelando o top preto por baixo e a barriga bem definida por anos de exercícios. Chegou um pouco mais perto, com a respiração pesada, enquanto sentia o cheiro daquela maravilhosa mulher a sua frente. Carol fechou os olhos antecipando cada sensação que Leona despertaria em seu corpo. Somente a visão que tinha já fazia ter os mais

desvairados delírios. As mãos foram para a sua cintura e barriga, contornando com a palma tudo o que seus olhos admiravam. As mãos de Leona subiram pela sua perna, entrando debaixo da camiseta, deixando o sutiã à mostra. As bocas se encontraram com urgência e as línguas se entrelaçavam com uma perfeita sintonia. Leona abriu um pequeno sorriso com a boca ainda grudada na de Carol e quando teve a chance sugou sua língua fazendo com que Carol perdesse totalmente a razão.

Leona apertava seu corpo contra o dela, e abandonando a boca desceu para o pescoço sentindo a língua passear por toda a pele que por muito tempo desejou sobre a sua. O gosto dela só fazia atíçar ainda mais o tesão que há dias estava aguardando aquele momento. As mãos subiram para os seios acariciando por cima do tecido de lycra que ainda escondia as duas aureolas rosadas que ela desejava tanto abocanhá-las. Subiu o rosto para encarar Carol e o brilho que viu nos olhos castanhos, cheios de malícia, a fez dar um pequeno sorriso de satisfação. Desprendeu o sutiã com uma mão e a outra acariciava o rosto de Carol colocando um dedo em sua boca e ela imediatamente começou

a chupá-lo. Tornou a descer para os seios agora despidoradamente expostos a seu completo prazer. A boca começou a dar beijinhos contidos admirando a bela formação a sua frente. Sem conseguir se conter juntou os dois e foi mordendo e chupando, sugando cada centímetro enquanto Carol não se aguentando dava pequenos gemidos de prazer. Alternava de um para o outro apertando sua bunda por cima da calça. Desceu um pouco mais saboreando cada milímetro da pele e a forma que Leona tirava sua roupa que saia junto com a calcinha já molhada pelo tesão que sentia fez seu corpo automaticamente se curvasse para frente deixando as pernas entreabertas.

Leona subiu pelas coxas beijando deixando a mão esfregar o bumbum se insinuando para a virilha. Carol pendeu a cabeça para trás fechando os olhos quando sentiu a língua quente e macia invadir sua intimidade. Ergueu uma perna colocando em cima do ombro de Leona para que ela tivesse uma melhor posição para continuar a exploração. Quando sentiu que ela estava prestes a gozar, penetrou-a com dedos e, movendo-os agilmente, fez Carol dar gritos de prazer. Sentindo a mão ficar encharcada pelo orgasmo de Carol, Leona subiu

PERIGOSAS NACIONAIS

para o seu rosto beijando a boca que ainda tremia pela intensidade do ato. Deixou o corpo grudar no dela contra a parede e ficaram em silencio por um longo tempo. Desgrudou Carol da parede e ligou o chuveiro para uma ducha. O resto das roupas que ainda permaneciam no corpo ficaram totalmente molhadas e o que se seguiu depois foi uma troca de carinhos mudos. Carol beijava Leona com calma e sem pressa de que aquela tarde terminasse. Alternou para o pescoço, passando a língua pela orelha fazendo Leona perder o juízo novamente. Carol tirou o resto da roupa que ainda permanecia no corpo e se apoiando com as mãos na parede esfregava a bunda em Leona que segurava seus quadris contra seu corpo.

Mais uma vez deixou a mão passear pela intimidade de Carol e novamente a penetrou com a mão, alucinada com a visão das costas de Carol, que dava pequenos trancos enquanto investia dentro dela. O corpo de Carol deu pequenos espasmos quando gozou novamente. Leona a abraçou por trás enfiando a cabeça na cabeleira molhada. Afastou os cabelos que cobriam o ouvido e sussurrou baixinho.

— Agora você é só minha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Somente sua — foi o que Carol conseguiu balbuciar ao se virar e encontrar os olhos verdes e a boca que tomava a sua com um beijo longo e profundo

.

— Oi doutora Roseli.

— Olá Luciana. Desculpa vir sem avisar, mas estava resolvendo uma questão aqui perto e resolvi já falar contigo.

— Imagina pode entrar.

— Eu fui ver Carolina ontem.

— E como ela está? — perguntou a loira um brilho no olhar que desconcentrou a advogada.

— Ela está bem. Continua um pouco arredia em relação a sua defesa, mas pelo que falei pra ela ontem acho que vamos ter um bom resultado.

— O que ela disse?

— Que não quer defesa.

— E como acha que vamos ter um bom resultado se ela não quer ser ajudada?

— Depois do que eu falei acho que ela vai mudar de ideia. Sei como convencer ela a cooperar.

— Eu a amo, doutora. O que eu mais quero é vê-la longe daquele lugar.

— O que ela falou pra você no domingo foi uma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

forma de afastá-la, mas eu tenho outra notícia também e essa, acho que não é tão boa pra você.

— O que foi?

— Você sabe que dentro de um presídio as mulheres se envolvem umas com as outras como uma forma de escape...

— Ela tem alguém lá dentro, não é? — interrompeu Luciana perdendo o brilho dos olhos.

— Tem. Eu conversei com uma das guardas. Antônio, o nome dela e ela me disse que a Carolina é disputada por duas detentas lá dentro. Ambas de muita influência.

— Eu não posso culpa-la. Não saberia como agir na mesma situação dela — as lágrimas brotaram dos olhos da menina sentada à frente de Roseli.

— A questão é que uma que se chama Edilene já está presa a oito anos e dois meses. A pena dela termina daqui a cinco meses e a outra, Roberta, pelo que deu pra entender, vai ser transferida de presídio.

— Por que essa Roberta vai ser transferida?

— Ela pediu transferência já tem mais de oito meses para um presídio do interior para ficar mais próxima da família. Parece que vão atender o pedido dela por bom comportamento.

PERIGOSAS ACHERON

— Então Carol vai ficar sem as duas.

— Exato e se ela está de alguma forma envolvida sentimentalmente com alguma delas, não vai querer ficar no presídio sem elas. É dolorido o que eu vou dizer, mas seria muito bom se ela estiver apaixonada por uma delas. Vai facilitar com que ela coopere – falou Roseli dando uma pausa pegando as mãos trêmulas da menina a sua frente. – Eu sei que é dolorido pra você, mas...

— Não se preocupe comigo. Se preocupe em tirar ela de lá. Mesmo que ela não fique comigo, eu quero que ela seja feliz independente com quem seja. Ela merece isso.

— Você vai ser feliz também. Vamos conseguir – terminou Roseli com um mundo de promessas no olhar.

À volta a cela foi mágica. Carol ia andando nas nuvens sem prestar atenção em ninguém. Passou as mãos nos pulsos doloridos lembrando cada detalhe da tarde maravilhosa que tivera nos braços de Leona. Roberta percebeu seu sorriso de satisfação ao deitar na cama, mas não fez nenhum comentário. As roupas molhadas já diziam por si mesmas. Sentiu um aperto no peito, mas ao mesmo tempo ficou feliz por ver que sua branquela estava

feliz. Não havia nada mais gratificante pra ela do que ver aquele sorriso estampado no seu rosto. Teria uma conversa séria com Leona: Não estava mais com saco para brigas e confusões. Queria manter a paz ali dentro e faria de tudo para que isso acontecesse. Começaria pela sua principal rival.

CAPITULO 19

Carol entrou no refeitório procurando por Leona com o olhar e não foi difícil localizá-la: estava em pé, num canto, também procurando por alguma coisa. Quando a viu sua feição mudou imediatamente: um brilho especial refletiu no seu olhar vendo Carol se aproximar da bancada para pegar sua bandeja. Carol se dirigiu para a mesa onde costumava sentar junto com Berta. Não sabia como seria a reação de Leona e não queria passar por nenhum constrangimento. Sentiu que os olhos verdes se escureceram, mas continuou onde estava. Roberta entrou acompanhada por Cristina e Patrícia no refeitório se dirigindo para a mesma mesa. Quando levantou os olhos novamente não viu Leona no mesmo lugar: ela se aproximava com a bandeja na mão e se postou atrás de Berta que se

PERIGOSAS NACIONAIS

sentava na frente de Carol indicando que queria se sentar ali. Quando Berta fez menção de pegar sua bandeja e se levantar, Roberta interviu.

— Por que você vai sair daí Berta?

A mulher olhou demoradamente para Roberta e depois para Leona. Sabia que sairia uma nova briga.

— Eu vou escolher outro lugar...

— De maneira nenhuma. Continue aí mesmo.

— Ah Roberto! Sempre se metendo!

— Que eu me lembre você não costumava se sentar aqui Leona.

— Acho que mudei de ideia. Quero me sentar aqui.

— Eu não quero mais ficar arrumando confusão por nada. Por que você não volta para o seu costumeiro lugar?

— Deixa, Roberto – falou Berta em tom de conciliação – Eu vou sentar com Adriana...

— Você não vai pra lugar nenhum! Pode continuar aí.

— Tem um lugar vago ali na ponta.

Carol observava a cena curiosa. Não era possível que não teria paz, mas a forma como conversavam parecia que haveria um acordo. Resolveu não se meter enquanto mantivessem a falsa cordialidade.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E por que você não se senta ali, Leona?

— Porque eu quero ficar aqui.

— Quer ficar perto da minha branquela?

— Você sabe que as notícias voam, não é?

— Nada vai mudar aqui, se é isso que você quer.

— Se você não quer nada com ela, por que age dessa maneira?

— Porque as coisas só mudam quando eu quiser. E você agora deu pra pegar resto meu?

— Carol nunca vai ser o resto pra mim.

Naquele momento Carol quase engasgou com o suco que engolia. Encarou a mulher a sua frente e viu pelos seus olhos que ela dizia a verdade. As outras detentas na mesa olhavam curiosa para a Leona que se mantinha impassível. Até mesmo Roberta não pode deixar de ficar admirada.

— Você tá passando mal Leona? Quer que eu te leve para a enfermaria? – Perguntou Roberta zombeteira.

— Você vai parar na enfermaria daqui a exatos cinco minutos se não parar de se intrometer na minha vida e você também Berta.

— Gente será que dá pra vocês notarem que eu estou aqui?! – perguntou Carol se pronunciando pela primeira vez – Vocês têm uma mania ridícula

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de fingir que eu não existo!

— Fica fria, branquela, eu sei o que estou fazendo.

— Você vai interferir apenas pelo prazer de me afrontar? — Perguntou Leona já amarrando as madeixas castanhas que caíam sobre o ombro

Roberta levantou da mesa, ainda mantendo a calma, e deu a volta postando-se na frente de Leona

— É confusão mesmo o que você quer, não é? — continuou a morena. — Como acha que vai conseguir a transferência indo toda semana para a solitária?

— Quero resolver isso de uma vez por todas. Mais tarde durante o descanso.

— Espero ansiosa por este momento!

Leona saiu do refeitório deixando a bandeja onde estava. Carol fez menção de se levantar, mas Roberta bloqueou o caminho.

— Deixa ela, Carol. Vou me resolver com ela de uma vez por todas.

— O que você vai fazer?

— Confia em mim?

— Eu não quero mais confusão.

— Confia em mim?

— Confio.

— Aguarde até a tarde para saber.

PERIGOSAS ACHERON

Roberta saiu do refeitório indo direto para a oficina onde trabalhava. As mulheres estavam muito quietas e isso chamou sua atenção. Havia alguma coisa no ar e algo lhe dizia que não era nada bom. Viu, de longe, Carol caminhando com seus apetrechos de limpeza, indo em direção ao escritório. Torcia pela felicidade daquela menina que, para ela, era uma verdadeira amiga. Voltou a se concentrar no trabalho.

Leona se encostou na parede do escritório se recriminando por ter se permitido demonstrar sua fraqueza por Carol na frente de todas as detentas. Por mais que ela mexesse com sua cabeça não poderia deixar a emoção falar mais alto que a razão. Sentou na cadeira atrás da mesa que lhe era reservada e começou a fuçar nos papéis que nada entendia para fingir que estava trabalhando. A única coisa que conseguia ver eram os cabelos negros e compridos que dominavam seus pensamentos. Outra coisa a preocupava também: Entraria em condicional dali a cinco meses e Carol teria pelo menos mais uns sete anos para cumprir, caso fosse condenada, e mesmo que não fosse, até sair o julgamento demoraria muitos meses. Teria que pensar em algo para ficar junto dela. Se

levantou da cadeira inquieta indo até a janela. O pátio estava deserto demais para seu gosto.

Carol alcançou o corredor que levava ao escritório do presídio onde pela segunda vez entraria. Várias mulheres paradas no corredor lhe chamou a atenção. A atitude suspeita a fez ficar em alerta. Começou a caminhar devagar encarando todas pelo qual passava. Quando dobrou o corredor deu de cara com Ângela que empunhava uma arma apontando para sua cabeça.

— Eu falei que você teria um troco a sua altura, não falei Carol? — perguntou a mulher dando mais um passo, encostando a arma na cabeça de Carol.

— O que você vai fazer, Ângela? — perguntou soltando o balde e a vassoura.

— Vou fazer você e todo mundo pagar pelo que fazem com a gente aqui dentro! Só que eu vou ter que te usar como um escudo contra Leona e Roberta.

— Vai valer a pena o que você está fazendo? Só vai fazer aumentar sua pena...

— Cala a boca, Carol! — gritou a mulher montando o cão do revólver trinta e oito. — Eu não quero te matar! Não agora!

Ângela agarrou Carol virando-a de encontro a seu

corpo e deu um sinal para as outras detentas que esperavam no corredor. Imediatamente um pequeno burburinho começou a tomar conta do lugar. Carol foi arrastada para uma sala pequena e o barulho que começou a ouvir, foi tomando proporções bem maiores. Depois de dez minutos, e uma batida na porta, Ângela deu um imenso sorriso ao ver a diretora com uma faca no pescoço.

— Você vai morrer Ângela!

— Tudo o que estamos reivindicando é uma melhor condição de vida dentro deste pulgueiro que você chama de presídio! Tem mulher demais aqui dentro. Tem que haver transferências.

— Quem mais está com você neste ato insano?

— Você vai descobrir com o tempo. Agora tudo o que queremos é um contato com o secretário de segurança.

— Você está louca! Louca!

— Vamos ver quem está louca!

Leona saiu da sala correndo da sala, ao escutar o incomum barulho no corredor. Depois de tantos anos em uma penitenciária, sabia exatamente o que aquela movimentação significava. Viu três guardas que passavam algemadas e soube em pouquíssimo

PERIGOSAS NACIONAIS

tempo que a diretora havia sido feita refém de Ângela e um grupo de detentas que queriam fazer baderna. Foi para o pátio onde várias mulheres se concentravam ouvindo o som da sirene de alerta que gritava sem parar. Saiu em procura de Carol, mas não teve sucesso. Deu um esbarrão em Roberta que também andava sem entender muita coisa.

— Você viu Carol?

— Estou procurando por ela também – respondeu Roberta, olhando ao redor. – Que inferno! Tudo o que eu precisava agora era uma confusão como essa!

— Ângela e umas dez detentas estão comandando tudo pelo que me contaram. Eu vi algumas guardas algemadas e me disseram que a diretora está com ela como reféns.

— Péssimas notícias! – disse Júlio que chegava esbaforido. – Mandaram avisar vocês para não tentarem fazer nenhuma gracinha. Carol está com a Ângela como refém.

Leona e Roberta se entreolharam. Ali começava uma rebelião.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 20

Eu vou matar a Ângela! – exasperou Leona, fazendo menção de se afastar.

— Leona, para! Eu também quero matar ela, mas não podemos fazer nada no impulso! Pode ser perigoso para a Carol! – falou Roberta segurando Leona pelo braço.

— Eu vou fazer isso sozinha, Roberta! Larga meu braço!

— Leona isso não é hora de medir forças nem de agir no impulso! Ângela não está sozinha nessa e você não vai conseguir nada sem ajuda!

— Vai me dizer que quer me ajudar agora?

— Não. Não estou fazendo isso por você e sim pela Carol.

— E o que você sugere?

— Primeiro temos que sair do pátio porque aqui

somos alvo fácil!

Leona acompanhou Roberta até a entrada que levava as celas. O cheiro de fumaça começava a invadir o ambiente e várias detentas corriam, ateavam fogo nos colchões e quebravam tudo o que conseguiam. Roberta parou num canto onde encontrou Patrícia e Cristina.

— A gente tem que pensar em alguma coisa para tentar conter isso!

— Por mim eu ia lá e arrebentava ela!

— Você mesma disse que fizeram a diretora e as guardas de reféns. Com certeza elas têm armas. Como acha que vai chegar lá e arrebentar a Ângela?

— Eu odeio admitir que você tem razão! — suspirou Leona passando as mãos nos cabelos castanhos que caíam desordenadamente.

— Leona, você articulava crimes quase perfeitos! Pensa em alguma coisa!

— Eu to pensando, caralho! Eu to pensando!

Leona começou a andar de um lado para outro analisando tudo o que estava acontecendo. Com um mapa mental da penitenciária definiu onde as rebeladas estavam concentradas: a ala onde ficava o administrativo não era complexa. Um corredor

PERIGOSAS NACIONAIS

levava a pequenas salas onde, em uma delas, Carol estava presa. Teria que eliminar primeiro as mulheres que estavam fora do prédio.

— Ok. Precisamos saber exatamente quem está com Ângela.

— Tem os caras da ala leste e dois da ala sul — falou Júlio que conhecia cada presa ali dentro.

— Não pode ter erros. Isso daqui já tá uma bomba se pegarmos pessoas erradas vai explodir de vez — ponderou Roberta.

— Eu tenho certeza. Conheço o pessoal de lá.

— Ok. Aqui nesse prédio tem alguém envolvido? — quis saber Leona.

— Não aqui tá só as baderneiras.

— Então temos que ir pra lá.

Leona saiu para o pátio novamente acompanhada de Roberta e Júlio. O barulho de helicóptero rondando por cima do presídio e o som de sirenes que cercavam o lugar repercutiam como sons saídos do inferno. A fumaça que saia das celas já ia alto dificultando a visão de cima. Seguras pela pouca visibilidade, atravessaram até a entrada do corredor. Júlio indicou uma das detentas que faziam parte do motim. Leona se misturou com as outras prisioneiras, se tornando invisível aos olhos

PERIGOSAS ACHERON

da mulher, que prestava atenção em Roberta andando na frente, tirando sua atenção, distraíndo-a. Leona pegou a detenta por trás agarrando seu braço. Ao inverter a posição, destroncou seu ombro fazendo com que a faca caísse no chão. Empurrou para Roberta que desferiu um murro, fazendo a mulher cair no chão gritando de dor, mas com o barulho ninguém ouviu. De posse da faca avançaram para as salas.

Roseli dirigia sem pressa para voltar ao escritório. Tinha ido visitar um cliente depois do almoço, e agora a falta de coragem típica da tarde quente, fazia com que não tivesse o menor animo de voltar para o escritório. Também não queria ir pra casa. Amanda com certeza já tinha chegado do trabalho e por mais estranho que isso lhe soasse não estava com pique para ficar junto dela o resto da tarde e à noite. A mente logo lhe trouxe Luciana. A forma como ela havia dito que amava Carol e sua complacência para ver a felicidade dela, mesmo que fosse com outra prisioneira, tinha mexido com seus sentimentos mais ainda. Era uma pessoa de coração generoso, que amava sem amarras, muito diferente de Amanda que chegava ao ponto de vasculhar seu celular. Haviam brigado diversas

vezes por isso e, depois de um tempo, ela tinha parado pelo menos aparentemente. Ligou o rádio para distrair a mente sintonizando uma rádio jornalística. Gostava de saber tudo o que acontecia no mundo, mas uma notícia fez com que aumentasse o volume:

“A rebelião começou por volta das onze da manhã. As informações é que as prisioneiras contestam o número de detentas encarceradas no local e pedem transferências para outros presídios. Em contato com a polícia tivemos a informação que um grupo de aproximadamente vinte mulheres mantém a diretora e outras agentes penitenciárias como reféns. Não se sabe ainda se tem alguma vítima. Voltaremos a qualquer momento com mais informações”.

Roseli abaixou o volume do rádio e pegou o celular. Precisava saber em qual presídio era a rebelião.

— Boa tarde, Lúcio. Ouviu a notícia da rebelião?... Hã... E em qual presídio é?... Obrigada.

Roseli desligou o celular com o coração disparado. Pisou no acelerador mudando o curso do caminho. Foi direto para São Caetano e parou na frente do prédio de Luciana. Com alguns minutos, sua

entrada foi liberada e subiu para o apartamento da loira.

— Doutora Roseli, aconteceu alguma coisa? — perguntou ao estranhar a visita da advogada. Não haviam marcado nada para aquele dia.

— Não viu os noticiários?

— Não. O que foi?

— Uma rebelião no presídio onde a Carol está.

— Ah meu Deus! — exclamou Luciana assustada. Deixou a porta aberta e seguiu para o interior do apartamento.

— Calma ainda não tenho notícias lá de dentro — Roseli seguiu a jovem, depois de fechar a porta. — Ninguém consegue falar com alguma guarda ou prisioneira.

— Como Carol está?

— Ainda não sabemos de nada. Eu vou pra lá. Só vim te deixar informada.

— Eu quero ir com você!

— Não vai adiantar muita coisa.

— Não importa! Eu quero saber como ela está!

— Ok. Vamos então.

Luciana saiu acompanhando Roseli com o coração disparado. Não ia suportar a ideia de que algo acontecesse com Carol. Não conseguia imaginar

PERIGOSAS NACIONAIS

aquela doce criatura nas mãos de mulheres perigosas e transtornadas.

Leona e Roberta alcançaram o final do corredor que dava na sala da diretora. Lá encontraram mais uma detenta, que deu um pouco mais de trabalho para ambas, por causa do tamanho. Pelo caminho fizeram uma coleção de armas que agora usavam para derrubar as rebeladas.

— Já foi mais da metade — falou Roberta respirando fundo.

— Ainda faltam algumas.

— Como vamos tirar a Carol de lá?

— Vamos matar Ângela.

— Simples assim?

— Vem cá, você nunca matou né? — perguntou Leona com sorrisinho zombeteiro.

— Claro que não. Não sou uma criminosa.

— A tá! Você está aqui por que foi uma boa menina?

— Leona vai se fuder!

— Fica fria. Não tem nada demais matar. É só enfiar a faca no pescoço dela.

— Eu não sou assassina.

— Eu já percebi isso. Não tem problema. Eu faço o trabalho sujo. Já to acostumada com isso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tenho certeza que sim.

— Vamos. Não podemos demorar muito.

— Vamos nessa.

Roberta saiu para o corredor, mas um descuido fez com que uma faca parasse no seu pescoço. Seu braço foi imobilizado por uma das prisioneiras que participavam da rebelião.

— Por que vocês estão se metendo? Deixa a gente cuidar de tudo! – a detenta falou com raiva.

— Pra que isso, Fernanda? – perguntou Roberta alto, chamando a atenção de Leona que se afastava.

— Vocês não vão ganhar nada a não ser uma bala na cabeça.

Leona se virou para ver o que acontecia e não pode deixar de dar um risinho ao ver Roberta imobilizada por outra detenta.

— Fica onde você está Leona, senão ela morre! – gritou Fernanda.

— Por que você acha que a vida dela é importante pra mim?

— Vocês querem a Carol, mas ela vai morrer.

— Eu quero a Carol – corrigiu Leona. – Essa daí veio atrás de mim querendo bancar a espertinha. Pode matá-la se quiser. Eu vou buscar Carol – terminou virando as costas seguindo pelo corredor.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Leona eu to falando sério.

— Eu também to falando sério! – gritou perdendo a paciência. – Quer saber como se mata rápido? Eu vou te mostrar! Você tem que enfiar a faca bem aqui – falou mostrando com outra lâmina no próprio pescoço. – Ela vai sangrar até morrer!

— Não dá mais um passo Leona!

— Vamos lá, Fernanda, eu sei que você consegue! Assim você faz um favor para nós duas tirando esse estrupício da minha vida.

— Eu to falando sério, Leona! Um passo a mais e ela morre.

— Já te disse que não me importo – falou chegando bem perto. – Tá vendo essa veia pulsando aqui: Você aproveita e toma um banho de sangue com tudo o que sai daí. É uma delícia! O sangue quente escorrendo por sua pele! Já teve essa sensação alguma vez na sua vida? – Leona chegou perto o suficiente para que Roberta visse o cabo da faca que estava no seu bolso. – Mas você não tem coragem, não é? Vocês todas são um bando de medrosas. Bandidinhas de meia tigela que só sabem vender drogas em alguma boca por aí se sentindo as criminosas da vez! Me mostra como você é capaz de muito mais que isso! Mata ela!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Roberta puxou a faca do bolso de Leona com o braço livre e enfiou na perna da mulher que a segurava, fazendo com que ela a soltasse, caindo no chão.

— Perdeu uma excelente oportunidade — falou Leona dando um chute no rosto de Fernanda, quebrando seu nariz.

Leona se afastou junto de Roberta que alisava o braço pela dor causada pela mulher.

— Ia deixar ela me matar?

— Não seria uma má ideia – falou com um sorriso.

– Mas por ora eu preciso da sua ajuda. Vamos nessa!

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 21

Ângela andava de um lado para o outro gritando ordens para as outras detentas, demonstrando um palpável nervosismo. Carol observava intrigada pela situação. Não parecia ser do feitio dela comandar rebeliões e isso se refletia na forma como conversava com o negociador. O que elas estavam pedindo era justo: transferência e melhor condição de vida, mas o meio tomado para conseguir era totalmente errado. Daria tudo para saber como estavam Roberta e Leona. Torcia para que elas não estivessem envolvidas num ato tão insano.

— Carolina — chamou a diretora.

— O que foi?

— Você de alguma maneira está envolvida nisso?

— Se eu estivesse, acha que estaria aqui com você,

na mesma posição de refém?

— Por que elas te fizeram de refém?

— Eu vou lá saber? Ângela não vai com a minha cara, quer me ferrar desde que entrei.

— Leona tá envolvida?

— Eu torço para que não.

— Esse ato vai ter consequências graves pra quem estiver envolvido!

— Ainda bem que você já sabe que eu não estou.

Roseli parou o carro na distância estipulada pela polícia ao redor do presídio. Parecia que todo o efetivo da cidade estava no lugar. Equipes de televisão montavam suas câmeras para transmitir as notícias minuto a minuto. Luciana, alheia a tudo o que acontecia a sua volta, apenas rezava para que estivesse tudo bem com Carol. Não importava que ela tivesse outra mulher dentro do presídio: Ela a amava da mesma forma como tinha amado desde o primeiro dia que a viu no cursinho. Viu Roseli que se afastava para conversar com um dos policiais presentes, para saber o que estava acontecendo. Ela estava se mostrando muito presente e amiga. Era seu trabalho, mas mesmo assim era agradecida pelo cuidado que ela estava tendo. O celular jogado no banco do motorista começou a tocar, mas ignorou

PERIGOSAS NACIONAIS

as três primeiras chamadas. Na quarta ligação recebida, resolveu pegar o aparelho e levar para Roseli, mas quando levantou a cabeça ela tinha sumido do seu campo de visão. O visor mostrava uma ligação de casa resolveu atender para pedir para ligar depois.

— Alo?

— Oi amor! Vem pra casa! To morrendo de saudades de passar um dia inteiro na cama com você!

— Oi... — falou Luciana encabulada pelo que tinha escutado. — Roseli deu uma saída e deixou o celular no carro.

— Quem está falando? — Perguntou Amanda alterando a voz radicalmente.

— É a Luciana. Sou uma cliente dela.

— Onde ela está?

— Ela foi conversar com uns policiais.

— Onde vocês estão?

— No presídio de Santana.

— Ah... Você que é a namorada daquela assassina.

— Ela não é assassina!

— Claro que não. Manda a Rose me ligar assim que ela chegar aí — finalizou Amanda desligando a ligação na cara de Luciana.

PERIGOSAS ACHERON

Luciana ficou olhando surpresa para o aparelho mudo na mão: Não pela grosseria da mulher, que com certeza não tinha o mínimo tato para lidar com pessoas, e sim pela descoberta da orientação da Roseli. Nem passava pela sua cabeça que ela fosse lésbica também. Sempre elegante com seus terninhos e saltos altos, não fez seu *gaydar* apitar nenhuma vez. Ficou observando-a se aproximar com passos rápidos colocando os óculos escuros na cabeça como se fosse uma tiara.

— Ligou uma moça no celular — falou Luciana entregando o aparelho. — Tomei a liberdade de atender, já que estava ligando direto.

— Tudo bem. Quem era?

— Ela não me disse o nome.

— Obrigada — falou Roseli olhando o registro de chamadas. — Que saco! Era o que me faltava!

— Algum problema?

— Não, nenhum.

Luciana olhou Roseli se afastar para um local mais isolado, levando o celular à orelha. Pela forma que falava não devia ser boa coisa. “Como uma mulher como a Roseli namora uma pessoa sem a mínima educação como a garota do celular?” Mas isso não era da sua conta. O importante era saber como

estava Carol dentro do presídio.

Leona alcançou o piso superior sem dificuldade. Roberta que vinha ao seu lado entrou primeiro para verificar o lugar. Passou por algumas detentas que não notaram sua presença, entretidas em quebrar o escritório. A porta da sala onde Carol devia estar, era vigiada por uma mulher com uma arma. Ângela tinha cometido o pior erro da vida dela, colocando Carol no meio. Quanto mais Leona avançava mais seu coração batia descompassado. Há tempos não sentia a sensação da adrenalina percorrendo pelo seu corpo. O perigo e a certeza de que morreria com um descuido a fazia reviver momentos memoráveis que tinha passado antes de entrar no presídio. Saiu detrás da parede que mantinha sua segurança andando devagar, deixando toda a adrenalina bombar pelo seu sangue chegando perto da mulher, que agora lhe apontava a arma.

— Eu vou atirar, Leona! Não estamos para brincadeira!

— Atira. Você uma boa mira daí — respondeu com a voz calma.

— Você é louca, Leona!

— Agora que você descobriu? É aí que a Carol está?

— Você não vai pegar ela até que a rebelião acabe.

— Duvida de mim?

— Se afasta! Meu, que merda! Não quero ser obrigada a te matar!

— Você só vai me matar se quiser. Eu quero te matar então não tenho problema algum. Por que você não se decide? — perguntou Leona parando na frente da prisioneira encostando a arma na altura do coração — É só puxar o gatilho.

— Você é louca!

Roberta olhava a cena, encostada na parede, desacreditando que Leona fosse capaz daquilo. “A mulher é louca mesmo!” pensou. Brincava com a morte como se fosse seu joguinho. Se uma mulher é capaz de cometer loucuras por amor, Leona era a própria loucura em pessoa. Pensou em interferir, mas se algo acontecesse com aquela maluca precisaria estar viva para terminar o serviço.

Leona fitou os olhos castanhos a sua frente que demonstrava espanto e medo. Percebia a respiração alterada de alguém que não consegue manter o controle em momentos de tensão. Forçou a arma contra o peito sem desviar os olhos verdes que estavam cravados nos da mulher a sua frente. Com um movimento rápido tirou a mão do bolso,

torcendo o braço pegando a arma virando contra a cabeça da detenta.

— Eu tenho nojo de pessoas como você. Fracas, com medo de tudo e de todos. Se você quer alguma coisa, não pode ter medo. Você tem que fazer. Se der errado e se houver tempo de consertar será ótimo, mas a sua chance passou e você vai pagar por isso... Por ter articulado tudo com Ângela e, pior ainda, por ter tocado na única pessoa aqui dentro por quem eu mato e morro. Numa próxima vida tente ser muito melhor do que você foi nessa.

— Leona, por favor, eu... — implorou a mulher entre lágrimas, se ajoelhando no chão.

Roberta observava tudo de longe, sem querer chegar perto, sem querer acreditar no que ia acontecer. Leona não podia ser tão ruim. A mulher já estava dominada. Fechou os olhos quando viu ela levantar a faca e desferir contra a prisioneira, fazendo o sangue espirrar na sua camiseta.

Capítulo 22

Roseli voltou para junto de Luciana, desligando o celular. A sua feição dizia que a conversa não tinha sido das melhores. Luciana resolveu se concentrar no enorme problema que tinha a sua frente: a rebelião do Presídio.

— Teve notícias de dentro da prisão? – perguntou assim que Roseli se aproximou.

— Tive sim e não são boas. Segundo algumas detentas, quem tá comandando a Rebelião é Roberta e Edilene. Provavelmente Carolina está envolvida.

— Isso é impossível! Ela não teria coragem!

— As duas mulheres que ela provavelmente tem algum envolvimento estão envolvidas. Seria um

PERIGOSAS NACIONAIS

caso quase impossível de ela não estar de alguma forma.

— Quem falou isso?

— A própria detenta que está negociando com os policiais: Edilene.

— Mas ela não confirmou se a Carol tá envolvida.

— Não, ela não falou, mas é só ligar dois mais dois.

— Ela não faria isso. Eu conheço Carolina. Ela jamais faria mal a alguém!

— Não é o que a ficha criminal dela diz.

— Algum problema, doutora Roseli? Parece que a senhora está se comportando como o advogado do diabo.

— Não é isso, mas como a advogada dela tenho que levar em consideração todas as possibilidades e não me chame mais de senhora.

— Não leve a possibilidade de ela estar envolvida num ato tão insano. Se tem uma coisa que a Carol sabe ser é justa e honesta com todo mundo. Se ela matou o pai dela é porque aquele filho da puta não merecia estar vivo hoje!

— Desculpa se te ofendi. Não foi minha intenção... Mesmo com o barulho que estava do lado de fora do presídio, o som do tiroteio que se ouviu foi bem

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nítido. A correria recomeçou novamente com os policiais que tentavam contato por telefone para saber o que tinha acontecido e os atiradores de elite se posicionaram, esperando ordem de invasão. Luciana, que estava de posse do colar da virgem desde o dia que Carol devolvera para Seu Roberval, apertou ele contra o peito fechando os olhos e rezando baixinho.

Leona encostou a cabeça contra a parede, respirando fundo. A sensação de poder que sempre sentira depois de matar alguém a tinha abandonado. Olhou para o corpo aos seus pés que formava uma pequena poça de sangue do corte do pescoço e a bÍlis subiu pela garganta. Tinha que ser forte para não vomitar ali, pois o trabalho ainda não estava concluído. Roberta se aproximou em silêncio, olhando para ela. Não sabia se falava alguma coisa, se somente encostava em seu braço ou se caía fora dali. Com aquela morte, Leona tinha acabado de ganhar mais alguns anos de prisão e ela não estava disposta a ter assassinato na sua ficha criminal, nem mesmo por uma branquela que ela nem amava. Leona percebeu a hesitação de Roberta. Sabia que tinha agido como um monstro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Me ajuda a afastar o corpo dessa piranha daqui.

— Leona, eu...

— Roberta, eu não tenho mínimo remorso de ter matado ela. Não precisa se preocupar porque eu assumo a culpa. Fica tranquila.

— Não é isso, é que eu...

— Nunca tinha visto alguém ser morto – deduziu Leona.

— É...

— Lei da vida: um dia você está vivo, com as pessoas que gosta, e no outro dia está morto. Nada de estranho nisso.

— Ela já tinha se entregado.

— Ela tocou na Carol! Ela e a Ângela colocaram Carol aqui dentro e eu mato por ela e sem nenhum problema!

— Você teria me matado...

— E ainda mato se você resolver se meter na minha vida.

— Isso eu já tinha conversado com a Carol...

— Ok. Depois nos resolvemos. Agora dá pra você me ajudar a tirar essa defunta aqui da porta? Vamos ter que arrombar e a ação têm que ser rápida! Só que eu tenho uma pergunta antes. Nós não sabemos quantas pessoas tem dentro desta sala. Pode ser que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

assim que assim que colocarmos a cara na porta, levemos um tiro na cabeça. Você tá comigo nessa?

— E deixar toda a honra pra você? Nem morta!

— Então vamos lá!

Leona olhou ao redor procurando algo para ajudar a arrombar a porta. Tentou o extintor, mas este estava bem preso na parede, para o caso de incêndio as presas serem queimadas. Voltou para frente da porta com resignação. Roberta estava agachada na frente, quase vomitando pelo corpo estendido ao seu lado.

— A porta tá aberta – falou se afastando respirando fundo.

— Você era uma trombadinha, é?

— Fui. Costumava roubar casas com meus doze anos.

— Ok. Eu entro na frente e você me dá cobertura. É fácil você fazer isso funcionar é só apertar o gatilho. – Falou Leona entregando a arma na mão de Roberta.

— Eu sei atirar.

— Mas você não é criminosa!

— Meu marido me ensinou.

— Seu marido?

— É. Meu marido.

PERIGOSAS ACHERON

— Temos que conversar muito depois. Agora concentração, por favor...

— Você vai ficar sem arma?

— Eu to com outra. Podemos ir agora?

— Claro. Boa sorte.

Leona respirou fundo e deu cinco passos para trás e voltou, dando um chute na porta. Num relance viu toda a ação ali dentro: Carol estava sentada num canto junto com a diretora e outras guardas estavam algemadas em outro canto. Ângela estava em pé perto da parede e mais quatro detentas estavam espalhadas pela sala. Leona atirou na primeira à sua frente depois mirou em outra um pouco mais distante. Roberta derrubou outra que já estava mirando contra Leona e rendeu uma quarta que estava somente com uma faca. Ângela correu para junto de Carol, segurando seu pescoço e apontando a arma para sua cabeça.

— Vocês sempre têm que se meter! Que impressionante! Ela vai morrer por causa disso, sabia?

— Então serão duas porque o seu lugar já está reservado no inferno.

— Quanta honra! Você tá fudida!

— Jura?! Por quem? Você? — perguntou Leona

PERIGOSAS NACIONAIS

com um risinho. — Tem uma amiguinha sua caída ali na porta que me jurou a mesma coisa!

— Você matou Isabel?!

— É o mesmo que acontece com todas que interferem na minha vida!

Ângela virou a arma contra Leona e atirou. O som do estampido trepidou no ouvido de Carol fazendo com que ela se abaixasse. Ouviu outro som de arma e o corpo de Ângela que caiu atrás de si. Carol só teve tempo de ver Leona que também caía com uma marca vermelha se formando na altura do busto.

PERIGOSAS ACHERON

CAPITULO 23

Roberta largou a arma que segurava sem saber se ia acudir Carol que estava para em estado de choque ou Leona que caía aos seus pés. Pensando rápido deu chocalhão em Carol que sacudiu a cabeça tentando se orientar e voltou sua atenção para Leona que estava com o cabelo castanho estava sobre seu rosto. A marca do tiro indicava que ele havia atingido o peito do lado direito.

— Eu to bem... — falou Leona baixinho.

A diretora olhava as duas mulheres no chão que se ajudavam para levantar. As outras guardas continuavam algemadas no canto da sala. Carol recuperou o senso correndo para junto de Leona.

— Meu Deus! Linda! — exclamou ajoelhando na

frente dela. — Você está baleada!

— Eu to bem, linda. Nem atirar direito essa filha da puta sabia. — falou Leona fechando os olhos pela dor causada. — Roberta, vê se aquela desgraçada está morta.

— Você acha que eu vou errar um tiro?

— Vai saber! Melhor conferir.

— Vai se danar, Leona!

— Você está me amando eu sei...!

— Só não te dou um murro porque você não é páreo pra mim nesse estado.

— Hei, vocês duas! Para! — falou Carol procurando um pano para estancar o sangramento.

— Depois vocês discutem.

— Não estamos discutindo, branquela. Estamos apenas fazendo nossa demonstração de amor.

— Me erra Roberta, lá louca? — falou Leona fazendo careta. — Oh diretora! Pode pegar essas armas aqui e botar ordem na casa. Eu não vou continuar a rebelião.

— Eu vi a Ângela guardando a chave das algemas das guardas no bolso dela — falou Carol fazendo pressão sobre o machucado.

— Eu Pego.

Roberta se adiantou do corpo para se certificar que

Ângela estava, de fato, morta. A bala tinha acertado o lado direito do rosto fazendo que ela ficasse com a máscara da morte estampada nos olhos vidrados. Vasculhou os bolsos e de posse das chaves libertou as guardas que imediatamente pegaram as armas e saíram para o corredor. O telefone tocava sem parar e a diretora se adiantou para atender.

— Está tudo sob controle! Vou liberar os portões para a entrada.

— Tenho notícias lá de dentro — Falou Roseli chegando perto de Luciana com ar de tristeza. — Mas infelizmente não são boas.

— O que aconteceu?

— Mataram as prisioneiras que estavam comandando a rebelião.

— Ah! Meu deus! — Exclamou Luciana sentindo as pernas ficarem bambas. — A Edilene e a Roberta?

— Não falaram nomes. Disseram que foram as prisioneiras no comando e pelo que sabíamos, eram elas.

— Eu quero ver a Carol! Eu preciso saber se ela está bem!

— Luciana calma... vamos descobrir tudo, mas não

posso fazer nada agora. Temos que esperar.

— E se ela estiver machucada? Eu não quero e nem posso perde-la!

— Temos que ser fortes Lu — Disse Roseli abraçando Luciana. — Tem outra coisa também.

— O que foi?

— Mataram cinco pessoas.

— Fala pra mim que a Carol tá bem... Por favor!

— Eu não posso fazer isso, mas assim que eu souber de tudo eu te falo. Eu vou pra lá que a polícia vai invadir a qualquer momento

Carol acompanhou as outras detentas para o pátio onde eram revistadas e colocadas e fila indiana. Leona tinha sido mandada para a enfermaria e ela não sabia mais notícias dela, pois tinha sido impedida de acompanhá-la. Com aperto no peito, esperava o momento em que poderia vê-la novamente. O presídio estava destruído. A maioria dos colchões haviam sido queimados e vidros quebrados. Os corpos de algumas detentas foram colocados no pátio junto delas como um sinal de repreensão. Roberta abaixou a cabeça, pois sabia que duas mortes eram culpa diretamente sua. Não suportava a ideia de olhar para aquelas figuras mórbidas jogadas como animais ao seu lado. Um

grupo de policiais se aproximou de Roberta.

— Você é que é a Roberta?

— Sim, Senhor.

— Você está sendo acusada da morte de três prisioneiras. Venha conosco.

— Não! – gritou Carol no mesmo instante. – Foi ela, que junto com outra detenta, acabaram com a rebelião, liberando as guardas e a diretora...

— Você é advogada dela?

— Não, senhor.

— Então cale a boca!

— Fica fria, branquela. Eu vou ficar bem.

Carol ficou olhando Roberta se afastar com lágrimas aflorando nos olhos. O mundo não podia ser tão injusto.

Roberta entrou na enfermaria acompanhada dos policiais. Leona já tinha tido os primeiros cuidados e seria transportada para um hospital mais próximo para a remoção da bala. Pela sua feição parecia estar alegre, mas não estava em condições de fazer algum tipo de piada. Olhou para a diretora que mantinha as costas para a porta.

— O que vocês duas fizeram hoje foi uma loucura. Nunca antes, na história do nosso país, tinha acontecido de duas prisioneiras controlarem uma

PERIGOSAS NACIONAIS

rebelião. Só que existem cinco corpos lá fora e os direitos humanos e as famílias dessas mulheres vão querer a cabeça de alguém.

— Isso quer dizer...

— Quer dizer que vocês serão punidas pelo que fizeram. Por ora não vou fazer nada. Vamos ter que reformar o presídio e não vou ter tempo para pensar nisso. Rezem para que ninguém mais tenha, se é que vocês me entendem. Vou discutir isso com as autoridades.

— Perfeitamente – Respondeu Leona com um risinho no olhar. – Vamos nos preocupar em recuperar nossa casa.

— É o mais importante agora.

— Roberta não matou ninguém – falou Leona quando a mulher fez menção de se afastar. — Eu assumo essa responsabilidade.

— Você vai sair em liberdade condicional daqui a cinco meses. Tem certeza que quer atribuir mais tantos anos de pena?

— Eu sempre assumo o que faço.

— Você é quem sabe – respondeu a diretora dando ombros ao sair da enfermaria.

— Leona, eu...

— Cala a boca Roberta, antes que eu me arrependa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Consegui conversar com um policial – falou Roseli tirando os óculos escuros e jogando no banco do carro. – Tudo alarme falso.

— Como assim?

— Outras detentas usaram o nome da Edilene e da Roberta para incriminá-las. Elas estão bem e vivas.

— E a Carol?

— Ela também. Não há mais nada que possamos fazer aqui. Vão colocar ordem na casa agora.

— Mais uma dessa e eu morro...

— Vamos torcer para que não aconteça tão rápido... Eu te levo pra casa...

— Tem certeza que...

— Absoluta. Talvez domingo possamos visita-la.

— Que droga!

— Entra no carro, vamos embora.

Luciana entrou no carro acompanhando Roseli. Deu uma última olhada para o presídio que continuava cercado de policiais, agora mais calmos pela situação já sob controle. Daria tudo para ver Carol e saber como ela estava, mas Roseli tinha razão: Não tinha mais nada que pudesse ser feito ali. Ficou olhando-a sair para o trânsito pesado da avenida. As mãos, que demonstravam ternura, brincavam com o volante alternando entre uma

PERIGOSAS ACHERON

mecha de cabelo que brigava para ficar nos seus olhos. Sem segurar o risinho ajeitou o cabelo para trás, dando-lhe um sorriso afetuoso. Torcia por Carol: A amava com todas as suas forças, mas se perguntava se tinha estrutura emocional para sustentar um amor tão denso e problemático.

CAPITULO 24

Carol olhou curiosa quando Roberta voltou para o pátio. Ostentava um sorriso enigmático, que não deixava revelar nada. Tentou falar com ela, mas a concentração de policiais inibia qualquer contado entre as prisioneiras. Foram conduzidas ao refeitório todo destruído e improvisaram camas com o que havia se salvado do quebra-quebra da manhã. A noite correu sem que ninguém conseguisse pregar os olhos, principalmente Carol que estava preocupada sem saber como Leona estava.

Os dias seguintes foram dedicados a recuperar o que havia sido destruído. O presídio era um poço de silêncio: Varias prisioneiras estavam na solitária e quem não estava era oprimido pela presença continua da polícia. O final de semana passou sem

que pudessem receber visitas. Carol queria ver seu Roberval novamente. Sabia que ele devia estar preocupado com o que lera e ouvira nos noticiários, mas qualquer contato com o mundo exterior era impossível. Passou a se preocupar em saber notícias de Leona. Já fazia quatro dias que ela estava fora em algum hospital. No primeiro momento parecia que o tiro tinha sido numa área onde ela não corria riscos, mas a demora da volta a fez repensar se de fato não tinha sido sério. Somente na quarta feira é que todas as prisioneiras começaram a ter novamente a visão de que tudo estava se normalizando. A maioria dos policiais haviam deixado o presídio e somente um número maior de agentes penitenciários é que faziam a segurança do lugar. Carol voltou a sua rotina diária de limpeza e quando entrou no refeitório para o almoço teve a surpresa e o alívio de ver Leona novamente.

— Você voltou! — Falou pulando em seu pescoço, abraçando-a.

— Claro que eu voltei, linda, aqui é o meu lugar — falou fazendo careta. — Mas cuidado. Essa porra ainda dói.

— Desculpa — falou Carol se afastando e fazendo

carinho no lugar onde a bala acertou.

— Seria bom levar um tiro de vez em quando para receber esse carinho – sorriu Leona.

— Nunca mais fala uma besteira como essa! Fiquei muito preocupada!

— Desculpa, linda.

— Você não tem que me pedir desculpas. A Culpa é da Ângela!

— Ela não vai mais perturbar.

Roberta chegou acompanhada com Cristina. O sorriso no rosto também transparecia alívio. Carol pode perceber pela forma que se olhavam que a rivalidade que cultivavam, tinha se dissipado.

— Puta que pariu! Eu achei que você tinha finalmente saído do meu caminho! Mas que merda!

— Vaso ruim não quebra tão fácil! Já devia saber disso.

— Eu sei. Vou ter que eu mesma providenciar para que você saia da minha vida – falou Roberta ainda ostentando o sorriso.

— Vocês gostam de se atacar né?

— Não tem graça se não houver implicância. Mas você está melhor?

— To levando. Dói bastante.

Carol ficou o tempo todo junto com Leona, sua

vontade mesmo era de beijá-la, mas não podia fazer isso ali. Não com aquele monte de agentes olhando para as prisioneiras a todo o momento. Teria que esperar até o horário da tarde.

A sirene indicou o fim do almoço e todas as mulheres voltaram para suas obrigações. Carol se concentrou no trabalho para que a tarde passasse rápido, mas ela se arrastou por longas quatro horas até o horário do banho de sol. Entrou no pátio procurando por Leona com os olhos. Conseguiu enxergá-la junto com Roberta discutindo num canto.

— Carol não sabe? — perguntou Roberta preocupada.

— Claro que não. Ninguém sabia, mas fica despreocupada. Agora vou ganhar mais uns anos de pena.

— Então quer dizer que se nada disso tivesse acontecido você sairia em liberdade em cinco meses.

— Condicional e ela não precisa saber disso. — Falou Leona acendendo um cigarro.

— Onde você conseguiu isso?

— No hospital. Arrumei um monte de maço. Quer

um?

— Da um ai.

— Quer dizer que vocês viraram amiguinhas? – perguntou Carol ao se aproximar.

— Ta louca, branquela? Acha que eu vou dar trela pra essa lambisgóia?

— Sempre maldosa!

— Edilene! – chamou uma guarda que Carol nunca tinha visto antes. – A diretora quer vê-la. Você também Roberta.

— Logo agora que eu queria ficar com você! – se queixou Carol.

— Já volto linda.

Leona saiu acompanhada de Roberta e da guarda para saber o que ela queria. Olhou para trás e viu Carol que continuava parada no mesmo lugar vendo-as se afastarem. Sabia que algo estava acontecendo e não era somente o fato delas terem matado algumas rebeladas.

— Sentem-se.

— Obrigada – responderam automático.

— Vou contar pra vocês o que aconteceu na semana passada. Um grupo de rebeladas tomaram conta do presídio lideradas pela Ângela, que usava seu nome para poder incriminá-la. As guardas

conseguiram dominar a situação, mas infelizmente durante o ato tivemos baixa de cinco prisioneiras que foram mortas por nossas agentes. Vocês estavam no pátio e não tiveram conhecimento da ação – falou a diretora fazendo uma pausa. – Parabéns Roberta: Você conseguiu a transferência que queria. Você fica nesse presídio somente até o final do mês e você Leona já pagou o que devia para a sociedade. Sua condicional começa a partir do dia dez do próximo mês. Vocês estão dispensadas por enquanto. Já estou dando entrada nos papéis de soltura e transferência.

Roberta e Leona se entreolharam sem acreditar. O sorriso de Roberta iluminou a sala, mas a preocupação que se estampou no rosto de Leona era palpável. Não sabia como diria isso a Carol.

O domingo amanheceu nublado, indicando temporais. Luciana observava a rua que fazia esquina com seu prédio. Vários carros estavam parados perto por causa do clube poliesportivo que dividia a calçada com uma padaria bem frequentada. Luciana abriu um sorriso quando viu o sedan preto dobrar a esquina. Tinha certeza que era o carro de Roseli, mesmo sem ver o motorista. Correu para o quarto dar uma última conferida no

visual: A calça capri jeans fazia uma bela combinação com a blusa de malha que denotava seu corpo sensualmente sem deixar vulgar. Estava ansiosa para ver Carol: Já fazia quinze dias que tinha ocorrido a rebelião e ainda não tinha tido chance de vê-la e a saudade estava apertando seu peito. Ouviu o interfone tocando e a voz do porteiro anunciando Roseli. Pediu para ela subir enquanto terminava de se aprontar.

Roseli havia despertado uma confusão de sentimentos que estava tirando sua razão. Sentia falta de falar com ela qualquer assunto mesmo que fosse banal. Tinha que ligar a qualquer momento para perguntar qualquer coisa em relação ao caso apenas para escutar sua voz. Sentia que ela também a olhava diferente. Na última semana tinha recebido uma ligação sua as dez da noite apenas informar que tinha conversado com outro advogado sobre Carol e que ele também tinha chegado à conclusão de que o caso era fácil. A ligação perdurou por duas horas.

— Bom dia Lu! — Cumprimentou Roseli dando-lhe um afetuoso beijo na face.

— Bom dia! Chegou atrasada!

— Só dez minutos, mas hoje o trânsito é tranquilo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Em vinte minutos chegaremos no presídio. Vai levar muita coisa?

— Não. Acho que não. Depois da rebelião acho que Carol perdeu um pouco das coisas que eu tinha levado da outra vez. Vou levar de novo.

— Me dá as bolsas que eu já vou levando para o carro.

— Está ali em cima do sofá.

— Tudo isso?

— Você acha muito? — perguntou Luciana preocupada.

— Não, estou brincando. Te espero no carro.

— Já estou descendo.

Luciana ficou olhando Roseli sair com duas sacolas, com um sorriso. Ainda teriam que passar no Heliópolis pegar seu Roberval. Ela também o tinha adotado como pai. Chegaram no presídio antes da hora prevista para entrarem. Assim que a entrada foi liberada, Luciana foi umas das primeiras a passar pela revista e quando alcançou o pátio avistou Carol junto com outra mulher de cabelos castanhos. Imaginou se aquela era Roberta ou Edilene.

— Carol! — exclamou lhe dando um abraço apertado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Lu! Que saudade!

— Como você está? Que loucura foi aquela da rebelião?

— Nem me fala! Passamos por maus bocados.

— Mas que bom que você está bem!

— Oi doutora Roseli – cumprimentou Carol.

— Tudo bem, Carolina?

— Tudo. Seu Roberval! Que saudade!

— Minha filha! Como é bom te ver bem!

— Eu to bem sim. Eu senti tanta a falta de você – gaguejou. – Me perdoem pelo o que eu falei da última vez que vieram aqui. Eu não estava raciocinado direito.

— Está tudo bem Carol. Não vamos lembrar daquele dia.

— Esta é a Leona.

— Olá, Leona – Cumprimentou Roseli. – Você é uma celebridade.

— Já fui. Hoje não sou mais.

— Já tinha ouvido falar dela?

— Na minha profissão tenho que saber quem são os criminosos mais perigosos.

— Já fui – respondeu a morena usando de poucas palavras.

— Olha, Carol. Eu ainda guardo a imagem da

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

virgem. Ela é sua.

— Obrigada, Lu. Eu vou usar ela com muito carinho, seu Roberval. Tenho certeza que mesmo longe fui protegida por ela.

— Sua fé está voltando, filha, Isso é muito bom!

— A propósito, Leona, tenho que te dar os parabéns – falou Roseli sentando no banco a sua frente. – Fiquei sabendo que sua condicional começa em vinte dias.

— Condicional? — perguntou Carol sendo pega de surpresa. – Você vai sair?

— Acho que falei demais – Roseli mordeu o lábio inferior.

— Com certeza falou – respondeu Leona com grosseria. – Eu ia te contar no momento certo...

— Carol! – chamou Luciana.

Carol fez menção de se afastar, andou por alguns metros e levou a mão no pescoço: Aquele colar tinha o dom de lhe trazer más notícias.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 25

Carol se voltou para o local onde Leona estava parada. Olhou para os olhos verdes com um nó na garganta. Não conseguia entender porque quando alguma coisa na sua vida começava a dar certo, vinha tudo abaixo como um castelo de cartas. Levantou a imagem da virgem na altura dos olhos e voltou sua visão para Luciana que a olhava apreensiva. Não iria mais agir no impulso como havia feito em vários momentos da sua vida.

— Leona depois a gente conversa — falou fechando os olhos andando devagar.

— Carol, eu...

— Por favor, Leona, não vamos criar uma cena aqui.

— Me desculpa, Carol...

— Vamos conversar depois.

Leona saiu do pátio cabisbaixa. Sabia que tinha agido errado com Carol, mas não esperava que teria a pena reduzida pelo que tinha feito com Roberta. Tinha quase certeza que ganharia mais alguns anos, mas manter a imagem do sistema de segurança era mais importante para o presídio que agir da maneira correta. O que a diretora tinha feito era um cala a boca para que ninguém duvidasse da sua administração. Tinha dito isso a Roberta, mas ela simplesmente não ouvira. Para ela, era mais importante a transferência para perto da sua família e ela teria apenas mais um ano e poucos meses de reclusão. Entrou no banheiro onde havia ficado com Carol encostou a cabeça na parede deixando uma lagrima de decepção consigo mesma rolar pelo seu rosto.

— Carol essa é a mulher com quem você está?

— perguntou Luciana.

— Eu... Eu não quero falar sobre isso Lu — respondeu desviando o olhar para Roberta, que abraçava seu filho.

— Por que você nunca quer falar sobre nada?

— Por que é complicado... Eu não sei...

— Você não chegou a ser minha namorada

oficialmente. O que tivemos foi um momento que passou, não há porquê ficarmos com meias palavras.

— Eu a amo Lu — falou Carol se sentando no banco ao lado de Roseli encarando a menina loira parada na sua frente.

— Eu percebi pela forma como você a olha. Vamos ser boas amigas, não é?

— Sempre, Lu... sempre.

— Desculpa Carol — se pronunciou Roseli. — Eu não sabia que...

— Não foi erro seu, doutora — interrompeu Carol. — O erro foi da Leona que não me contou que estava para ser solta.

— Talvez nem ela soubesse...

— Leona? Duvido. Ela sabe de tudo o que acontece aqui. Não me contou antes porque não quis mesmo.

— Que tal mudarmos de assunto? — sugeriu seu Roberval. — Vamos falar sobre coisas alegres. Eu quero tanto te ver fora desses muros!

— Vai demorar, seu Roberval, mas eu vou sair. Um dia, depois de ter cumprido minha pena.

— Carol você sabe que não precisa esperar uma eternidade para sair. Me deixa cuidar do seu caso.

— Eu não quero me encher com uma esperança que

não existe. Não quero criar falsas expectativas.

— Não é falsas expectativas, suas possibilidades são reais!

— Vamos mudar de assunto? — perguntou Carol com um sorriso. — Me conta como está sua vida, Lu, o que tem feito de bom.

— Vou começar a trabalhar como auxiliar do meu pai. Na próxima semana já começo a ir para o escritório.

— Que bom, fico contente por você.

— Não fique. Estou sendo obrigada por meu pai! — respondeu a garota, revirando os olhos.

— Você vai gostar.

A tarde passou rápida. Carol se atualizou do que estava ocorrendo no mundo fora dos muros da prisão, mas não se concentrava em muita coisa. A cabeça ainda repercutia a frase da liberdade condicional de Leona.

Luciana se despediu de Carol, mas o beijo que ansiou por muito tempo não aconteceu. Não podia forçar uma situação que ela não queria mais. Sempre a teria no coração e seria uma amiga presente, não mais do que isso. Deixaram seu Roberval em casa e seguiram para o abc paulista. Roseli dirigia sem pressa alguma querendo que

PERIGOSAS NACIONAIS

aquela tarde não terminasse. Adorava cada minuto que estava passando junto a menina loira que mexia com ela. Parou o carro na frente do prédio e ainda ficaram conversando por alguns minutos. Queria que ela a convidasse para subir, mas não ia se oferecer.

— Obrigada pela tarde — falou Luciana fazendo menção de se despedir.

— Espero que você não tenha ficado chateada comigo pela gafe que dei no presídio.

— Não se preocupe. Agora eu tenho que aprender a ver Carol somente como uma amiga. Vai ser complicado, mas vou conseguir.

— Vai sim. Você é uma mulher especial. Logo terá um monte de garotas atrás de você.

— Carol foi a primeira mulher com quem me envolvi. Talvez a única.

— Por que diz isso?

— Ela significou muito pra mim. E ainda significa. Não sei se vou conseguir olhar outra mulher como a olhava.

— Você só vai conseguir enxergar outra se você se permitir.

— Eu não sei se quero me permitir... Ainda é muito forte.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você pode tentar.

— Não sei — respondeu Luciana evasiva. — Não quero ficar sozinha agora, você vai fazer algo interessante?

— Não. Nada além de ir pra casa e tentar descansar um pouco.

— Quer subir?

— Talvez seja o momento de você ficar sozinha.

— Agora é o momento de estar acompanhada. Podemos beber um suco ou alguma outra coisa. Não faço nem ideia do que tem na minha geladeira

— falou Luciana, dando um risinho.

— Somos duas que não fazem a mínima ideia do que temos em casa — concordou a advogada descendo do carro.

Luciana entrou no apartamento seguida pela morena. Jogou a bolsa no sofá e seguiu para cozinha buscar um copo com água. Roseli foi no seu encalço e ficou parada na porta. Observava cada detalhe daquele corpo juvenil que a deixava louca. Sabia que sua namorada estava em casa esperando-a para sair, mas isso não parecia mais importante do que ficar parada ali na porta olhando Luciana que deixava um filete de água escorrer no canto da boca secando com o pulso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Aceita? — Ofereceu.

— Eu quero um pouco.

Luciana pegou o copo e encheu novamente. ao entregar a água, Roseli a surpreendeu segurando sua mão, encarando seus olhos intensamente. Quase deixou cair o copo.

— O que você acha de assistirmos um filme? — perguntou indo em direção a sala.

— Eu acho ótimo. O que você tem de bom?

— Na verdade nada, mas podemos escolher na Netflix.

— Claro. Quero ver se você tem bom gosto para filme.

— Carol fala que meu gosto é duvidoso — Falou riu Luciana.

— Aposto que não.

Luciana ficou olhando Roseli concentrada na tela da televisão. Já era mais de seis da tarde e ela ainda não tinha ligado para a mulher dela. Não sabia qual era o tipo de relação que elas mantinham, mas não devia ser dos melhores. Por outro lado, a advogada era adorável, muito atenciosa e preocupada. Tinha percebido que ela tinha dado algum tipo de entrada na cozinha mais cedo. Não pode deixar de sentir lisonjeada e ao mesmo tempo confusa: Isso ia de

PERIGOSAS ACHERON

encontro com o que tinha dito: Será que outra mulher, que não Carol, conseguiria despertar seus sentimentos? A resposta estava no coração acelerado e alegre por ela estar ali num programa tão corriqueiro de domingo.

Capítulo 26

Carol voltou para a cela com a mente em turbilhão: será que Roberta também sabia que Leona entraria em condicional? O que mais ela sabia, que era realmente importante, e que ninguém havia contado? Será que ela também teria a pena reduzida e sairia em liberdade? Sentou no beliche ouvindo o que as outras detentas falavam sem dar muita importância: sabia que eram sobre suas visitas e a saudades de seus familiares. Com poucos meses de reclusão, Carol já sabia como funcionava a rotina da cadeia o suficiente, para se preocupar com o que era discutido. Roberta apareceu cantarolando na porta. Levantou a cabeça apenas para ver o sorriso que a negra ostentava no rosto: Sua felicidade era evidente.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Qual o motivo de tanta felicidade, Roberto? — perguntou Carol voltando a abaixar a cabeça.

— Como assim, branquela? — perguntou Roberta encostando na grade. — Quer felicidade maior do que ver as pessoas que amamos? Meu filho está crescendo mais a cada dia. E que história é essa de me chamar de Roberto?

— É assim que te chamam, não é?

— Você nunca se referiu a mim dessa forma.

— Você vai sair?

— Sair de onde?

— Não se faça de santa Roberta, isso não combina com você! — exasperou Carol.

— Do que você está falando branquela?

— Quero saber se você vai sair junto com sua nova amiguinha! — Carol se levantou, encarando os olhos de Roberta.

— Leona? Ela não é minha amiguinha.

— Não? Não é o que parece! Você vai sair com ela?

— Ela já te contou?

— O que ela tem pra me contar?

— O que você acabou de dizer.

— O que eu acabei de dizer?

— O que você me perguntou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Chega! – explodiu Carol perto da mulher, que não se moveu um milímetro. – Eu estou cansada de meias palavras! Tudo o que eu quero é a verdade clara. Você vai sair em condicional também?

— Não.

— Você sabia! Por que não me contou nada?! Por quê?

— Não era eu que tinha que ter lhe contado.

— E por que não? Eu confio em você! Te considero uma amiga!

— Não se deve confiar nas pessoas, principalmente dentro de um presídio. Aqui não existem amigos. O máximo que pode existir são criminosas que se dão bem umas com as outras e na primeira oportunidade não hesitariam em te fuder para conseguir o que querem.

— Você faria isso?

— A coisa que eu mais quero na vida é ficar perto do meu filho e eu não mediria esforços pra isso.

— Isso já responde minha pergunta, não é?

— Você pode entender como quiser, branquela, eu vou sair daqui sim. No final do mês vou ser transferida para o interior, perto de onde meu pai mora.

— Fico feliz que você tenha conseguido aquilo que

PERIGOSAS ACHERON

tanto queria!

— Não fique brava comigo, branquela. Eu consegui aquilo que queria. Você devia lutar pela mesma coisa.

— Você não sabe o que eu quero!

— Posso até não saber, mas tenho certeza de uma coisa: Aqui não é lugar pra você. O crime pelo qual está presa é o mesmo que todo tem vontade de fazer, mas não tem coragem o suficiente. Você é ousada e corajosa, por mais que você tenha deixado apagar um pouco desse sentimento, eu sei que sua vontade de viver está guardada aí dentro. Eu só tenho um conselho pra te dar: Hoje você tem vinte e quatro anos e uma vida inteira pela frente. Você tem que fazer algo que valha a pena na sua juventude porque, quando estiver mais velha, será tarde demais e quer saber de uma coisa: O tempo passa mais rápido do que você possa imaginar. Aproveite que você ainda tem pessoas que se preocupam com o seu bem estar porque oitenta por cento dessas miseráveis que dividem esse mesmo espaço dariam a vida para ter o que você tem hoje.

— Eu não tenho nada!

— Você tem saúde e três pessoas que se preocupam de verdade contigo: Olha a sua volta e me diga, o

PERIGOSAS NACIONAIS

que elas têm?

— Eu cansei Roberta — falou Carol deixando os olhos ficarem marejados. — Eu cansei. Não quero mais lutar contra o sistema.

— Quem criou o sistema fomos nós mesmos!

— Tudo isso fica lindo em palavras!

— Fica mais lindo ainda quando você tem coragem o suficiente para fazer virar ações verdadeiras. Vem cá — falou Roberta abraçando Carol. — Às vezes nosso maior inimigo somos nós mesmos! Não se deixe vencer!

Carol deitou com Roberta no beliche recebendo carinhos no seu cabelo. Deixou a mente vagar por tudo o que já tinha passado na vida enquanto sentia a respiração da negra em sua nuca. Mais uma vez tinha que admitir que ela estava certa. Mesmo que ela fosse embora, sempre a teria no coração. Fingiu dormir, mas passou a noite inteira acordada revivendo cada momento da sua vida procurando o lugar exato onde tinha perdido a vontade de lutar.

Leona acordou determinada a ter uma conversa séria com Carol. Não iria permitir que ela a ignorasse e, de qualquer forma, teria que explicar o que tinha acontecido. Entrou no corredor indo direto para o refeitório em busca da mulher que

PERIGOSAS ACHERON

nunca abandonava seus pensamentos. Procurou Carol com o olhar e não a encontrou. Sentou numa mesa num canto de onde tinha toda a visão do ambiente, mas não obteve sucesso. Será que tinha acontecido alguma coisa? Se questionou. Nem Roberta apareceu para o café. Perguntou para Berta sobre o paradeiro delas, mas ela também não soube responder. Com resignação esperou até o fim da refeição e saiu em direção ao pátio principal. Várias detentas caminhavam apressadas para seus afazeres, mas ela não dava importância a isso: Queria mesmo era encontrar Carol o quanto antes. Foi em direção ao prédio da administração e quando dobrou o prédio deu de cara com Carol que estava encostada no muro de olhos fechados.

— Carol o que acontece...

Não deu tempo de terminar o que tinha começado a falar. Carol a empurrou contra o muro buscando sua boca. A urgência com a qual ela a beijava a deixou atônita. Correspondeu na mesma intensidade deixando a mão vagar pelo seu corpo e trocou a posição do muro com ela apertando-a contra o cimento frio. Quando fez menção de recuar com medo de machucá-la a morena puxou-a novamente, prendendo-a com a perna. Sentiu o

corpo todo reagir com aquele contato.

— Vamos sair daqui — sussurrou com a voz rouca.

— Ótima ideia. Vem.

Carol a puxou pela mão e foram andando apressadas até o banheiro coletivo. Duas detentas estavam terminando de limpar o lugar. Com apenas um olhar de Leona sabiam que teriam que sair dali. Com o desejo falando mais alto que a razão arrancou as roupas com dificuldade, pois as bocas não se desgrudaram por um momento e os corpos se atraíam como imã. Leona sentou num banco de concreto num canto, com as pernas de Carol enganchadas na sua cintura. Abaixou o rosto para os seios e deixou a boca fazer as caricias antecipava o clímax. Alternando de um para o outro, puxando o cabelo negro para trás deixou os lábios vagar por toda a extensão do colo sentindo ímpetos de mordê-la. Desceu a mão para o sexo úmido ouvindo os gemidos de Carol cada vez mais altos. Deixou os dedos penetra-la brincando, provocando. Depois de provoca-la o suficiente para fazer com que implorasse que a fizesse gozar, sentou-a na ponta do banco ficando de joelhos a sua frente. Carol puxou sua cabeça, grudando os lábios, para sufocar sua respiração, sentindo as investidas de Leona que

PERIGOSAS NACIONAIS

ficavam cada vez mais forte. Num momento insano, teve a mais absoluta certeza que faria de tudo para viver cada dia como se fosse o único e último dia de sua vida.

— Carol eu sinto muito por não ter lhe contado o que...

— Leona você consegue tudo o que quiser aqui dentro não é? – interrompeu Carol.

— Quase tudo. Por quê?

— Me muda de cela.

— Você quer ir pra que lugar? Alguma coisa te chateou onde você está? – perguntou preocupada, acariciando seu corpo nu.

— Você pode ser muito esperta para cometer crimes, mas para outras coisas... vou te contar, viu?!

— Você quer...

— Quero passar todos os momentos que eu conseguir junto com você. Só mais dez dias não é?

— É.

— Eu quero ficar junto com você nesse tempo.

— Se considere numa nova cela – falou Leona com um sorriso que iluminou todo o ambiente. – Tem outra coisa que eu queria esclarecer com você.

— O que é?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu ia sair em condicional somente daqui cinco meses. Quando eu matei aquelas presas tive certeza que ganharia mais alguns anos de pena. Foi a diretora que mudou tudo para encobrir a falha na sua administração.

— Não importa agora. Nada mais importa.

Carol abraçou Leona apertado, sentindo seu coração bater junto ao seu. Se vestiu e juntas saíram do banheiro. Uma parte do que tinha se proposto a fazer durante a noite já tinha sido concluída.

A mudança de cela aconteceu naquela tarde. Leona não quis revelar seu meio de persuasão com a diretora, mas a mudança foi feita sem nenhum problema. A cela onde Leona ficava era um pouco maior, mas superlotada, como todas no presídio. A única diferença era que parecia a primeira dama do lugar. Sabia como Leona era respeitada ali dentro e, automaticamente, ela também foi. Os dois dias que se seguiram foram mais que gratificantes e exaustivos para Carol: passou a trabalhar na administração e as noites em claro, saciando a fome que as consumia. Na quarta recebeu a visita que também estava nos seus planos.

— Boa tarde, doutora Roseli. Tudo bem?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo bem. Parece que você está de bom humor hoje.

— Quero te fazer apenas um pedido: Me tira deste inferno.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 27

O que te fez mudar de ideia? – perguntou Roseli surpresa com a decisão de Carol.

— Quero viver. Quero acreditar que a vida pode ser mais do que esse mundinho que vivo. Quero poder dormir sem me preocupar se vou estar viva amanhã ou não – falou Carol levantando da cadeira. — Quero relembrar a sensação de andar pelas ruas sem me preocupar em esbarrar em alguém sem que isso vire um motivo de briga, mas acho que tudo se resume ao fato de que eu quero paz. Principalmente paz!

— Eu conversei com quase todas as pessoas envolvidas no seu caso. Todas me garantem que você sempre foi uma pessoa tranquila e calma. O que fez você perder esse controle naquele dia?

— Que pergunta doutora Roseli. O que você faria

se visse um miserável abusando do seu irmão menor? Eu não tenho sangue de barata e não acredito que exista justiça nesse país. Eu queria, que pelo menos por alguns minutos, aquele monstro sofresse o tanto ele nos fez sofrer.

— Seu pai alguma vez tocou em você?

— Não importa o que ele fez comigo. Não queria que ele fizesse com meu irmão.

— Ele já tinha abusado de você, Carol?

— Uma vez ele chegou bêbado em casa e tentou me agarrar. Fiquei com tanto medo que quebrei uma garrafa na cabeça dele. Depois desse dia ele nunca mais tentou nada.

— Me fala da sua infância.

— No que isso pode ajudar?

— Quero traçar um perfil de comportamento. Tenho uma base do que você vai me dizer, mas quero ouvir da sua boca.

Carol fechou os olhos e sentou no canto da sala. Sabia que aquela seria a parte mais dolorosa. Lembrar do passado era remexer em um monte de feridas que ela tinha trancado em um lugar secreto. Não gostava de pensar no que tinha sido sua infância. Muito menos gostava de se lembrar da Fundação: Havia tido alguns momentos bons ali

dentro, mas no geral tinha sido um período de tensão e de temor por causa das meninas mais velhas e, depois, pelo fato de ter sido abandonada por sua mãe.

Roseli ouvia a narração abismada por tudo o que já tinha acontecido com aquela menina: ela era apenas uma criança que nunca teve infância e que lutava todo dia para sobreviver num mundo onde os fracos não sobrevivem.

A guarda bateu na porta anunciando o fim da visita. Carol voltou para o prédio da administração um pouco mais aliviada. Encontrou Leona parada na porta conversando com a loira com quem eventualmente ficava. Sentiu uma pontinha de ciúmes quando viu a loira pegando a mão dela, levando a sua cintura e puxando-a para mais perto. Resolveu sair dali antes que ela a visse.

— Para com isso — falou Leona para a mulher que se insinuava de forma descarada. — Eu não quero fazer nada que vá magoar Carol.

— Você não precisa fazer nada, eu faço.

— Faz o que?

— O que você quiser...

Leona deu um sorriso deixando a mulher guiar sua mão até a cintura apertando de forma sedutora:

Verônica sabia ser provocante quando queria, e Leona nunca a tinha dispensado, mas como tudo tinha sua primeira vez, essa era a sua chance.

— Eu não quero nada e...

— Você nunca foi de dispensar uma boa transa! Vai me dizer que aquela garota realmente te colocou algemas?

— Ninguém me coloca algemas. Eu sempre faço o que quero e o que eu quero agora é ficar com a Carol.

— Duvido!

Verônica agarrou o pescoço de Leona a puxando para um beijo tentando empurrá-la para a parede. Não viu que uma terceira pessoa se aproximava.

Carol girou em cima dos calcanhares e voltou para o lugar onde viu Leona com a garota loira. Não hesitaria perante mais nada e aquela menina tinha invadido seus limites. Dobrou o prédio e viu quando ela puxou Leona forçando um beijo. Leona não correspondia, pelo contrário, a empurrava, mas somente o fato de vê-la naquela situação fez o seu sangue ferver. Chegou perto de verônica a puxou pelos cabelos fazendo que ela se afastasse devido à dor.

— Se você chegar perto dessa mulher novamente

eu te mato – falou Carol entre dentes.

— Você não é mulher suficiente pra ela, Carol!

— Tenho certeza absoluta que você também não é, agora some daqui antes que eu perca a cabeça!

— É o que você acha! Já ouviu ela gemendo baixinho no seu ouvido falando aquele monte de obscenidades que só ela consegue fazer com que não fique vulgar! Sentir a língua e a mão...

Verônica não terminou de falar a frase: O soco que Carol deu em sua barriga a fez ficar sem ar. Com um chute no nariz Carol montou na mulher no chão, agredindo-a. Sentiu os braços fortes de Leona que a puxava de cima da loira.

— Me solta, Leona! — Gritou enquanto esperneava. — Eu vou dar uma lição nela!

— Não vai não. Vamos sair daqui.

— Me solta, porra!

— Mia gatinha, mia. Vamos lá pra dentro.

Leona soltou Carol dentro de uma sala vazia. Adorava a carinha furiosa que ela ostentava.

— Tá rindo do que? Achou engraçado ver duas mulheres brigando?

— Carol, eu...

— Você não fala nada! Eu vi que você não fez nenhum esforço para se afastar dela. Qual é? Tava

gostando? Atrapalhei alguma coisa?

— Não viaja Carol! O que eu não quero é que você fique os últimos sete dias, que eu tenho aqui, numa solitária.

— A loirinha ia adorar!

— Para com isso, Carol! Já encheu. Se eu a quisesse, eu estaria com ela.

— A gostosona! Pode ter todas que quiser! – Carol falou andando de um lado para o outro. – Você anda na linha viu, Leona?! Não tenho cara para ser feita de otária não. Que droga! São apenas mais sete dias...

Carol continuou falando sem parar enquanto Leona a olhava divertida. Desencostou da mesa onde estava apoiada e a empurrou para a porta bloqueando a passagem.

— O que você está fazendo? – perguntou Carol percebendo a ação.

— Isto.

Leona a puxou de encontro ao seu corpo beijando seu pescoço descendo a mão para o quadril suspendendo-a do chão e a sentando na mesa. Carol reagiu imediatamente ao contato agarrando seu pescoço e beijando sua boca. Se afastou ofegante e afundou a cabeça entre os cabelos castanhos e

desalinhados que caíam sobre o ombro. Leona tinha um jeito único de desarmá-la por completo. Se entregou sem pudores a loucura do momento se esquecendo da raiva que a consumia. Não queria, e nem podia deixar que alguma coisa estragasse seus últimos dias junto com Leona.

Os dias que se seguiram passaram muito mais rápido do que Carol queria. Ficavam juntas o tempo todo. Leona parou de cumprir com suas obrigações e a noite depois de saciadas, Carol ficava o tempo todo acordada olhando-a dormir. Queria gravar na sua mente o seu rosto, suas feições, o jeito como ela respirava pesado, enquanto estava dormindo. Mesmo que nunca mais a visse lá fora, teria dentro do seu coração cada instante de felicidade que tinha tido com ela. Sabia que jamais a esqueceria.

O domingo amanheceu triste e chuvoso. Leona iria sair no dia seguinte. Tomaram café juntas e saíram para o pátio onde varias detentas se concentravam esperando as visitas. Conversavam sobre tudo, menos sobre a saída dela. Não havia por que se torturar antes do tempo, não havia nada a ser dito.

Carol viu Luciana que se aproximava junto com Roseli.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Oi, Carol – cumprimentou Luciana abraçando-a
— Tudo bem, Edilene?

— Me chama de Leona. Acho tão estranho quando alguém fala meu nome.

— Desculpe.

— Sem problemas.

— Oi Carol. Viemos apenas te falar um oi – falou Roseli dando um abraço na menina que agora era mais que sua cliente.

— Não vão ficar o dia todo?

— Hoje não – respondeu Luciana. – Tem um evento de musica eletrônica na praia que eu quero muito ir. Hoje também tem que ser um dia apenas seu.

— Entendi – falou Carol olhando para Leona. Elas sabiam que ela sairia no dia seguinte.

— E seu Roberval?

— Ele não está muito bem de saúde, mas pediu para te dizer que está torcendo por você.

— Da um abraço bem apertado nele por mim. Diga a ele que eu o amo como a um pai de verdade.

— Pode deixar.

Luciana e Roseli ainda ficaram por algum tempo conversando sobre os tramites judiciais que começariam a partir da segunda feira. Carol estava

PERIGOSAS ACHERON

ansiosa e ao mesmo tempo temerosa pelo o que estava por vir. Sabia que iria se tornar o alvo de todos novamente, mas isso não tinha importância. Não naquele momento. As duas se despediram e saíram rumo ao litoral. Carol sentiu a atração no ar que envolvia as duas mulheres que se afastavam. Elas formavam um belo casal e era importante para Carol que ver a felicidade da sua amiga. Luciana merecia ter a mesma felicidade que ela estava sentindo, mesmo que a sua tivesse data e hora para acabar. Voltaram para a cela e ficaram um bom tempo apenas abraçadas na cama se dizer uma única palavra. Leona foi a primeira a se pronunciar. — Carol eu quero que você saiba que eu nunca me senti tão bem em toda a minha vida.

— Não vamos falar nada agora. Apenas fique assim, abraçada comigo e me deixe sentir seu cheiro por mais essa noite.

— Não vai ser a última. Eu vou voltar.

— Eu não quero promessas. Eu não quero acreditar em algo que talvez possa não existir. Tudo mudou lá fora. Depois de tantos anos longe das ruas, você vai procurar se adaptar e se construir novamente. Eu não quero que você fique presa a mim. É hora de você se libertar e não é só o seu corpo físico não.

Há muita coisa que você precisar libertar aí dentro — finalizou Carol apontando para a cabeça de Leona.

— Eu queria tanto te levar comigo!

— Se for por desejo do destino, vamos nos encontrar novamente. Sabe, no dia que eu fui presa a primeira vez, a última coisa que eu vi na televisão foi uma reportagem sobre a prisão da criminosa mais procurada do país. Eu não sei porquê, eu gravei aquela reportagem, quando eu entrei aqui sabia que te conhecia de algum lugar. Depois de um mês eu lembrei que tinha sido da TV. Algumas coisas ruins têm que acontecer para que outras boas possam nascer. Quem poderia imaginar que depois dez anos eu estaria na cadeia, na mesma cela da criminosa mais procurada do país. Não importa o que vai acontecer a partir de amanhã. A melhor coisa que aconteceu nisso tudo é o que estamos vivendo hoje. Amanhã é outro dia.

— Eu te adoro linda!

Carol beijou Leona deixando uma lágrima escapar. Não dormiu naquela noite em nenhum momento, a abraçou o mais apertado que conseguiu e deixou a mente vagar. Nunca mais iria esquecê-la.

A segunda amanheceu com Carol ainda grudada em

Leona. As detentas se levantaram e começaram a se arrumar. Pensou em dizer algo, mas as palavras seriam desnecessárias naquele momento. Foram para o café da manhã e um estranho silêncio tomava conta do lugar: Todos sabiam que aquele era o último dia que veriam Leona dentro daquelas paredes de aço e concreto.

Carol terminou de tomar o café e se levantou da mesa. Teria que ir para suas obrigações. Deu um beijo demorado em Leona com o rosto banhado de lágrimas. Deu as costas sentindo os olhos que a queimavam. Levantou a cabeça e saiu do refeitório firme. As onze da manhã foi até a janela do corredor próximo a sala da diretoria. Olhou para fora e viu Leona que saía carregando uma mochila. Ela usava uma calça preta com uma camiseta branca. Viu quando ela atravessou os portões se despedindo das guardas. O sorriso de liberdade que ela ostentava não deixava dúvidas de que seria a última vez que a veria.

Capítulo 28

Como você está se sentindo? – perguntou Roberta se sentando ao lado de Carol para o banho de sol da tarde.

— Péssima. Como se algo tivesse sido tirado de mim.

— Vai passar com o tempo.

— Você acha que ela volta?

— Sinceramente? Não. Leona ficou muitos anos longe das ruas. Ela vai querer aproveitar agora.

— É disso que eu tenho medo – falou Carol levantando esticando os braços. – Quando ela ver tudo o que há de novo lá fora e ela sem nenhum dinheiro no bolso, talvez ela possa se envolver com o crime novamente.

— Talvez, mas não fique se martirizando por algo

que você nem sabe que vai acontecer. Quem sabe no próximo dia de visita ela esteja aqui.

— Não quero me agarrar a falsas esperanças. O que houve entre nós foi lindo e curto. Não acredito que eu vá vê-la novamente.

— Ela pode te surpreender.

— Você também vai me deixar, não é?

— Daqui a dez dias vou ser transferida para o presídio do interior. Vai ser melhor para o meu pai.

— Você tem sorte de ter uma família. Uma família de verdade.

— Você também tem uma família de verdade. É só saber cultivá-los do seu lado.

— Quem? Minha mãe? Meus irmãos?

— Eles não, não te trazem sorte. Eu to falando daquele velhinho que sempre vem te ver, Luciana. Não precisa ter laços de sangue para que você considere sua família.

— Eu adoro eles. São uma parte muito importante pra mim mesmo, mas eu fico muito contente por você. Espero que não vá me esquecer!

— O que é isso, branquela? — perguntou Roberta abrindo um largo sorriso. — Você é uma das poucas aqui que vou sentir muitas saudades lá e pode ter certeza que eu quero te ver quando estivermos fora

PERIGOSAS NACIONAIS

desse inferno.

— Te adoro, viu!

— Para de frescura. Está afim de um futebolzinho?

— Eu não sei jogar.

— E você acha que alguém aqui sabe? Dá uma olhada naquelas meninas quase se matando!

De fato ninguém sabia jogar direito, concluiu Carol. Por um pequeno espaço de tempo ela sorriu novamente. As meninas se transformavam com alguma diversão: Pareciam crianças sem se preocupar com nada. Depois do jogo Carol foi para o banho e para a cela. Não tinha fome para jantar. A volta para aquele lugar era cheia de boas recordações. Carol se lembrava, nos mínimos detalhes, de tudo de bom que tinha acontecido ali dentro, um dos melhores períodos que ela teve na vida. Cada canto tinha o jeito de Leona incrustado como que a lembrando de tudo o que disseram e tudo o que fizeram. O colchão ainda tinha o cheiro dela e Carol deixou a mente vagar junto com as lágrimas que desciam pelo seu rosto como uma prece para reencontrá-la novamente.

— Boa tarde, doutora Roseli.

— Boa Tarde Carol. Não entendi o doutora. Achei que já tínhamos passado dessa fase.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Força do habito.

— Então está na hora de mudar seus hábitos.

— Alguma novidade? — perguntou Carol se sentando na cadeira na frente da mesa.

— Sim. Tenho duas boas novidades. A primeira delas é que tinha sido designada uma promotora para o seu caso, mas ela não vai poder atuar então foi chamado outro que é mais maleável.

— Por quê?

— O trabalho dela está sendo investigado por forjar provas em um caso importante.

— Por que ela fazia isso?

— Um jeito mais rápido de se chegar ao topo.

— Qual o nome dela?

— Camila Sanchez. Azar de uns, sorte de outros. É a vida.

— E qual a outra novidade?

— Quem está a par do teu caso é a juíza Isabel Gonçalves Silva. Uma jurista excepcional, muito justa, e que acabou de voltar de uma temporada no campo.

— O que uma coisa tem a ver com a outra?

— Ela está com a mente tranquila e sem preocupações o que só nos ajuda. Conversei com ela ontem e ela parece muito mais ansiosa para

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fazer justiça.

— Quem vai ser o promotor?

— Doutor Antônio.

— Quais são as minhas chances?

— Boas. Você é considerada réu primária já que cumpriu sua pena na Fundação antes de completar dezoito anos. Eu entrei com um pedido de habeas corpus, mas foi rejeitado por se tratar de flagrante.

— Eu não quero saber dos detalhes do que você está fazendo...

— Eu vou recorrer Carol, isso não é definitivo.

— Não vai ser tão fácil como você diz.

— Não vai ser um mar de flores. No seu caso tem depoimentos das pessoas que testemunharam o crime, inclusive Luciana. Sem contar as imagens chocantes do corpo do teu pai...

— Ele não é meu pai.

— A promotoria vai bater nessa tecla: A filha que esfaqueou o pai até a morte.

— E você vai bater em qual tecla?

— Na mulher que agiu em defesa de um menor que era constantemente violentado pelo pai.

— Eu vou dizer uma coisa, mas não leve como uma reclamação ou lamentação, mas por que tudo acontece comigo?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sua vida foi difícil sim e ainda será por um tempo, mas não pense desse modo. Tenha certeza que tudo se resolvera a seu tempo.

— E o que vai vir depois?

— Isso só o tempo dirá.

— Eu tenho medo do que virá.

— Nós vamos estar ao seu lado para te ajudar.

— Como foi o passeio no litoral?

— Foi muito divertido.

— Sua mulher foi com vocês para o litoral? — perguntou, desconfiada.

— Eu não tenho nada com Luciana se é isso que você quer saber. Que tal voltarmos ao trabalho?

— Ela gosta de você. A conheço o suficiente para entender o jeito como ela te olha.

— Carol eu, sinceramente, acho que esse assunto é o que menos importa agora. Preciso colher mais informações suas. Me fala do seu namoro com o Marcelo.

— Não a faça sofrer doutora. Ela é uma garota muito especial com um coração que é raro de se encontrar hoje em dia.

— Eu não estou entendendo o que você quer dizer...

— Eu vou simplificar: Uma garota entra na sua sala desesperada porque a namorada está na prisão e

PERIGOSAS ACHERON

você aceita o caso com um papinho que adora desafios. Você se dedica a ela mais do que qualquer outro cliente que você tenha, com direito a finais de semana românticos na praia sem sua mulher ter a noção de onde você está...

— Eu não te falei que minha mulher não foi.

— Se ela tivesse ido você já teria me dito – falou Carol batendo na porta para o guarda abrir. – Entenda uma coisa doutora, eu não estou com ciúmes da Luciana, apenas não suportaria a ideia de vê-la sofrendo.

— Agradeço sua preocupação.

Carol saiu da sala deixando Roseli arrumando sua pasta. Seguiu direto para o seu trabalho entrando numa rotina que se estendeu durante dias.

Leona ouviu o portão sendo fechado atrás de si. Respirou fundo e fechou os olhos para tentar ordenar os pensamentos. Saiu andando sem olhar para trás. Tinha jurado a si mesma durante dez anos que não nunca mais passaria nem na porta daquele presídio novamente. Sua primeira providencia era arrumar um lugar para dormir. Pegou um taxi e rumou para a região central da cidade. Sua primeira parada foi em um banco. Pediu para sacar tudo o que tinha na conta e o caixa sumiu por alguns

momentos. Sentiu um frio percorrer sua coluna. Ela tinha aquela conta a mais de dez anos. Tinha depositado ali uma parte do dinheiro que possuía antes de ser encarcerada. A soma era alta e talvez tivessem bloqueado seus bens ou outra coisa. Leona esperou por longos cinco minutos com o coração na mão. Não havia porque temer, mas...

— A senhora queira me acompanhar, por favor? — pediu o caixa indicando uma porta na lateral da bancada.

— Algum problema com a conta? Eu não tenho o cartão porque já faz muitos anos que não movimento e...

— É um processo rápido e só vai demorar um pouquinho. Se a senhora fizer a gentileza...

Leona arrumou a mochila nas costas e caminhou até o lugar onde o caixa tinha indicado. Deu uma olhada ao redor e viu que os guardas do banco não haviam saído do lugar. Entrou observando a placa que dizia acesso exclusivo e a sala que parecia entulhada de papeis.

— O nosso gerente quer vê-la. É por aqui.

Leona acompanhou o rapaz até o piso superior e sentou em um confortável sofá esperando ser chamada ou que a polícia aparecesse com armas em

punho. Deu um pequeno sorriso do seu próprio pensamento. A espera era aconchegante com flores num vaso em um canto e uma bancada com água e café. Enquanto se servia de um copo viu o homem bem vestido que se aproximava.

— Boa tarde. Deve ser a senhora Edilene.

— Somente Edilene.

— Me desculpe pelo transtorno é que uma área no térreo está sendo reformada para agregar minha sala. Por ora me mandaram pra cá. Queira me acompanhar, por favor.

Mais uma vez.

— Fiquei curiosa em relação a todo esse mistério.

— Desculpe. Não foi nossa intenção.

— O que está acontecendo? Tudo o que quero fazer é um saque.

— Compreendo. É uma grande soma em dinheiro. Você não tem interesse em fazer alguma aplicação ou algo parecido?

— Tenho certeza que o senhor deve saber alguma coisa a meu respeito e o motivo de eu não ter mexido nessa conta por oito anos. Preciso de todo o dinheiro que tenho para me estabelecer novamente e conto com sua colaboração.

— Com toda certeza, mas você sabe o quanto é

PERIGOSAS NACIONAIS

perigoso andar com dinheiro hoje dia. Quer que transfira para outra conta bancaria?

— Quero que você me entregue em espécie. Depois de dez anos dentro de um presídio você não confia mais em ninguém e pode ter certeza que eu sei muito bem o risco que corre uma pessoa que anda com dinheiro. Se você não se importar vou esperar lá fora. Não vai ter dificuldades em arrumar ele todo.

— Vai demorar apenas na contagem. No máximo vinte minutos.

— Obrigada — falou Leona com ironia na voz. — A respeito: Você só tem mais dezenove minutos. Pode colocar o dinheiro dentro desta mochila. — Finalizou jogando a bolsa em cima da mesa.

Com o dinheiro pesando em seus ombros Leona seguiu até a Praça da Sé. Já fazia muito tempo que tinha estado ali, mas nada tinha mudado. As crianças de rua que não tinham morrido agora eram os novos vendedores de drogas do lugar. Entrou em um prédio indo até o terceiro andar. A sala comercial ainda continuava lá.

— Boa tarde. Essa loja ainda é do Francisco?

— Sim. Ele está lá dentro. Qual seu nome?

— Diga a ele que é uma velha amiga.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Claro.

Leona deu uma pequena volta no lugar olhando as vitrines espalhadas pela loja. O barulho de pessoas chamou sua atenção. Olhou para o velho e gordo parado na sua frente com cara de espanto.

— Leona! Meu deus, Leona!

— Como vai?

— Quando você saiu?

— Há quatro horas.

— Você continua ótima.

— O que aconteceu com o linda?

— Claro! Linda como sempre!

— To te zuando. Preciso de algumas coisas...

— Entrou uma nova lei que só posso vender com registro, posse

— Tenho certeza que você vai conseguir fazer um registro.

— Leona, eu... — o homem fitou seus olhos. Ela parecia muito mais controlada que antes o que era um sinal de perigo — O que você precisa?

— Uma quarenta e cinco e uma sub.

— Pra que você quer essas armas?

— Se você não quiser saber a resposta não pergunte.

— Você nunca esteve aqui.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— A sua melhor sub. Venho buscar amanhã.

— Preciso ter alguma coisa concreta.

— Cinquenta por cento?

— oitenta.

— Cinquenta. Tudo em notas novinhas direto do banco – alou Leona exibindo um dos maços de dinheiro.

— Vai montar uma equipe novamente?

— Não. Vou resgatar velhos companheiros. Aqui está o combinado. Amanhã na parte da tarde venho buscar as armas. E quanto ao registro... Você vai saber o que fazer, não é?

— Eu lido com isso todo o dia.

— Que bom. Se você se mostrar um bom amigo voltaremos a fazer negócios.

— Estou ansioso!

Leona saiu da loja com uma felicidade incomum: finalmente iria começar a reconquistar tudo o que tinha perdido.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 29

Oi, Lu – cumprimentou Roseli ao ouvir a voz da loira do outro lado da linha.

— Oi, Rose. Tudo bem?

— Mais ou menos. Eu preciso te falar uma coisa.

— O que foi?

— Eu fui fazer a visita para Carol ontem e ela está convencida que estamos tendo alguma coisa.

— Nossa! Que ideia a dela!

— Pois é. Foi o que eu disse a ela, mas ela se mostrou irredutível. Quase nem conversamos sobre trabalho.

— Carol é cabeça dura mesmo quando encrena com uma coisa. Vou conversar com ela no domingo.

— Tudo bem. Nesse próximo domingo eu não vou na visita.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por que?

— Eu vou mudar. Me separei hoje e só tenho o domingo para arrumar minhas coisas.

— Nossa... Há algo em que eu possa ajuda-la?

— Não. Eu já consegui um apartamento de um cliente que eu defendi. Já está tudo acertado com ele. Só tenho que me mudar.

— Eu posso te ajudar no sábado, o que você acha?

— Vou adorar receber uma ajuda sua.

— Me fala o endereço que eu vou lá. Só não quero ter a surpresa de ver sua ex-mulher.

— Quando eu pegar tudo na casa da Bianca eu te ligo. Nos encontramos no novo apartamento.

— Ótimo. Você está bem?

— Sim. Melhor do que eu imaginava. Não tinha mais sentido continuarmos juntas.

— E ela?

— Agiu muito mal. Disse coisas horríveis, chorou, gritou, mas com o tempo ela vai ver que foi melhor. Me disse até que eu tinha outra.

— E você tem?

— Tenho. Uma que por enquanto eu não posso ter, mas sou muito paciente.

— Você já disse isso a ela?

— Não. Ela também está passando por um difícil

PERIGOSAS ACHERON

processo com a namorada.

— Rose... Eu...

— Não precisa falar nada. Eu apenas queria que você soubesse. Nos vemos no sábado então?

— Claro.

Roseli desligou o celular, olhando para o aparelho em sua mão. Tinha se exposto mais do que devia, mas não podia ser diferente. Luciana era uma garota como poucas e já não sentia mais nada por Bianca. Era inútil continuar com um relacionamento que não teria futuro para as duas. Carol sem perceber tinha lhe aberto os olhos. Estava mentindo para si mesma.

Carol acordou apreensiva no domingo. Queria muito que Leona estivesse indo visita-la, mas no fundo sabia que isso não aconteceria. Encontrou com Roberta no café e mesmo ela não conseguiu aliviar sua tensão. Seu Roberval foi o primeiro a chegar informando que Luciana não iria naquele domingo. Carol achou estranho, mas não comentou nada. Não estava com cabeça para imaginar coisas a respeito dela. Olhava sempre para o portão esperando que a cabeleira castanha aparecesse para desanuviar seus pensamentos. Seu Roberval parecia

bem abatido pela doença que o tinha acometido, mas fazia um grande esforço para se manter firme. O dia chegou ao fim sem que Leona aparecesse, deixando a decepção tomar conta de Carol. Na quarta feira de manhã se despediu de Roberta que seria transferida.

— Se cuida, branquela!

— Você também! Vou sentir muitas saudades!

— Eu vou sentir também, mas você está aqui no meu coração. Pode ter certeza. Eu deixei a foto do meu filho nas suas coisas. Atrás dela tem o telefone do meu pai e o endereço da casa dele. Quando você sair daqui promete que vai me procurar?

— Com toda a certeza. Obrigada por tudo o que você fez por mim!

— Eu também te agradeço por ter me mostrado um lado mais gentil da vida!

As duas mulheres se abraçaram por um longo tempo. Carol não conseguiu segurar as lágrimas. Mais uma pessoa importante na sua vida estava indo embora, como todos que já haviam passado por ela. Quando retornou ao trabalho foi chamada para a sala de visitas. Seu coração saltou por um momento, mas se lembrou que era a visita da advogada. Caminhou lentamente até o local

PERIGOSAS NACIONAIS

encontrando Roseli parada ao lado da mesa.

— Boa tarde, doutora.

— Boa tarde, Carolina. Nossa conversa vai ser rápida hoje. Seu julgamento está marcado para daqui três meses.

— Três meses?

— Sim. Você vai a júri popular.

— O que isso significa?

— Que nós vamos ganhar. Você está com data marcada para sair desse lugar.

— Nossa... Eu nem sei o que dizer...

— Luciana, Seu Roberval e Carlinhos serão algumas das suas testemunhas de defesa.

— Não queria expor meu irmão.

— Sua mãe concorda com isso. Vai ser necessário. Por ora é isso. Na próxima quarta-feira nos vemos novamente.

— Não vir no domingo junto com a Lu?

— Não vocês terão muito que conversar e eu não quero atrapalhar.

— Não entendi.

— Nós estamos juntas.

— Ah... ok...

— Até mais, Carol

— Até.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Carol ficou, ainda por alguns minutos, sem se mexer do lugar. Ficou surpresa com a declaração de Roseli mesmo sabendo que era certo que aconteceria. Só lhe restava desejar muitas felicidades as duas, diria isso a Luciana no domingo. Saiu em direção ao prédio da administração, mas foi interceptada por uma detenta.

— Carol, agora que você está sozinha aqui eu quero te dizer uma coisa...

— O que foi Andréia?

— Eu quero ficar com você.

Era só o que faltava para coroar o dia!

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 30

O que você está dizendo? – perguntou Carol perguntou com certa incredulidade na voz

— Eu sempre te olhei, mas como você estava com Leona e Roberta eu nunca falei nada, mas agora que elas não estão aqui, resolvi falar com você.

— Eu não sou o tipo de mulher com quem você está acostumada a ficar aqui e outra coisa: Cansei de confusão. E se tudo der certo, daqui a três meses eu estou fora desse lugar e o que eu mais quero agora é passar esse tempo sem nenhuma preocupação ou ocupação. Você é muito bonita e tenho certeza que qualquer uma dessas mulheres aqui faria qualquer coisa para ficar com você, mas eu tenho que te pedir desculpas porque comigo não vai ter jeito.

— Tudo bem, eu entendi, mas será que a Tonha vai entender?

— O que a Tonha tem a ver com isso?

— Eu ouvi ela dizer pra outra guarda que agora você seria dela.

— Ela não se atreveria a encostar um dedo em mim. Se for realmente verdade, eu vou saber lidar com ela. Agora eu tenho que ir trabalhar.

Carol saiu do pátio deixando a garota morena observando-a. “Ela não sabe o que está preparado pra ela” pensou Andréia com um sorriso maléfico no rosto.

Luciana chegou no novo apartamento de Roseli com uma sensação estranha. Sabia que tinha sido um dos motivos para que ela se separa-se de Amanda não sabia ao certo o que esperar, mas tentaria demonstrar naturalidade. Se anunciou para o porteiro e o mesmo já liberou sua entrada. Roseli já devia ter falado com ele. Entrou no elevador e deu uma olhada no espelho se arrependendo da roupa que usava: Um short jeans e uma camiseta branca e simples. Talvez devesse ter dado uma melhorada no visual. Parou na frente da porta rindo de si mesma, afinal a bagunça que devia estar o apartamento não permitia que ela usasse algo

PERIGOSAS NACIONAIS

menos confortável.

— Oi, Rose – cumprimentou assim que a porta se abriu.

— Oi, Lu. Entra. Tenta um lugar para você passar entre essa bagunça.

— Nossa! Vamos ter trabalho hein?!

— Um pouco sim. Como você está?

— Bem. E você? Como estão seus primeiros dias de solteira?

— Bom. Estou muito aliviada das neuroses da Amanda.

— Deve ser bem ruim mesmo, não é?

— Você não tem noção! Quer uma água? Um suco?

— Não. Agora não. Que tal começarmos a arrumar essa bagunça?

— Olha como você fala da minha casa!

— Mas ta mesmo!

O dia passou corrido, mas a tensão no ar era palpável para as duas. Uma hora teriam que tocar no assunto que fora iniciado por telefone. Luciana estava apreensiva por esse momento: Não sabia como reagiria, mas tinha certeza de uma coisa: sentia uma atração muito forte pela advogada que tentava levantar uma caixa pesada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Deixa que eu te ajudo.

— Não, está muito pesada!

— Por isso mesmo! Me dá esse lado – falou pegando um dos cantos da caixa. – O que tem aqui dentro?

— Algumas papeladas do meu trabalho.

Luciana ajudou a suspender a caixa para uma estante e assim que ela ficou segura relaxou encostando as costas nela. Roseli olhava os lábios entreabertos que respiravam ofegantes. Sabia que era pelo esforço, mas num momento de insanidade grudou seu corpo no dela procurando sua boca para um beijo. Luciana correspondeu com entusiasmo, deixando suas mãos passearem por todo o corpo da advogada. O que seguiu depois foi uma longa noite de prazer. Pela primeira vez desde que tinha ficado com Carol, Luciana se entregou ao prazer absoluto que outra pessoa pode proporcionar. Roseli era incansável e quando finalmente amanheceu o domingo se deixou ficar em seus braços pedindo perdão para Carol em silêncio.

Leona chegou no hotel na zona sul já era noite alta. Tinha passado em uma loja para comparar roupas e acessórios pessoais. Pediu uma refeição completa e esperou tomando um banho demorado

PERIGOSAS ACHERON

na banheira. Tinha passado o primeiro dia de liberdade começando a desenvolver o plano que tinha arquitetado desde a primeira vez que tivera uma conversa séria com Carol: desde quando soubera tudo o que tinha acontecido com ela. A saudade começou a apertar no peito: se estivesse na prisão já estariam na cela juntinhas. Sentia falta do cheiro dela e dos seus cabelos negros que adorava acariciar. Não poderia voltar para o presídio para visita-la, mas a teria sempre no coração. Ela não era o tipo de mulher que deixava o sentimento falar mais alto que a razão e nem mesmo Carol iria mudar isso nela. Sentou na cama para jantar com o controle da TV ao lado. Depois de tantos anos, algumas coisas ainda eram descobertas como, por exemplo, saber qual a programação que passava na TV paga. Há muito tempo não tivera acesso a filmes recentes e séries exclusivas. Comeu bastante e descansou a mente o suficiente: Não sabia se estaria viva ainda amanhã à noite.

Leona saiu do hotel ao meio dia. Parou para almoçar em um restaurante próximo do centro e de lá saiu em rumo a Praça da Sé buscar o que tinha encomendado no dia anterior. Francisco entregou tudo embrulhado em uma discreta embalagem junto

com uma caixa de balas. Assim que saiu do prédio, Leona fez um novo juramento: Aquela era sua última compra de armas. Pegou o metrô em direção à zona leste. Não sabia se as pessoas que iria procurar ainda moravam no mesmo endereço. Se não tivesse sorte, a procura ia ser mais demorada do que imaginava. Chegou no bairro e bateu na casa que por muito tempo frequentou, mas uma senhora informou que o dono tinha se mudado há cinco anos.

— A senhora não sabe me dizer para onde ele foi?
— perguntou mesmo sabendo a resposta.

— Não sei, mas eu tenho o telefone dele por causa das parcelas de pagamento da casa. Só que já faz uns três anos que eu não ligo. Talvez ainda seja o mesmo.

— Vou ficar muito grata se a senhora puder me passar.

— Claro. Espera um minuto.

Leona saiu da casa torcendo para aquele número ser o certo. De qualquer forma poderia ter sorte. Entrou em uma lan house e pelo site da operadora de telefone descobriu o endereço. O assinante tinha o nome diferente, mas o sobrenome era o mesmo. Parou em uma esquina movimentada e avistou uma

PERIGOSAS NACIONAIS

escola do outro lado da rua. Algumas mulheres paravam o carro para os filhos desembarcarem, atravessou a rua desembrulhando a arma de pequeno porte e aproveitando da distração de uma delas que se despedia do filho se sentou no banco do carona.

— Por favor, não me mate! — exclamou a mulher assim que viu a arma que Leona ostentava.

— Eu não vou te matar, só preciso do seu carro emprestado. Agora sai daqui.

— Deixa eu descer, por favor!

— Agora não! Sai logo daqui! Eu não quero usar essa arma.

— Por favor! — pediu a mulher entre lágrimas.

— Vamos logo, caralho! Não me faça perder a paciência.

— Pra onde você quer ir?

— Pra uma rua deserta.

Leona subiu os vidros do carro observando se alguém estava vendo. A vantagem de agir em uma cidade como São Paulo era o fato de que ninguém se importava com o que acontecia com outras pessoas: todos estavam correndo o suficiente para não prestar atenção. Assim que chegaram em uma rua pouco movimentada, Leona pediu para que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

parasse.

— O que você vai fazer com essa arma?

— Nada. Agora desce. — Falou Leona jogando a mochila para o banco detrás. — Leva sua bolsa. Outra coisa, eu vou abandonar seu carro de madrugada na zona sul. Deixa seu celular comigo e liga nele depois das dez da noite.

— Você é louca! Louca!

Leona saiu cantando pneu deixando a mulher agachada perto do muro se recuperando do susto. Alcançou o centro depois de vinte minutos e se dirigiu para uma oficina de um antigo conhecido. Torcia para que nada tivesse mudado.

— O Gilberto está aí? — perguntou para um dos funcionários.

— Ele saiu para guinchar um carro há algum tempo. Daqui a pouco ele chega. Eu posso ajudá-la?

— Pode. Ele ainda tem o desmanche?

— Não sei do que a senhora está falando — respondeu o rapaz cauteloso.

— Eu estou falando do galpão que ele tem na parte detrás dessa oficina. Tudo bem, eu vou lá ver — falou Leona entrando na oficina com o rapaz em seu encalço.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— A senhora não pode entrar aí...

— Por que não?

— Aí é exclusivo dos funcionários e...

Leona não deu ouvidos ao rapaz. Entrou em uma sala que continuava a mesma coisa: Suja e fétida como o dono. Ganhou o pátio e começou a atravessar. Dessa vez o rapaz foi mais agressivo.

— Eu já disse que você não pode ir ali – Falou empunhando um pé de cabra.

— O que você vai fazer com isso? Me bater? Vai fundo, mas não erre – falou sacando a arma apontando para a sua cabeça.

— Você é da polícia?

— Você acha que eu, sendo da polícia, entraria aqui sozinha sabendo do que vocês são capazes? Francamente sua imaginação é bem baixa!

Leona se desviou do rapaz e empurrou a pesada porta de ferro que escondia um desmanche de carros roubados. Várias carcaças estavam espalhadas pelo lugar com certeza as peças já tinham sido vendidas.

— Eu preciso de placa.

— Aquele carro lá fora é seu?

— Não. Roubei ele a pouco tempo. Daqui a pouco o B.O. já vai ter sido feito. Preciso confundir.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quem é você?

— Pra que você quer um nome? Tenho certeza que ele não é importante.

— Gilberto vai querer saber.

— Fala pra ele que a pessoa com quem ele mais mantinha negócios há dez anos está de volta.

— Seu nome?

— Duas placas.

— Duzentos reais cada par.

— Meu dinheiro está lá fora. Te espero lá e eu quero trocar uma agora e levar a original comigo.

— Tudo bem.

Leona esperou quinze minutos para que a troca fosse feita. Chegou no endereço do telefone as cinco da tarde. Respirou fundo e saiu do carro carregando a arma na cintura e a sub em punho, disfarçada na blusa. A casa era de classe média com um muro baixo e um jardim na frente. “devia ter comprado um silenciador” Pensou, mas agora não dava mais tempo, não tinha como recuar. Com a velha sensação da adrenalina correndo nas veias pulou o muro e seguiu abaixada até a porta da frente. Tentou a fechadura que estava aberta. O som de uma TV indicava que tinha alguém em casa. Entrou em alerta apontando a sub para todo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

lugar que olhava. Na sala não tinha ninguém. Com passos leves caminhou até a cozinha onde uma mulher de aproximadamente vinte e cinco anos conversava no telefone apoiado no ombro enquanto fazia alguma coisa na pia. Leona se aproximou silenciosa e ainda apontando a arma tirou o fio da base do telefone.

— Olá.

A mulher deu um gritou deixando o telefone cair no chão junto com uma travessa que carregava. Leona a segurou rápida, mantendo a arma na sua cintura.

— Se você gritar de novo eu atiro.

— Não! Pelo amor de Deus não!

— Tem mais alguém em casa?

— Não... Meu marido vai chegar daqui a pouco.

— Eu vou te soltar, mas não tente nada. Só quero fazer algumas perguntas.

— Tudo bem – respondeu amedrontada.

— Seu telefone está registrado no nome de Otavio da Costa Peixoto certo?

— Sim... o que...

— Eu faço as perguntas!

— Desculpe!

— Conhece algum Osvaldo da Costa Peixoto?

— Ele é meu cunhado...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Onde eu posso encontra-lo?

— Eu não sei...

— Você sabe sim. Vou te dizer uma coisa e eu quero que fique bem clara: Eu não dou a mínima nem pra você nem pro seu marido. Se for preciso, terei que fazer coisas ruins para conseguir informações e eu não quero isso. Me diga onde eu posso encontrar o Osvaldo e eu saio da sua casa agora.

— Ele estava controlando uma boca lá no Grajaú, mas eu não sei se ele ainda está lá...

— Que lugar do Grajaú?

— Perto do Cocaia.

— Quando foi a última vez que você falou com ele?

— Há cerca de sete meses, por causa da morte do pai do Otavio. Nós não temos contado com ele mais.

— Teve uma casa que foi vendida na zona leste e a dona tem esse número de telefone. Por quê?

— Quando aquela casa foi vendida ele devia uma grana pro meu marido aí ela pagava pra gente.

— Obrigada pelas informações. Vamos fingir que eu nunca estive aqui. Se alguém souber dessa conversa eu volto e pode ter certeza que eu vou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

voltar uma pouco mais brava.

— Eu não vou contar pra ninguém! Eu juro!

— Boa garota.

Leona saiu da casa um pouco mais aliviada agora tinha alguma coisa mais concreta sobre seu amigo. Osvaldo era um dos seus comparsas em outrora. Depois que tinha sido presa ele havia se dedicado ao tráfico se tornando um grande fornecedor. Ele sabia lhe dizer onde encontrar quem realmente ela procurava. Cinquenta minutos depois ela estacionou perto de uma viela no coração do Cocaia. Sabia que muita coisa acontecia ali desde quando ela ainda estava na ativa. Teve bons colegas ali que sumiram todos. Encontrou um moleque com cara de maconheiro e perguntou onde podia encontrar um bagulho para comprar. Com cinquenta reais no bolso, o rapaz indicou onde ficava o vendedor. Leona não teve dificuldades em comprar cinco saquinhos de coca. Persuadiu o rapaz de que era uma grande compradora e conseguiu o nome do Osvaldo e o seu telefone. Ligou para ele do celular da mulher que tinha roubado o carro.

— Osvaldo?

— Quem é?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Uma velha amiga. Não reconhece mais minha voz?

— Não. Quem é?

— Dez anos atrás.

— Leona?

— Isso mesmo.

— Caralho, meu! Você saiu, sua doida!

— Que boa recepção. To aqui na sua boca no Cocaia. Não quer tomar uma “breja” comigo?

— Só se for agora gata! Puta que pariu! Quanto tempo!

— Bastante. To te esperando aqui junto com seu vendedor.

— Vem aqui pra casa. To morando no Lucélia.

— Me fala a rua.

Leona seguiu para o endereço indicado. Deixou a sub embaixo do banco e saiu com a arma ainda na cintura. Osvaldo tinha mudado um pouco. A idade já aparentava no seu rosto e no seu corpo. Tinham passado sete anos trabalhando juntos e dez sem se ver. Havia muita coisa para ser colocada em dia, mas pra ela somente uma informação era o suficiente.

— Me dá um abraço! A Cadeia não te fez mal!

— Vou levar isso como um elogio.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você tem que levar como um elogio. Vai voltar pra ativa?

— Vou, mas eu tenho que resolver umas pendências antes. Preciso de uma informação sua.

— O que é?

— Eu não fui gentil com a sua cunhada. Peça desculpas a ela quando a ver.

— Aquela vadia merece ser maltratada. O que você quer saber?

— Sobre um traficante que atuava na favela perto da rodovia Ayrton Senna.

— Qual o nome dele?

— Um tinha o nome de Paulinho. O outro eu só sei o apelido: Sapão.

— Vou dar uns telefonemas. Podemos ir bebendo a cerveja enquanto espero a resposta. Quando você saiu?

— Faz uma semana – Mentiu Leona.

— Onde você tá morando?

— Ainda não me estabeleci.

— Espera aqui. Vou ligar e já volto.

Leona esperou observado o lugar. A casa parecia um lugar abandonado cheia de lixo e malcuidada. Num canto ela viu um espelho e Osvaldo no telefone falando baixinho. Do outro lado saindo

PERIGOSAS ACHERON

para a rua um homem sentado quieto. Apenas observando. Teria que arrumar um jeito de tira-lo de lá.

— Pronto. Tenho um contato lá naquela favela que vai me dizer onde você pode encontra-lo. O que você vai fazer?

— Vou mata-lo.

— Por quê?

— Ele machucou uma amiga minha.

— Fiquei sabendo que teve uma rebelião lá e você estava no comando.

— Imprensa sensacionalista. Você sabe como é. Se eu tivesse mesmo no comando acha que me deixariam sair?

— Claro que não. Por isso achei estranho...

— Sempre com um pé atrás comigo, não é?

— Você é meio pancada, Leona. Não sou de confiar muito nas pessoas.

— Eu sei que não. Eu também não confio.

— Mas qual é? Vamos voltar a ser parceiros! Tem muita coisa que podemos explorar.

— Osvaldo eu fiquei durante anos presa numa cadeia só vendo mulher... Eu pretendia só ter informação sua, mas eu fiquei lembrando de quando nos trabalhávamos juntos. Quantas vezes

PERIGOSAS NACIONAIS

acabávamos um assalto num motel? Quer relembrar os velhos tempos?

— E por que não? Quero ver se você continua depravada como antes! Talvez até mais agora, não é?

— Quer tirar a prova? – perguntou Leona tirando a arma da cintura colocando em cima da mesa. Onde é seu quarto?

— É aqui, cachorra!

Leona sentiu ímpetos de dar uma bofetada nele, mas por hora precisava tirar o capanga dele da porta.

— Você se lembra como sou escandalosa? Tira aquele cara dali...

— Pedrão! Vai comprar cigarros, vai. Quando eu te ligar você volta! – Gritou Osvaldo. – Vai ficar mais soltinha agora?

— Com certeza – respondeu dando um beijo no pescoço dele.

Leona foi tirando a roupa dele com calma. Precisava pensar rápido num jeito de imobilizá-lo. Tirou a cinta da calça e colocou-a num lugar próximo junto com a calça e a cueca. O pênis já estava intumescido e Leona teve que se segurar para não rir da cena ridícula que se desenrolava.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tirou sua própria camiseta e calça jogando-as num canto. Se sentou em cima do homem que não parava de acariciar seu corpo e dizer obscenidades.

— Tira logo essa calcinha! Quero te fuder inteira, vadia!

— Que delícia! Mas sabe o que eu quero? Lembra daquela vez, depois do sequestro da filha daquele deputado. Eu te amarrei gostoso e você gozou muito aquele dia!

— Me amarra, mas não aperta!

— Pode deixar!

Leona amarrou as mãos com a cinta o mais apertado que pode. Osvaldo não percebeu, pois estava ocupado em lambar Leona por cima da calcinha. Quando ela saiu de cima dele e começou a colocar a roupa é que ele observou o fundo dos olhos de Leona. Eles não denotavam nenhuma emoção.

— Leona, no que você está fazendo?

— Estou esperando a informação que eu quero — falou indo para a cozinha se certificar que o capanga tinha saído e pegar sua arma.

— Você vai me pagar, sua cadela!

— Não. Quem vai pagar é você! Dez anos! O que aconteceu com a nossa amizade?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não ia aparecer num presídio. Tá louca?

— Não ia telefonar para um presídio? Mandar cartas para um presídio? Colocar um advogado num presídio? — a voz dela se mantinha calma. — Sabe que eu não vi nem um centavo dos últimos assaltos que nós fizemos? Você havia me dito que estava lavando para colocar em uma conta no meu nome. Aquela conta que nós tínhamos aberto. Você me roubou, roubou meu pessoal e meu armamento. Quem é que vai pagar alguma coisa? Eu? Ou você?

— Leona, você não sabe o que aconteceu nos últimos anos! Eu precisei de grana, mas já estava juntando tudo de novo pra te entregar!

— Não me faça rir, Osvaldo. Estou sem o mínimo senso de humor. Opa! Minha informação — falou Leona colocando o telefone que tocava na orelha de Osvaldo. — Se você fizer alguma gracinha você morre — terminou encostando a arma na sua cabeça com a outra mão.

— Alo? Tá, entendi. Não só isso. Valeu cara! To te devendo essa! O tal de Paulinho morreu há muitos anos já o Sapão está lá ainda. Ele é o dono da boca.

— Obrigada pela gentileza. Fico te devendo essa.

— Você sabe que essa é a última vez que nos vemos, não é?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sei. Não tolero traidores. Você sabe disso, não é?

— Assinei minha sentença de morte?

— Você sabia que quando eu saísse iria lhe encontrar. Não imaginou que seria tão rápido, não é?

— Eu vou acabar com você! Eu nunca...

Osvaldo não terminou de falar: O som de três tiros ecoou por toda a casa.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 31

Leona saiu cantando pneu, olhando, pelo retrovisor, se alguém a seguia. Ninguém se atrevia a sair de casa para ver o que fora os disparos com medo de se envolver. Alcançou a avenida Belmira Marim e rumou para o terminal Grajaú. Deixou o carro abandonado em uma rua perto da estação e pegou o trem, intentando ir para o centro. Vasculhou a agenda do celular do Osvaldo, procurando outros contatos que seriam interessantes pra ela. Alguns não valiam a pena de serem encontrados, mas um nome saltou a seus olhos.

— Fabrício?

— Quem tá falando? – Perguntou uma voz

PERIGOSAS NACIONAIS

desconfiada.

— Leona — um longo silêncio se fez após a revelação do nome.

— Quando você saiu?

— Ontem. Preciso de uma ajuda sua.

— Pra que? Por que você está com o celular do Osvaldo?

— Eu matei ele a pouco tempo.

— O que você quer de mim?

— Sua cooperação. Preciso de um motorista ágil.

— Não trabalho mais dessa maneira.

— Acredito que não, afinal, o que seu nome estaria fazendo na agenda do telefone de um dos mais importantes traficantes de São Paulo? — falou Leona com sacarmos na voz. — Primeira coisa: Se eu fosse te matar não teria te ligado. Segundo: Eu não conheço meu alvo. Preciso da sua ajuda.

— Quem me garante que você não vai me matar? Você sabe muito bem que não fui um amigo fiel.

— Você sabe reconhecer seus erros e admite sem medo de represália. Foi por isso que eu sempre confiei em você e também é a única pessoa a quem eu posso pedir ajuda. Não vou gostar de ser decepcionada.

— Você foi na casa do Osvaldo?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acabei de sair de lá.

— Você é muito filha da puta cara! — Leona ouviu uma sonora gargalhada do outro lado da linha. — Por isso que eu sempre gostei de trabalhar contigo.

— Não quero saber onde é sua casa, se isso te dá mais segurança. Eu vou arrumar um hotel e já te ligo informando onde você deve me encontrar amanhã.

— Beleza.

Leona desligou o telefone com um sorriso no rosto. Encontrou um hotel “pulgueiro” na República e pediu para alugar dois quartos durante aquela noite. O recepcionista achou estranho, mas a gorda gorjeta que a moça lhe deu dispensava perguntas. Entregou as chaves do quarto 34 e do 35 para ela, um de porta com o outro. Leona sentou na beirada da cama e pegou o celular do Osvaldo ligou novamente para o Fabrício.

— Oi. Eu estou em um hotel do centro anota aí o endereço. — Leona falou o endereço pausadamente — Eu estou no quarto 35. Vou te deixar anunciado para você subir direto... Ta bom... Até amanhã!

Leona desligou e desceu para a recepção.

— Eu vou dar uma saída e não sei se volto até amanhã cedo. Um amigo meu vai chegar as onze

PERIGOSAS ACHERON

horas aqui e eu quero que você indique o quarto 35 pra ele. Em nenhuma hipótese diga que eu também estou no quarto 34, certo?

— Sim senhora. Vou deixar anotado.

— Bom garoto. Sei recompensar muito bem quem me ajuda. Quando ele chegar diga que sai para comprar alguma coisa, mas pedi para ele esperar. Pode deixar anotado isso também?

— sim senhora.

— Ótimo. Te vejo amanhã. Boa noite.

Leona saiu do prédio e seguiu até um comércio próximo. Ficou esperando a chegada de Fabrício e seus homens, pois tinha certeza que ele tentaria armar uma emboscada. Sorriu, depois de quarenta minutos, ao ver o carro preto parar na esquina e ver os homens desembarcando. Sabia como funcionava a mente de Fabrício. Ele queria matar primeiro que ela. “Depois de dez anos ainda continua sem imaginação”. Entrou no prédio e subiu as escadas devagar com a sub na mão. Alcançou o terceiro andar e abriu a porta cautelosa. Não havia ninguém no corredor. Parou na porta do quarto 34 e abriu a fechadura devagar. Se protegeu na escuridão e jogou o telefone de Osvaldo contra a porta do outro quarto. Os três homens saíram do quarto com armas

PERIGOSAS NACIONAIS

em punho olhando tudo. Fabrício parecia um pouco mais magro do que se lembrava. Saiu da sua proteção indo em direção a eles apontando a arma.

— Ora, Ora... — Falou Leona os surpreendendo. — Opa! Soltem essas armas agora senão eu atiro!

— Não estamos em um acordo de bem? — perguntou Fabrício apresentando um sorriso.

— Foi o que eu achei também, mas vejam só!

— Você vai nos matar?

— Não é minha intenção, mas vai ser necessário. Odeio me sentir acuada!

— Podem deixar. Ela vai se comportar - falou Fabrício em tom apaziguador. — Pode abaixar a sua também.

— Eu não confio que vocês se comportem. Não vão se importar se eu ficar com meu brinquedo novo, não é?

— Conheço esse seu brinquedo, muito boa! Como conseguiu uma dessas?

— Uma gentileza do Francisco. Se lembra dele?

— Claro. O cara é mó gente boa!

— Vamos parar com a brincadeira que o negócio é sério. Eu quero pegar um traficante da zona Leste e preciso da sua ajuda. Talvez até dos seus amigos.

— O que eu ganho com isso?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Prestigio e minha confiança. Dois itens que são raridade hoje em dia.

— Adorei a piada, mas eu quero saber de valores.

— Tá vendo esse número de conta aqui? – falou Leona entregando um papel. – Tudo o que tiver nela. Enquanto você confere o valor que tem na conta nós vamos até a favela que eu quero conhecer o lugar e o cara.

— Quanto tem nessa conta?

— A última vez que eu vi isso, a mais de dez anos, tinha uns sessenta mil.

— Uma boa grana. O que esse cara te fez?

— A mim nada, mas ele destruiu a vida de uma criança a mais de dez anos. Vou evitar que ele faça isso novamente.

— Quem é essa pessoa?

— Uma pessoa muito importante pra mim.

— Pra que Leona? Você pode ir presa de novo só por causa de alguém! Com certeza é alguma mulher, não é? To ligado que vocês acabam casando com mulher na cadeia.

— Se for, não é da sua importância. Eu só quero sua ajuda. É pedir demais?

— To nessa gata.

— Você ia me matar mesmo?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Achei que você tava armando pra mim!

— Se um dia eu for te matar, não vou te ligar antes. Vamos dar uma passada lá na favela?

— Agora!

Leona saiu do prédio na companhia dos rapazes em direção a rodovia Ayrton Senna. Estavam indo caçar sapos.

Carol entrou no pátio com a sensação de que a conversa com a Luciana não iria ser tão fácil como imaginava. Adorava aquela garota como uma irmã que nunca tivera e saber que ela estava de fato namorando gerava um sentimento de ciúmes. Estava com medo de que ela a deixasse, afinal, quando se começa a namorar é uma nova descoberta entre duas pessoas e é natural se afastar, principalmente estando em um presídio. Carol ficou conversando com Berta num canto do pátio até ver Luciana que se aproximava, linda num vestido branco.

— Oi, Carol

— Oi. Que bom te ver! Senti sua falta domingo passado!

— Não deu pra eu vir.

— Eu sei, Roseli me contou. Seu Roberval não veio?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não. A saúde dele deu uma piorada nessa semana. Me mandou te trazer um abraço.

— Vamos sentar em um canto? — chamou Carol se dirigindo para uma das mesinhas de concreto.

— Rose te falou que nós estamos juntas, não é?

— Sim, ela me disse. Falou que não viria hoje com você por esse motivo.

— Eu queria conversar com você sem ela.

— Qual o problema dela estar junto?

— Carol, você sabe que eu te amo, amo muito por sinal, mas eu não posso...

— Lu...

— Deixa eu falar. Vou tocar em feridas um pouco dolorosas pra mim.

— Desculpa Lu... É que...

— Quando eu soube que você estava interessada por uma prisioneira eu fiquei muito chateada. Talvez eu não tenha pensado pelo seu lado, em como deve ser difícil viver em um lugar como esse. Se você estivesse somente presa eu te esperaria o tempo que fosse necessário, anos se preciso.

— Por que isso, Lu?

— Não sei. Quando gostamos de alguém não importa quanto tempo vai durar ou quanto tempo vai ser necessário para que o amor se concretize o

PERIGOSAS ACHERON

importante é que sempre exista uma esperança. Você foi minha primeira mulher em tudo. Eu nunca tinha beijado nenhuma garota antes. Foi você que conseguiu despertar esse desejo em mim e quando eu tive certeza que você estava apaixonada pela Leona eu... Eu senti como se minha esperança fosse embora, como se tudo o que eu fantasiava entre nós fosse realmente fantasia como é a realidade. Eu não quero interferir na sua vida e por isso eu me deixei levar pelo carinho que eu sinto pela Rose. Ela me faz muito bem e eu sempre acreditei que quem ama liberta. Não posso te prender a mim da mesma forma como seria injusto eu me prender a você em um sentimento que não é mutuo. Eu decidi me permitir ver mais da vida, sentir novas emoções e tentar amar outra pessoa. Vai ser difícil, mas eu tenho certeza que eu vou conseguir.

— Lu eu... Eu jamais menti pra você sobre o que eu sinto. Te adoro de verdade e faço qualquer coisa para te ver feliz, mas nas minhas atuais circunstancias tenho certeza que essa é a escolha mais acertada que você está fazendo. Me desculpe por não te amar do jeito que você me ama — falou Carol com os olhos marejados. — Me perdoa por

não saber me doar como você sabe. A única coisa que eu mais quero na minha vida é te ver feliz só que eu sei que eu não posso te dar essa felicidade. Roseli tem mais condições que eu de entrar em um relacionamento como você anseia.

— Eu sei. Eu queria te falar e te explicar o porquê de eu estar com ela. Eu sinto um carinho muito grande por ela, talvez da mesma forma que você sente por mim, mas eu não a amo da mesma forma como você ama Leona, talvez com o tempo o amor nasça. Posso esperar que meu coração mude de direção, mas não posso esperar que o seu mude por isso estou me dando essa chance.

— E você está certíssima. Não tiro sua razão, mas eu quero te pedir uma coisa: Não se afaste de mim. Pode ser egoísmo meu, mas...

— Eu jamais vou me afastar de você – Luciana respondeu abraçando-a. – Nossa amizade vai ser eterna!

Carol e Luciana continuaram conversando amenidades por toda a tarde. Havia outras coisas a serem ditas, mas aquele não era o momento certo. Carol olhava aquela garota, que mais parecia uma boneca delicada, xingando o seu próprio coração. Ela era a pessoa certa para se apaixonar e viver um

PERIGOSAS NACIONAIS

grande amor. Quando o sinal tocou informando o final da visita Carol deu por si de que não havia esperado Leona. Tinha sido melhor, afinal ela nem aparecera.

— Eu estou contando os finais de semana que me restam para vir te ver! Só mais três meses e você sai daqui.

— Estou começando a criar expectativa também, mesmo a contragosto.

— Você deve criar! Você vai sair daqui! — Luciana falou dando um abraço em Carol.

— Vou te ver na próxima semana?

— Sempre — Lu fez menção de se afastar, mas se voltou para o lugar onde Carol ainda estava parada.

— Sobre o que nós conversamos Carol... Basta uma palavra sua e minha esperança sai do coma. Tchau.

Luciana se afastou com os cabelos esvoaçante deixando Carol observando-a. “Uma pena que o coração não se alia a razão” pensou.

PERIGOSAS ACHERON

CAPITULO 32

Leona entrou na favela, que por vezes, ouvira Carol mencionar. O lugar estava diferente do que ela descrevera: Depois de quatro anos a paisagem mudara consideravelmente com uma construção do governo, que estava fazendo prédios da CDHU na entrada da comunidade dando uma visão urbanizada para quem passava na rodovia. Leona parou o carro na frente de um bar perguntando por Sapão. Somente a menção do nome dele já fazia com que todos demonstrassem respeito. Imaginou que tipo de rei ou tirano ele era naquele lugar. Foi indicada para falar com um dos seus vendedores que a recebeu com uma arma a mostra na calça para intimidá-la.

— O que você quer com o sapão?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Se fosse para falar com um manda chuva dele tinha pedido o seu nome — falou Leona calma acendendo um cigarro.

— Quem você pensa que é pra chegar botando banca? — perguntou o rapaz contrariado, demonstrando evidente irritação.

— Alguém com idade e conhecimento muito além desse seu mundinho de crime que você está acostumado. Você tem farinha aí?

— Você é da polícia?

— Claro eu sou da polícia! — ironizou. — Se eu fosse, não era essa abordagem que eu ia ter com você. Toma o dinheiro.

Leona entregou a nota discretamente olhando ao redor. Percebeu mais dois possíveis colegas dele que usavam casacos apesar do calor. Não podia pressioná-lo sem levar uma bala de brinde. Assim que pegou o pino, abriu, colocando um pouco no dorso da mão e fungando em seguida.

— Bem misturado, hein?!

— Por esse valor você não quer que seja pura, não é?

— Com certeza eu não encontro — respondeu balançando a cabeça pela sensação aérea que já começava a surtir. — Já que eu não vou conseguir

PERIGOSAS ACHERON

nada além de você, entregue este papel pro seu chefe. Meu nome é Leona, diga a ele que quero me reestruturar novamente. Talvez possamos fazer negócios juntos.

— E por que você acha que vou entregar a ele e não jogar fora?

— Porque eu tenho certeza que você ficou curioso com o meu nome e vai querer saber quem eu sou e quando você tiver essa resposta vai saber o quanto eu poderia contribuir para ampliar os “negócios” do seu patrão e fazer você deixar de ser um mero vendedor.

Leona se afastou até o carro deixando o moleque observando-a. Fabrício que estava em alerta relaxou quando ela sentou no banco ao seu lado.

— Você não tem medo de levar um tiro, não?

— Não. Não vou forçar minha entrada apontando uma arma pra ele. Além do mais ele não ia fazer nada com a que ele tinha. Bandidinho de meia tigela.

— Ele deu a dica?

— Não. Também não forcei. Viu aqueles caras sentados na frente daquela casa?

— Vi sim. Tão armados.

— Pois é. A pressa é inimiga da perfeição. Já

joguei a isca, agora é só esperar que mordam.

— Por que você acha que ele vai passar o recado e o cara vai te ligar?

— Por que eu plantei a curiosidade na cabeça dele. O resto é só deixar meu nome fazer sua parte.

— Não está sendo muito confiante?

— Tenho que contar com a sorte. Agora é só relaxar e esperar. Joga essa porcaria fora. Vamos pro litoral?

— Agora? Você está louca?

— Dez anos sem ver o mar, meu amigo, preciso me sentir viva novamente.

— Ok. Vou fazer esse sacrifício por você.

— Bora então!

Leona seguiu todo o caminho calada. Quando Fabrício parou o carro na beira da praia ela desceu entrando na água com roupa. Nadou por alguns minutos tentando lavar a alma e a mente de toda a sujeira que ela conhecia e que havia criado, mas não surtiu efeito. Ainda precisava daqueles conhecimentos por mais dois meses. Voltou para a areia olhando o horizonte, que já mostrava os primeiros matizes do amanhecer. Depois daquela imensidão de águas havia um mundo inteiro, e cheio de possibilidades, que queria descobrir junto

com Carol. Somente mais dois meses e a teria definitivamente em seus braços. Tinha vontade de visita-la, mas jamais voltaria a colocar os pés em uma penitenciária. Sua sorte é que Carol sairia logo senão teria que quebrar sua promessa, pois a saudade que apertava seu peito era imensa.

Carol retornou a cela se xingando com todos os palavrões que tinha aprendido ali dentro. Ver Luciana saindo daquela maneira tinha mexido com feridas antigas, Mesmo com outra mulher, mais uma vez ela tinha deixado claro de como podia ser generosa. Deitou na cama tentando não pensar em nada, mas era difícil. Como um anjo bom Luciana lhe mostrava o caminho certo a seguir e como um anjo mal Leona lhe despertava os desejos da carne mais primitivos e sensuais. Tudo ao seu redor lhe lembrava seu anjo mal: O colchão que por diversas vezes tinham se entregado uma a outra e cada lugar que ela tocava gravado na sua pele pra sempre. Ainda podia ouvir o som do seu riso como música em seus ouvidos e o seu cheiro como um perfume tentador. As luzes foram apagadas e mesmo assim o sono não veio. Agora que a liberdade estava próxima tinha seguidas insônias. Acreditava que

PERIGOSAS NACIONAIS

seria liberta e não havia nada mais que ela queria na vida do que andar pelas ruas sem medo de nada, nem de ninguém, apenas sentindo a brisa da manhã em seu rosto.

Ao entrar no refeitório, na manhã seguinte, reconheceu o velho silêncio de que algo aconteceria. Se sentou em um canto com Berta, mas esta também não sabia o que estava acontecendo. Teve sua resposta somente no período da tarde durante o banho de sol.

— Carol eu preciso falar com você – falou uma das suas colegas de cela

— O que é, Silvana?

— Você tem que sair daquela cela esta noite.

— Do que você está falando? – perguntou curiosa.

— Tão armando pra você e vai ser algo grande – respondeu nervosa. – Eu posso morrer só por estar te falando essas coisas, mas eu te acho uma pessoa legal e achei melhor te avisar.

— Quem tá armando?

— Uma guarda com outra prisioneira.

— Por que elas simplesmente não me deixam em paz?

— Em cadeia não se tolera mulher bonita e solteira e você ainda tem um agravante.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Qual?

— Você é certinha demais.

— Você tem ideia de qual vai ser a “surpresa”?

— Não. Não tenho.

— E como posso confiar que você não faz parte disso tudo?

— Simples. Você não pode confiar em ninguém dentro de uma cadeia. Nem na sua mãe se ela estiver cumprindo alguma pena junto contigo.

Carol foi para o banheiro coletivo colocando a mente para funcionar. Ou ela tomava as rédeas da situação ou ia se ferir. Só tinha que aguentar aquilo por mais dois meses. Caminhou devagar até a cela atentando se lembrar de tudo o que Leona havia feito depois que a rebelião tinha terminado. Ela tinha ficado com duas armas das que estavam com Ângela. Sabia que não tinham encontrado no pente fino que fizeram nas celas na ocasião. Teria que revistar todo o lugar para encontra-las antes que as meninas voltassem para as celas. Leona sempre mexia em um lugar cheio de bagunça de outras prisioneiras. Tirou tudo o que bloqueava o caminho e observou a parede. A parede estava diferente de todo o resto com um relevo indicando um remendo. Carol forçou o local e conseguiu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

remover um pedaço de massa com o pé. Depois que conseguiu colocar a mão descobriu o velho encanamento que fora mudado de lugar, mas o espaço ficara formando o pequeno esconderijo de Leona com tudo o que ela precisaria naquele momento. Descobriu também o que faria para ficar em paz.

Carol ficou deitada o tempo todo em que as luzes foram mantidas acesas. Fingia que dormia, mas preparava a mente para o que viria a seguir: se tudo saísse conforme o que havia planejado, seria de fato uma criminosa e assassina. Depois de uma hora ouviu o barulho da cela sendo aberta e pela leve escuridão viu as mulheres que deixavam suas camas. Pegou a arma apoiando-a no corpo. Somente duas silhuetas permaneceram na escuridão. Como não tinha experiência com armas de fogo deixou que chegasse perto o suficiente. Uma lanterna se acendeu e ela soube que era o momento de agir. Acertou Tonha, que empunhava um pé de cabra, que tombou gritando de dor. O segundo tiro foi direcionado para Júlio que segurava um galão de gasolina. Andou até onde Tonha se contorcia com o tiro que acertara sua perna. Carol mirou na cabeça e fechou os olhos. O anjo mal falara mais alto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 33

Três meses depois

Carol, precisamos falar com você – chamou uma detenta.

— Já vou – respondeu encarando Luciana e Roseli que se sentavam a sua frente. Era a terceira interrupção naquela tarde.

— Você pode até não querer me contar, Carol, mas eu sei que algo aconteceu – falou Roseli. – Espero que não seja algo que vá atrapalhar a audiência amanhã.

— Não aconteceu nada Roseli. E nada vai atrapalhar a audiência amanhã.

— Finalmente você vai sair! – Falou Luciana usando um óculos escuro como tiara no cabelo solto. – Seu quarto no apartamento já está arrumado esperando sua volta. Suas coisas continuam do

PERIGOSAS NACIONAIS

mesmo jeito que você deixou.

Carol encarava Roseli que a olhava intrigada. Sabia que estava enciumada por ela voltar a morar com Luciana e também por não saber o que acontecera que mudara seu comportamento.

— Obrigada Lu. Eu já volto – respondeu saindo da mesa indo em direção as mulheres que a esperavam em um canto. – O que foi?

— Marcela recebeu um pacote da família e as guardas deixaram passar sem revista.

— Qual foi a guarda que liberou?

— Maria Heloisa.

Carol apenas acenou com a cabeça dispensando-as e voltou para Luciana e Roseli que conversavam sobre o retorno de Carol.

— Eu tenho que resolver um problema agora. Nos vemos amanhã no tribunal.

— Está tudo bem? – perguntou Luciana.

— Esta sim. Obrigada pelas roupas e eu prometo que vou ficar na sua casa provisório, até eu me restabelecer.

— Nada mudou na nossa amizade, Carol, pode ficar o tempo que quiser – quis complementar com um pra sempre, mas a presença de Roseli não deixou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Carol, me responde uma coisa – falou Roseli. – Você se tornou uma espécie de líder aqui dentro?

— Que pergunta Roseli! Sou uma simples criminosa à espera do julgamento nada mais.

— Última oportunidade para você não me fazer surpresas amanhã.

— Você não terá surpresas. Eu tenho que ir agora. Até amanhã.

Carol se afastou rápida, parou para falar com uma guarda e sumiu dentro do presídio. Roseli sabia que ela tinha feito algo significativo para ter o respeito das detentas e das guardas. Só faltava saber o que fora.

Carol caminhou para a cela indicada pela guarda. Parou na porta surpreendendo duas mulheres que tentavam esconder um pacote pequeno.

— Olá Marcela – falou se encostando na porta.

— Carol! – exclamou a mulher com genuína surpresa – O que você... O que você... Quem...

— Para de gaguejar, não entendi nada.

— Carol eu ia te contar é que...

— Você não teve tempo, não é? Deve ter andado muito ocupada!

— Minha mãe trouxe pra mim. É coisa da boa! Da pra vender bem aqui e faturar uma grana extra!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Metade é sua.

— O que você tem aí?

— Coca e alguns comprimidos...

— Silvana! – chamou Carol. Segundos depois duas mulheres apareceram as suas costas

— Saia, Maria

— Carol... Não, Carol... Eu não ia te sacanear....

— Sai! – gritou para a outra mulher que continuava parada nervosa.

Carol entrou na cela e levou Marcela para o reservado do sanitário junto com Jéssica. Silvana sorriu, dando as costas para vigiar o corredor. Maria parou na entrada das celas colocando as mãos na orelha, tentando abafar os gritos de dor que tomava conta do lugar.

Carol saiu tremula para o pátio em busca de ar. Sentou em um banco respirando fundo tentando controlar as mãos enquanto tomava um dos comprimidos de Marcela. Fechou os olhos voltando três meses atrás, quando havia se tornado o monstro que era hoje.

Os tiros ecoaram por sua cabeça como explosões do inferno. Olhou para Tonha e Júlio que jaziam em meio a uma poça de sangue. A posição

PERIGOSAS ACHERON

frontal podia indicar que haviam atirado uma na outra. Pensando rápido, por causa das guardas que já começavam a fazer barulho acordando o presídio, Carol pegou uma camiseta qualquer e esfregou na arma tirando suas digitais, colocando na mão de Júlio. Pegou a arma do coldre de Tonha e deu mais um tiro no corpo ao seu lado depositando a arma na sua mão. A ação não durou mais que segundos, mas para Carol foi como se estivesse acontecido em câmera lenta. Saiu para o corredor onde as prisioneiras aguardavam quietas o desenrolar do episódio. As guardas passaram correndo até a frente da cela para ver o a poça de sangue que se alastrava.

— Que merda foi essa aqui? — perguntavam nervosas. — O que aconteceu aqui?

Como ninguém se pronunciou para acusa-la Carol decidiu tomar a frente e contar sua versão da história.

— Tonha veio me atacar junto com o Júlio — começou a explicar. — Assim que elas abriram a cela as outras prisioneiras saíram e eu fiquei encurralada contra a parede. Não sei se já era plano do Júlio, mas ele tomou a frente de Tonha bancando a Madalena arrependida. Acabou em

PERIGOSAS NACIONAIS

tiros.

— Que historinha montada e mal contada é essa, Carolina?

— É a verdade — Carol se virou para as outras detentas. Todas as guardas estavam na frente da cela. — Não é mesmo meninas?

— É verdade — se apressou Silvana. — Júlio tentou parar Tonha, mas ela não deu ouvidos. Vi quando ela atirou.

Todas as detentas começaram a falar ao mesmo tempo concordando com Carol. Naquela noite não dormiram com remoção de corpo e perguntas se mais perguntas sobre o ocorrido. Todas disseram a mesma história que Silvana inventou. Uma investigação superficial confirmava a teoria, e todas as detentas sabiam que tinha sido Carol a autora dos disparos, mas sem Leona, Roberta ou Ângela ali dentro, precisavam de outra pessoa para lhes darem proteção de outras prisioneiras mais perigosas e Carol tinha demonstrado sangue frio o suficiente para ocupar o cargo. Na tarde do dia seguinte, quando a polícia finalmente deixou o presídio, é que Carol pode perceber a palpável mudança no comportamento das outras mulheres: Ninguém a encarava nos olhos e na fila do almoço

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

lhe fora oferecido da comida das guardas, que vinha de fora, mas o choque de matar ainda entorpecia sua razão e não conseguiu associar de imediato que havia se tornado a nova abelha rainha da colmeia. Dois dias depois foi questionada por uma prisioneira se ela podia receber produtos de higiene pessoal para repassar dentro do presídio: sem entender muita coisa Carol concordou e foi então que Berta lhe explicou que ela era a nova “Leona” do lugar. Ela podia mandar e desmandar ali dentro: Nada entrava e nada saía sem o seu consentimento, propuseram a mudança do seu nome para Carlos, que ela rejeitou com veemência, e recebeu várias propostas de garotas querendo ocupar sua cama. Com essa consciência resolveu que faria o melhor para aliviar a vida de todas nem que para isso usasse a força. Quem vendia drogas era punido e quem fizesse violência sexual também. Mandou algumas prisioneiras para a enfermaria e outras para a solitária. Recrutou Silvana e Jessica para ajudá-la com a promessa de sucessão depois de dois meses. Carol cuidava para que todas ficassem protegidas: com isso ganhou a lealdade de 90% das prisioneiras.

Leona bebia uma latinha de cerveja enquanto

PERIGOSAS ACHERON

observava a contagem do dinheiro. O assalto tinha sido bem produtivo e Sapão vibrava como um animal ensandecido vendo seu patrimônio dobrar em um mês. Ele podia sorrir a vontade por que até o final da semana não teria mais como rir: seus dias estavam com data marcada para acabar. Depois que recebera o telefonema do próprio chefe, Leona passou a trabalhar com os seus aliados reunindo dinheiro e confiança para o suficiente para que em um mês se tornasse um braço importante de sapão. Decidiu que não só mataria assim que tivesse uma oportunidade: Iria faturar até que Carol saísse da cadeia, mas teria que agir com cautela: Ele era bem mais esperto do que ela tinha julgado.

— O que vamos fazer amanhã, gata? — perguntou sentando ao seu lado no sofá.

— Amanhã eu quero gastar dinheiro. É melhor ficar de boa essa semana. Nada de dar na cara.

— Tava pensando em comprar um carro pra minha mulher.

— Um carro e uma passagem para a cadeia. Espera as reportagens sumirem e você pode fazer o que quiser.

— Vai sair de São Paulo essa semana também?

— Não. Vai começar o julgamento de uma colega

do presídio. Vou dar uma sondada por lá.

— Toma cuidado. Aqui está a sua parte do dinheiro. E um bônus pela dica.

Pontualmente as nove da manhã no dia seguinte Leona estava parada na frente do fórum onde começaria a ser decidido o destino de Carol. Soubera por antigas fontes que ela tinha se tornado a manda chuva do lugar e estava orgulhosa por ela. Sabia do potencial que tinha só precisava de medidas extremas para desperta-lo. Entrou procurando a sala onde seria presidido e ficou a um canto. Viu quando ela apareceu algemada. A cena podia parecer triste para outras pessoas, mas o que ninguém conseguia ver era o olhar de vencedora que ela ostentava: Cada vez mais a amava com todas as forças. O processo foi rápido: As provas que Roseli reuniu durante meses eram irrefutáveis e o depoimento de Carlinhos, em particular para a juíza e os jurados, fora conclusivo. Não havia uma pessoa que não acreditasse na sua inocência. O dia passou rápido e, no fim da tarde, a sessão foi interrompida para dar continuidade no outro dia. Foi para um shopping fazer compras. Teria que deixar tudo pronto para busca-la no presídio no dia da sua soltura.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 34

Carol entrou no tribunal prestando atenção em tudo e em todos que estavam presentes. Viu sua mãe sentada junto com seu Roberval e Carlinhos ao seu lado. Roseli sentava ao seu lado na mesa de defesa em um terninho bem talhado que lhe caia muito bem. Os jurados a olhavam sem demonstrar nenhuma emoção e o lugar parecia envolto em uma massa de gelo, mas ela não se intimidou com a sua própria situação sendo os alvos de todos os olhares: Manteve a cabeça erguida durante todo o tempo em que a sessão transcorreu. Era mais vencedora que qualquer um naquela sala. Ninguém ali sabia o que era sobreviver em uma penitenciária e deixou isso claro no seu olhar. Quando se levantou no final do dia para deixar o tribunal teve a sensação de ver

PERIGOSAS ACHERON

Leona em um canto, mas naquele momento não quis reter a informação que o cérebro lhe jogava. Ela era uma ferida aberta que trataria depois que tudo acabasse.

O dia seguinte era decisivo. Não conseguiu comer nem dormir de tamanha ansiedade. Pontualmente as dez da manhã todos estavam novamente reunidos na sala onde Roseli e o promotor faziam suas considerações finais. O júri saiu para deliberar e ela foi encaminhada a uma sala na companhia de um policial. Sentou em uma cadeira e deixou a cabeça pender para trás tentando aliviar a tensão do que viria a seguir. Não soube precisar quanto tempo ficou nessa posição, mas pareceu uma vida inteira. Quando o policial a chamou para retornar à sala para ouvir o veredicto tomou um susto: Finalmente depois de tanto tempo um bando de desconhecidos, que nunca tinha visto na vida, tinha decidido se ela era culpada ou inocente.

— O júri chegou a um veredicto? — perguntou a juíza para o primeiro jurado.

Com um aceno de cabeça repassaram um papel para um guarda que entregou a Isabel. Ela leu o papel lentamente e pediu que Carol se levantasse.

Encarando a juíza Carol ouviu que era inocente da acusação mais grave sendo condenada apenas por um crime de menor periculosidade, podendo cumprir sua pena em liberdade condicional por ser considerada réu primária. Durante dois anos teria que se apresentar a corte, mas isso era o de menos. Com uma alegria contagiante que há muito não sentia abraçou Roseli e Luciana que se sentava logo atrás. Era o melhor momento da sua vida: Teria sua liberdade novamente. Deixou o tribunal com uma sensação de alívio. Voltaria para o presídio somente para os tramites judiciais, mas na tarde do dia seguinte iria dar adeus a mais uma fase negra da sua existência.

A volta para a cela foi um momento de relembrar como entrara ali, como um bichinho assustado e saía como uma vitoriosa. Todas que a viram a abraçavam e a cumprimentavam: Elas já sabiam que fora liberta. Conversou com todas que eram importantes para fazer que seu sistema de liderança continuasse. Entregou a arma que escondia para Silvana e decidiu que iria sair dali com chave de ouro. No dia anterior algumas novas prisioneiras haviam chegado e entre elas uma ruiva havia lhe chamado a atenção. Cobrou um favor de

uma guarda e fez com que ela fosse transferida para sua cela naquela noite. Não foi preciso muito argumento para fazer a garota ceder, já que todas já a tinham alertado de quem era Carol. Se deliciou com as curvas da ruiva e depois de saciada passou o resto da noite em claro, sentada perto da grade no chão. Reunir os seus poucos pertences foi um ato de completo prazer deliciado em cada lembrança ruim que passara ali. Nada tinha sido por acaso e nada do que fizera tinha sido em vão, nem mesmo o que sofrera. Depois de passado o momento da dor, soube que era para o seu próprio crescimento. Quando o relógio marcou duas da tarde, Carol se despediu das mulheres com quem convivera por meses e parou na frente do portão, esperando ser aberto. Deu uma última olhada no prédio cinza e sem vida que se estendia a sua visão e sorriu. Sabia exatamente o que Leona sentiu no dia de sua soltura uma emoção que ninguém conseguia descrever em palavras.

Atravessou se despedindo da guarda e a primeira pessoa que viu foi Luciana vindo ao seu encontro junto com seu Roberval. Deu um abraço apertado no homem que era seu verdadeiro pai. Devia sua vida aquele homem. Naquele momento qualquer palavra era

completamente desnecessária. Se voltou para Luciana emocionada a seu lado quando foi abraçá-la ela pulou em seus braços buscando sua boca para um beijo caloroso. Não havia como resistir àqueles lábios rosados e macios. A apertou em seus braços correspondendo tudo o que ela lhe oferecia. Se separaram rindo e entraram no carro. Estava na hora de viver a vida.

Leona olhava a cena que se desenrolava do outro lado da rua. Estava atravessando a avenida quando viu Luciana estacionar o carro na frente do presídio. Decidiu olhar de longe para saber o que mudara e, com um véu negro cobrindo seus olhos, viu que tudo mudara. Ela não era mais sua Carol. Ela era outra pessoa que tinha uma mulher que a adorava e não precisava ver muito para conhecer os sentimentos de Luciana. Teria que virar aquela pagina na sua vida também, mas como esquecer a mulher que depois de vinte anos a fez acreditar que era possível confiar nas pessoas novamente? Como apagar o que seu coração desejava? Voltou para o carro e saiu cantando pneu. Iria encontrar uma forma de se convencer que ela não era a mulher que a ajudaria a dirigir o barzinho e a vida que havia construído.

PERIGOSAS NACIONAIS

Entrar no apartamento, depois de tanto tempo, era como ser introduzida em uma mansão. Carol jogou sua bolsa no sofá e saiu em busca do seu quarto. Tudo continuava exatamente como deixara. Nada além do perfume de Luciana tinha mudado ali. Tomou um banho de quarenta minutos e quando entrou na sala novamente encontrou algumas pessoas que haviam feito parte do seu passado. Antigos colegas de cursinho e do trabalho que estavam contentes com seu retorno. Seu Roberval e sua esposa também marcavam presença e uma em especial foi intrigante: Sua mãe junto com seus irmãos choravam quando a viram. Eles iriam voltar para o nordeste no dia seguinte. Estavam esperando apenas o processo chegar ao fim. Não iria seguir com eles nem poderia: Não se sentia como parte da família. Sua verdadeira família era duas pessoas que conhecera há quatro anos.

Depois que todos foram embora um silêncio acolhedor tomou conta do lugar. Foi até a janela ver a cidade que se estendia com seus vários carros e transeuntes. Um casal de namorados se beijava em uma esquina e uma explosão de risadas se fez ouvir de um grupo que bebia em um barzinho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Luciana chegou de mansinho ao seu lado contemplando a cidade também.

— Porque a Roseli não veio? — perguntou Carol.

— Ela quis nos deixar a vontade. Pra você se instalar.

— Ela é uma pessoa maravilhosa. Quero agradecê-la novamente.

— Quer descer pra beber alguma coisa — perguntou Luciana mudando de assunto.

— Não, hoje não. Preciso descansar.

— Tem noção de quanto eu almejei ficar a sós com você novamente? — falou tocando o cabelo negro.

— Te ter assim tão perto de mim...

— Lú, aquela Carol que você conheceu... Ela não existe mais... Ela morreu dentro daquele presídio.

— E quem era que eu visitava todo domingo?

— A nova Carol que faz coisas horríveis e, pela pessoa que você é, não merece conhecê-la.

— Me apresenta ela. Posso gostar dela também.

— Não... Eu não posso...

Luciana chegou perto de Carol o suficiente para que o seu perfume a entorpecesse. Subiu as mãos delicadamente pelos braços de Carol e quando beijou seu pescoço, o arrepio foi inevitável.

— Não podemos, Lú... — balbuciou

PERIGOSAS ACHERON

Luciana se afastou e tirou a blusinha, revelando a protuberância no sutiã de renda vermelha.

— Você tem noção do que sua presença faz comigo? Carol, você é a única mulher que consegue me deixar assim — continuou desabotoando o short, o deixando cair no chão. — Sente.

Luciana pegou a mão de Carol e guiou até seu sexo úmido afastando a lateral da calcinha. A respiração pesada das duas deixava claro o que viria a seguir, mas o senso ainda lhe dizia para recuar.

— Lu...

— Quieta. Completa minha felicidade hoje...

Carol deixou suas mãos passearem pelo corpo da garota seminua a sua frente enquanto beijava seus lábios delicadamente, dando vazão ao desejo do momento. Colocou-a na frente da janela descendo pelo seu pescoço provando o sabor daquela pele maravilhosa. Já fazia muito tempo que não tinha uma mulher cheirosa e macia em seus braços. Tirou o sutiã e começou a beijar e a sugar delicadamente cada um deles brincando com a língua nas aureolas rosadas. Se prostrou de joelhos puxando a calcinha pra baixo sem tirar o contado da língua com o corpo quente. Luciana arqueava a cabeça para trás

PERIGOSAS NACIONAIS

com os olhos fechados segurando-a pelos cabelos. Soltou um gemido alto quando sentiu a boca carnuda tomar seu sexo em um oral. Carol colocou uma das pernas sobre seu ombro para ter uma melhor posição para explora-la e ouvir Luciana gemendo pedindo mais, levava Carol à loucura. Enfiou a língua na vagina e delirou com o gosto do liquido que descia juntos com os gritos do gozo, que fazia o corpo se retrair em pequenos espasmos. Continuou beijando o sexo até que Luciana recuperasse o fôlego. Tirou suas próprias roupas no trajeto que fizeram até o quarto e deitando-a na cama a virou de bruços levantando seus quadris com as duas mãos recomeçando a beijá-la novamente no bumbum arredondado. Enfiou o rosto em seu sexo novamente desta vez mais agressiva intensificando a mordida e dando tapas ardidos. Mais uma vez Luciana foi conduzida ao delírio do momento e, mordendo o próprio punho, sufocou os gritos de prazer das estocadas que Carol lhe dava num delicioso vai e vem com seus dedos penetrando-a. Sem aguentar mais, soltou um gemido alto, deixando o corpo desfalecer lentamente com a intensidade do gozo. Sentiu o peso de Carol e sua respiração cansada na sua nuca.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Com uma felicidade incontida se virou encarando os olhos ardentes de desejo e luxúria. Beijou sua boca e o que recomeçou com carinho terminou em outra profusão de emoções com Carol chegando ao clímax do prazer.

O barulho dos carros no trânsito na avenida ali perto despertou Carol. Abriu os olhos e levou apenas um segundo para localizar onde estava: Nada de sirenes barulhentas apenas carros e ônibus que tentavam chegar aos seus destinos. Olhou a cabeleira loira em seus braços e soltou um sorriso. O corpo cansado revelava que o esforço da noite ininterrupta. Foi para o banheiro e deixou a água quente percorrer seu corpo: Não havia mais nada para lavar em sua mente ou alma. Ouviu a porta do banheiro ser aberta e fitou Luciana que a encarava com um sorriso sapeca.

— Vem cá, não consigo ensaboar minhas costas.

— Melhor não. Você quer é se aproveitar de mim.

— Não... Não quero. Você me deixou com os braços todo doloridos.

— Então não podemos repetir uma noite como ontem por tão cedo!

— Não nas próximas duas horas. Tô morrendo de fome.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que você quer comer? Posso preparar café.

— O que eu quero mesmo é um croissant de queijo com refrigerante.

— A essa hora da manhã? Tá querendo acabar com seu estomago?

— Por que não? Vamos naquela padaria da rua de cima.

— Pode ser. Vou trocar de roupa então.

Saíram do prédio cinquenta minutos depois. Carol se empanturrou de comer tudo o que lhe fora negado durante meses. Luciana junto com Roseli haviam cuidado dos direitos de Carol em relação a empresa em que tinha trabalhado guardaram tudo junto com as economias pessoais que ela possuía. Depois de passarem no banco, foram a um salão de beleza. Carol relaxou enquanto lavava o cabelo para uma boa hidratação e um corte. Com uma nova repaginação voltaram para o apartamento para o almoço. Ainda existia algumas dúvidas e aquele era o momento de tira-las.

— Lú e a Roseli? Vocês não se falaram nenhuma vez hoje.

— Na verdade eu terminei com ela ontem antes de ir te buscar. Eu não podia mais ficar com ela amando você. Seria injusto com nós duas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E ela?

— Vai ficar bem. Disse que com o tempo podemos nos tornar amigas.

— Não sei o que dizer...

— Eu poderia sugerir, mas vou ficar quieta. Tem uma coisa que eu queria te perguntar.

— O que é?

— Ontem você me disse que fez coisas horríveis e a Roseli vivia me dizendo que você tinha feito algo grande dentro daquele lugar... O que foi?

Carol fitou os olhos verdes que a olhavam, esperando uma resposta. Levantou do banco e foi para a janela que dava fundo para a piscina do prédio. Deliberou se devia contar a verdade ou não. Não queria saber qual seria a reação de Luciana sabendo que ela era uma assassina. Duas crianças brincavam na água gritando de alegria. O riso era verdadeiro e decidiu que dali em diante não usaria mais máscaras.

— Eu me tornei alguém lá dentro só que para isso eu tive que aprender a ser ruim e maltratar as pessoas.

— O que você fez?

— Você não vai me odiar se souber a resposta?

— Claro que não, linda. Não consigo me ver te

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

odiando.

— Eu matei uma guarda e uma detenta — respondeu vendo os olhos verdes se abrir em espanto. — Mandei mais de uma dúzia para a enfermaria e algumas tiveram que ser transferidas para hospitais com machucados graves e ossos quebrados. A última que eu dei uma lição ainda estava no hospital quando eu sai. Ela era o meu assunto de domingo passado. Essa é a nova Carolina e eu não me orgulho dela.

— Por que você matou?

— Pra não morrer.

— Você não precisa fazer nada disso aqui fora... Você pode voltar a ser a Carol que eu conheci.

— Não tenho como ressuscitar o passado e nem sei se quero. Eu me machucava muito querendo proteger as pessoas. Parei com isso. Só não me odeie.

— Não vou — respondeu Luciana beijando seus lábios. — Eu vou ficar sempre do seu lado para o que der e vier. Pode confiar em mim.

Carol abraçou Luciana apertado. Como pode um dia cogitar a ideia de não ter aquela menina-mulher para sempre em seus braços?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPITULO 34

Um ano depois

O dia amanheceu com o frescor da noite gelada, atípica para a época do ano na cidade carioca. O mar calmo chegava suavemente na areia apagando os passos que Edilene deixava para trás. A segunda-feira deixava a praia vazia excelente para a corrida matinal. Depois da noite de trabalho que tivera no bar, dormira só um pouco deixando o corpo com a sensação de cansaço contínuo. O barzinho que montara em Ipanema tinha conseguido se tornar um dos principais points do público lésbico carioca em poucos meses. Ela sabia administrar com maestria e havia escolhido um time de sucesso. Desde as barwomans até as seguranças todos foram escolhidos a dedo para agradar aos mais exigentes gostos: Tinha usado o

dinheiro do passado para construir um futuro promissor como empresaria, mas seus pensamentos, naquela manhã, não estavam concentrados nas suas conquistas: A música no celular a levava ao passado, que não passava um dia sem se lembrar: Carol estava na sua mente e no seu coração vinte e quatro horas por dia. Não havia como esquecer a mulher que lhe fizera tão bem. A impressão que tinha era que já havia passado mais de um século sem ela e ao mesmo tempo ainda podia sentir o nítido cheiro da sua pele. Tinha tentado encontra-la depois do dia da sua soltura, mas fora uma busca em vão: era como se ela tivesse desaparecido no ar. Tentou internet e até mesmo visitou Roberta no presídio do interior, mas nem ela tinha mais notícias de Carol. Foi diversas vezes até São Caetano e depois da décima vez que andava a esmo pela cidade, percebeu que era como procurar uma agulha no palheiro. Fez a última coisa que havia se proposto a fazer por ela eliminando Sapão e junto com ele matou Leona. A mulher que criara desde a sua adolescência não existia mais, agora restava uma pessoa comum com um passado obscuro e um futuro promissor. Parou respirando fundo, apoiando as mãos nos joelhos. Contou a

PERIGOSAS NACIONAIS

pulsação marcando o tempo no relógio que indicava que corria a mais de uma hora. Voltou para o apartamento e depois de um banho saiu para o café da manhã e fazer as compras necessárias para o projeto de paisagismo que estava sendo concluído no bar. Seu gerente já a esperava: Conhecia o humor de Edilene quando alguém se atrasava.

— Bom dia chefe. — Falou o rapaz de na casa dos trinta anos entrando no carro.

— Bom dia, Giovanni. Dormiu bem?

— Um pouco, né?!

— Hoje à noite você dorme — respondeu Edilene sorrindo. — Você entrou em contato com os fornecedores?

— Tudo certo: As bebidas vão chegar amanhã à tarde e os produtos de limpeza na quarta. Já os perecíveis só na quinta. Simone vai nos encontrar onde?

— Na loja mesmo. Ela sempre compra as plantas dos projetos dela no mesmo lugar. Ela me garantiu que o preço do cara é bom.

— Vamos ver... Temos uma reserva grande pra sexta. Recebi no e-mail hoje.

— Tem nomes?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Um grupo de vinte pessoas de São Paulo. Pelo que foi explicado se trata de uma despedida. Uma garota vai morar no exterior.

— Alguma filhinha de papai...

— Com certeza. Viajar mais de quatrocentos quilômetros por causa de uma festinha com os amigos é muito, não é?

— Ainda bem que vão viajar, melhor pra nós. Me mantenha informada dessa reserva.

— Pode deixar. Vou ligar pra secretaria dela hoje.

— Ótimo!

— E a Li? Não a vi no bar ontem.

— Ela tinha um projeto da faculdade pra entregar hoje. Tinha que terminar algumas coisas.

— Vai vê-la hoje? Fala pra ela que eu não consegui gravar o pendrive, mas assim que eu conseguir vou te entregar e você dá pra ela.

— Não sei se vou me encontrar com ela hoje, mas eu digo sim. To querendo um pouquinho de paz.

— Por que você não termina com ela? Liliane é tão gente boa e gosta realmente de você. Vai acabar machucando-a.

— O que foi isso? — perguntou Edilene arqueando uma sobrancelha. — Você gerencia meu bar não vinha vida.

PERIGOSAS ACHERON

— É a verdade — respondeu Giovanni que nunca se intimidara com Edilene. — Você ainda ama aquela garota de São Paulo que me contou, não é? Você tem que virar essa página na sua vida. Deixar a vida acontecer novamente.

— Eu já virei. Se você soubesse da missa a metade não iria falar isso.

— Me conta, o caminho é longo.

— Acabou. Apaguei da minha mente.

— Se percebe.

— E as suas garotas?

— Espalhadas pelo mundo.

— Ainda bem que você não pode falar nada de mim, não é?

— Nunca prometi relacionamento pra nenhuma.

— Nem eu prometi relacionamento para a Li.

— Mas ela está criando expectativas. Ela me contou...

Edilene se limitou a olhá-lo enquanto Giovanni descrevia o quanto Liliane estava apostando no namoro das duas. Não tinha como explicar a ele que não podia amar outra pessoa que não fosse Carol.

Carol ouvia o que Luciana dizia sem

demonstrar nenhuma emoção. Estava acostumada a mascarar suas reações, exatamente como fazia naquele momento. Ela andava de um lado para outro na sua frente ora excitada pela novidade, ora nervosa pelo que ela significava.

— Carol tem noção do que isso representa no meu currículo? É uma das melhores escolas da Inglaterra e o curso vai aprimorar muito meus conhecimentos.

— Foi seu pai que conseguiu a vaga?

— Ele tem amigos lá do tempo em que ele fez um mestrado

Carol se encostou no sofá cruzando as pernas, olhando para o lado. Finalmente o velho tinha conseguido uma maneira de separá-las sem deixar claro a Luciana que ele desaprovava o relacionamento das duas. Coisa que ele tinha feito questão de deixar claro pra ela. A ingenuidade da garota loira impedia que ela visse isso com clareza, mas não a culpava: ele tinha acertado um ponto fraco nela e o prêmio era realmente recompensador.

— ...Mas se você acha que eu não devo ir é só me dizer que dispenso a bolsa agora mesmo!

— Eu jamais vou interferir na sua vida para te atrapalhar. Essa oportunidade pode ser única e eu

PERIGOSAS NACIONAIS

quero que você vá sim e quero que seja a melhor da turma. Não menos que isso.

— Vamos continuar namorando do mesmo jeito. A diferença é que vai ser a distância.

— Vem cá — falou Carol pegando a mão de Luciana a sentando no seu colo. — Você vai ficar dois anos fora e para que tenha um bom aproveitamento vai ter que estudar finais de semana e feriados. Vamos ter apenas uma oportunidade de nos vermos dentro desse período nas suas férias de julho. O que eu quero dizer é que não quero que se prenda a mim. Vamos nos falar todo dia, com certeza, mas eu prefiro que nosso relacionamento seja aberto nesse tempo para que não haja acusações depois.

— Eu não tenho a intenção de me envolver com alguém lá e espero que você não tenha aqui então pra que...

— Eu acredito em você e pode ter certeza que não vou fazer isso aqui, mas eu sei que muita coisa acontece pode acontecer nesse período. Nada vai mudar entre nós, Sua aliança vai ficar no mesmo lugar em que você colocou e eu não quero te perder. Só que pra isso eu vou ter que te libertar por um tempo. Você entende não é?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quando eu voltar vamos nos casar!

— Tecnicamente já somos casadas.

— De verdade, no papel.

— Vai passar mais rápido do que você imagina — falou Carol colocando as pernas de Luciana ao seu redor.

— Eu realmente espero que sim! Vou morrer de saudades! Mas você ainda não me convenceu desse negócio de relacionamento aberto!

— Ainda não? Então vou ter que apelar para outros modos — Carol buscou sua boca para um beijo ao mesmo tempo em que desabotoava a calça que Luciana usava masturbando-a

— Eu não posso ter um relacionamento aberto. Não vou suportar a ideia de você tocar outra mulher assim...

— Eu não vou. Também não suporto a ideia de outra pessoa te tocando.

Carol levantou do tapete respirando fundo olhando Luciana que continuava jogada entre as almofadas se recuperando do ato sexual. Andou até o banheiro e parou na frente do espelho encarando os próprios olhos. A viagem não poderia ter vindo em melhor hora: pensava que com o tempo poderia amar Luciana da mesma forma como era amada por ela,

PERIGOSAS ACHERON

mas fora uma tentativa em vão. Por mais que se esforçasse era impossível esquecer Leona: seu coração ainda pertencia a um fantasma do passado. Mesmo depois de um ano era como se tudo tivesse acontecido no dia anterior. Trabalhava em escritório de publicidade, apresentada por uma colega do curso, e fazia a faculdade no período da noite, mas mesmo com todos os horários ocupados Leona ainda achava tempo de aparecer em seus sonhos. Com Luciana longe se dedicaria ao máximo aos estudos e trabalho esquecendo sua vida pessoal por um tempo, talvez assim conseguisse esquecê-la e deixar o caminho livre para amar a garota que tinha ficado o tempo todo do seu lado.

A despedida fora marcada para as onze horas em um barzinho no Rio de Janeiro. Luciana adorava a cidade e o feriado prolongado havia ajudado para que um grupo de amigos se juntasse para fazer baderna na cidade maravilhosa. Carol já tinha estado algumas vezes na capital carioca junto com Lú, mas sempre era uma nova experiência passear por aquelas ruas. A secretaria do escritório onde Luciana trabalhava já havia marcado tudo e bastava dar o nome na porta para ser encaminhados para as mesas reservadas para eles. Carol desceu do carro

sentindo a brisa quente da noite. Passou a mão na cintura de Luciana e caminharam para a entrada do barzinho, que parecia cheio. Uma bela garota ruiva os acompanhou até a mesa, entregando o cardápio. Depois de várias garrafas de cerveja, drinks e muita diversão, Carol percebeu algo diferente no comportamento das garçonetes. Todas passaram a encará-la e ela podia jurar que cochichavam a seu respeito. “Acho que já bebi demais” pensou se levantando, indo em direção ao banheiro. Teve um vislumbre de uma mulher queimada de sol com o cabelo castanho escuro, ela lhe pareceu familiar, mas como estava de costa não soube precisar.

Edilene cuidava para que tudo saísse perfeito. Os pedidos tinham que ser atendidos de imediato e as mesas tinham que ficar sempre cheias. Liliane, que dividia sua cama há dois meses, estava sentada no balcão bebendo junto com um colega de faculdade. Deu um beijo nela e se adiantou para receber o barulhento grupo de São Paulo. Mais dez pessoas haviam sido confirmadas de última hora e tiveram que mudar toda a disposição das mesas, mas no final seria recompensador, pelo menos pela base de gasto que, com certeza, o grupo teria. Andou até a recepção e estancou perdendo o chão

por um momento: Carol estava parada abraçada com Luciana rindo com os outros. Se escondeu atrás de uma coluna e chamou Priscila para recebê-los. Observou enquanto se acomodavam ainda em choque pela surpresa. A última pessoa que esperava ver sentada no seu bar era Caro, que estava mais linda do que se lembrava. Os cabelos negros antes sem vida pelas condições do presídio caíam em uma magnífica cascata acima da cintura. Os olhos continuavam intensos tal como conhecera. Por diversas vezes viu elas se beijando e a aliança que usavam. Só voltou o foco ao que acontecia, quando uma das suas garotas chamou sua atenção por estar parada na saída da cozinha, atrapalhando o trabalho de todos. Andou até o balcão e ficou em um ponto escondido. Vê-la novamente era ter a certeza que nada havia mudado no seu sentimento e o calor que sentia por dentro confirmava isso, mas se viu sem coragem de chegar perto afinal quem a tinha abandonado em um presídio, sem ao menos visitá-la, fora ela.

— Giovanni! — chamou seu gerente. — De as boas vindas da casa para o pessoal de São Paulo.

— Você disse que ia fazer isso pessoalmente. Algum problema?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Carolina da lista é Carol.

— A garota de São Paulo?

— Essa mesma!

— Me aponta ela pediu, se virando para o grupo.

— A morena que está usando o tomara que caia preto com a loira a tira-colo.

— Caramba! Ela é muito bonita! Que mundo pequeno, não acha?

— Muito por sinal!

— Será que foi armado?

— Não tinha como ela saber onde eu estava. Quebra essa por mim?

— Claro, chefe.

Levou menos de dez minutos para que todos os funcionários do bar soubessem quem era Carol e por que tudo tinha que ser feito para mantê-la afastada de Edilene.

Carol lavou as mãos e voltou para o salão passando no balcão antes para pedir uma água e uma coca. A mulher que vira, estava de costas mexendo no freezer.

— Moça! – chamou a mulher que não se mexeu um milímetro. – Ei moça...

Uma das garotas se adiantou para atendê-la.

— Qual o problema dela? – perguntou contrariada

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vai congelar a cabeça aí dentro meu anjo — finalizou provocando. Há muito não levava desaforo pra casa.

Edilene respirou fundo e se afastou do refrigerador ainda com as mãos apoiada na porta. Por mais que quisesse evitar, a hora era inevitável. Se virou encarando os olhos que se arregalaram em surpresa, mas rapidamente uma escuridão tomou conta deles revelando que não vinha boa coisa. Carol fitou os olhos verdes que a encaravam. Ela podia ter mudado tudo na aparência com os cabelos curtos, escuros, rebeldes e a pele queimada de sol, mas os olhos misteriosos e sedutores, que tinham um enorme poder sobre ela, continuavam os mesmos e a intensidade com que a encarava também. Prendeu a respiração olhando os indícios de emoção que Leona não conseguia esconder. Não souberam precisar quanto tempo ficaram se encarando, Cada uma com muitas perguntas sem respostas e sem coragem de querer saber a resposta.

— Leona...

— Carol... Quanto tempo!

— Muita coincidência eu parar no mesmo bar que você em um lugar longe o suficiente de São Paulo. Isso foi alguma armação?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não. Não foi.

— Uma brincadeira de mau gosto do destino? – perguntou deixando a raiva tomar conta do seu olhar.

— Por que, Leona? Só me responde, por quê?!

— Eu não sou mais Leona. Aposentei ela.

— Foi isso então – Carol deu um sorriso incrédulo.
– Felicidades!

Carol fez menção de se afastar para mesa, mas Edilene a seguiu contornando o balcão. Não iria deixa-la ir mais uma vez.

— Eu nunca te esqueci, Carol. Não passou um dia sem que eu não me lembrasse de você!

— Jura? Não foi o que me pareceu nos últimos doze meses! Eu passei três meses contando os finais de semana, esperando uma pessoa que nunca veio! Quer saber? A Carol com quem você brincou não existe mais! Ela morreu dentro daquele inferno!

— Eu não podia voltar lá! Você sabe sob que circunstancias eu sai. Foram dez anos. Jurei que nunca mais colocaria os pés dentro de um presídio novamente, mas eu voltei no dia que você saiu... Eu vi você com sua namorada...

— Mulher – corrigiu Carol de pirraça

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Com Luciana. Eu perdi o chão!

— Como você acha que eu me senti? Você tem noção do quanto me fez mal? Eu me senti um nada! Um brinquedo! Mas quer saber? Foi bom, foi ótimo porque me ensinou a nunca mais me entregar totalmente a uma pessoa como eu me entreguei a você, de corpo e alma!

Carol se virou para a mesa onde todos olhavam intrigados a discussão que acontecia no meio do salão. Luciana viu a raiva que Carol ostentava no rosto antes que Leona a puxasse pelo braço, beijando sua boca.

Como em um flashback Carol se viu debatendo nos braços de Leona mais uma vez. A força com que ela prendia seus braços nas costas e a fúria dos lábios que esmagavam os seus a levou para as paredes frias de concreto do presídio novamente.

— Me solta Leona! — Falou entre os dentes. — Eu vou chamar a segurança!

— Mia, Gatinha! São todos meus funcionários!

— Achei que tinha aposentado a Leona — respondeu Carol, forçando sua saída novamente. Conseguiu se livrar os braços da morena com um empurrão. — Nunca mais me toque novamente! Nunca mais chegue perto de mim ou de Luciana!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Carol passou rapidamente pela mesa, pegando a bolsa e puxando Luciana para fora pelo braço.

— Você está louca da cabeça fazer isso no meio do salão? – exclamou

— Essa é a minha Carol, cara! Tenho certeza que ela vai ser minha!

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 36

Carol andou furiosa por várias quadras com Luciana em seu encalço. Encontrou a praia e tirou a sandália jogando-a longe chutando areia descarregando sua fúria. Leona ainda exercia o mesmo poder sobre ela e isso a tirava do sério. Beijá-la novamente era como provar o gosto do proibido, uma volta em um paraíso de desejo e riscos, mas por que cargas d'água tinha ido parar no bar justo dela com tantos botecos no mundo? Se perguntava repetidamente. Por que quando tudo entrava no eixo alguém vinha e desarrumava tudo? — Você sabia que o bar era dela? — Perguntou nervosa para Luciana que a olhava assustada. — Não! Claro que não! Se soubesse jamais teria concordado em vir. — Respondeu tensa. Nunca tinha visto Carol tão nervosa como naquele

momento.

— Não mente pra mim, Luciana!

— Eu não estou mentindo pra você! Acha que eu queria estragar minha noite desse jeito? Principalmente com você sabendo onde Leona está agora que vou viajar?!

— Por que eu fui encontrar ela de novo? Por quê?! Estava tudo tão perfeito! Tão certinho!

— Carol foi apenas um encontro casual! Por que ficar tão nervosa?!

Carol se limitou a olhá-la sem resposta. Não sabia responder nem a si mesma. Não tinha como transformar em palavras tudo o que a simples presença de Leona causava na sua mente e coração. Tirou a calça e entrou no mar somente de calcinha e blusinha. A água gelada batia em seu corpo deixando a pele rígida, mas tudo o que ela queria era se livrar do ódio que sentia naquele momento. Saiu dez minutos depois, tremendo de frio e foram para o hotel. Luciana se manteve calada durante todo o trajeto e Carol não fez questão de puxar assunto: estava imersa em seus próprios pensamentos. Ao chegar no quarto foi direto tomar uma ducha quente para relaxar, mas quando saiu do banheiro outra prova a esperava. Luciana sentada

PERIGOSAS NACIONAIS

no chão, nos pés da cama, deixava as lágrimas banharem o seu rosto.

— Lu, desculpa por hoje! Eu não sei onde eu estava com a cabeça!

— Eu sei. É tão claro Carol, eu não quis enxergar!

— Lu...

— Eu estava pensando na última hora, em que você se manteve em silêncio, a respeito do que aconteceu... Você ainda a ama, não é?

— Lú, eu não...

— A verdade, Carol! Não mente pra mim!

— Eu ainda não consegui esquecê-la, mas vou! Eu quero você, não ela! Eu amo você!

— Eu acredito sim que você me ame, mas não é um amor como você sente por ela. Somos amigas companheiras, mas não amantes. Não da forma como você a ama com desejo e tesão.

— Lú para! Ela é meu passado! Nada mais!

— Você tinha que ver a forma como você ficou transtornada pelo beijo no bar! Foi tão obvio pra qualquer um que estava ali o quanto vocês ainda são ligadas uma na outra!

— Eu já falei que ela pertence ao passado. Meu presente e meu futuro é você!

— O presente pode até ser, mas me diga que futuro

PERIGOSAS ACHERON

você vê na nossa relação? Eu não quero você me amando pensando nela... Eu não quero competir com o passado. Você me disse, há uma semana atrás, que precisava me libertar para ter certeza que eu voltaria pra você. Eu preciso te libertar também, mas eu tenho certeza que você não vai voltar pra mim.

— Lú, por favor, não faz isso!

— Essa viagem vai ser ótima tanto pra mim quanto pra você. Eu quero terminar. Nada de relacionamento aberto.

— Lú não... Por favor, não — falou Carol se ajoelhando na sua frente. — Eu não quero ficar sem você...

— Você não vai ficar se não quiser, mas eu preciso de um tempo pra mim. Eu preciso pensar em tudo o que eu vi hoje e eu quero usar o tempo que vou ficar na Inglaterra pra isso.

— Não foi nada demais que aconteceu hoje Lú! Que droga! Não deixa Leona atrapalhar nossa vida!

— Como não foi nada? Ela te agarra, te beija e você fica transtornada de uma forma que nunca vi na minha vida, por causa de algo que você mesma diz que não é nada?! Vê como é contraditório o que você diz! Eu te conheço o suficiente para afirmar

que você não se importa e nem dá atenção a coisas que não são importantes pra você, mas o que eu vi hoje foi uma erupção de emoções! Todas muito fortes pra eu poder competir! É uma guerra perdida! Você ainda é apaixonada por ela!

— Ok. Você venceu. Eu ainda sou apaixonada por ela. Só que eu não quero ela. Eu quero você...

— Eu não posso mais ser seu escape, Carol. Teve uma época que eu acreditei que eu te tinha por inteira. Já faz mais de um ano que eu espero o dia que você vai me amar, mas de repente eu tive a certeza que esse dia nunca vai chegar. É minha decisão Carol. Não tem volta. Eu demorei demais pra chegar a essa conclusão, mas agora é definitivo: Eu não quero mais te prender a mim. Vai ser doloroso de início, mas depois vamos ver que foi a decisão mais acertada.

— Fale por você! Não é isso que eu penso.

— Eu vou dormir no quarto das meninas – falou Luciana se levantando enxugando as lágrimas com o dorso da mão. – Agora pensa direitinho em tudo o que você me disse: São realmente certezas do seu coração ou é apenas o calor do momento? Você tem até segunda pra me dizer.

Carol ficou olhando Luciana que saía do quarto

deixando a pergunta no ar. Colocou uma roupa e saiu para dar uma volta para arejar a cabeça. A praia naquela hora da madrugada estava quase deserta. Andou sem rumo, deixando a mente vagar. A pergunta que Luciana fizera tinha todo o sentido: Estava disposta a deixar a mulher por quem era apaixonada por uma garota que amava como uma amiga insubstituível? Era possível viver com Leona se entregando aos delírios do corpo sem um futuro ou Luciana era a escolha mais acertada com um amor estável e sem riscos? Deitou na areia observando as estrelas que pareciam sorrir a anos-luz de distância. Queria estar no lugar delas, olhando tudo do alto, como um filme com personagens estranhas. Tinha magoado Luciana e isso doía muito mais do que imaginava, mas do outro lado dessa dor estava Leona com um mundo de desejo e perigo no olhar sedutor. Estava com raiva de si mesma por não conseguir controlar seu coração. Raiva do seu coração querer uma pessoa que não merecia um minuto da sua atenção e, mais ainda, por que não conseguia fazer com que ele deixasse Luciana fazer moradia deixando-a escorrer pelos seus dedos. Voltou a se sentar em posição de lótus fazendo uma prece ao sol que nascia em todo

o seu esplendor, trazendo serenidade aos seus pensamentos, raciocinando com clareza. A cidade acordou e a praia se movimentou com os esportistas matinais. Junto com eles uma certeza do que faria e, de que seu destino, seria traçado por ela mesma.

Luciana passou o resto da noite em claro. As seis da manhã voltou para o quarto que compartilhava com Carol, mas não a encontrou. Deitou na cama assistindo o nascer do sol pela janela e somente depois das nove da manhã ouviu a porta do quarto se abrindo. Fingiu que dormia ao sentir o perfume de Carol se aproximar e suas mãos acariciar seus cabelos. Só abriu os olhos quando ouviu o barulho do chuveiro. Sem conseguir aguentar, foi até a porta aberta que revelava o belo corpo moreno embaixo da água. Não tinha mais lágrimas para derramar então se limitou a olhá-la e sorrir.

— Bom dia – falou assustando Carol.

— Bom dia linda. Te acordei?

— Tá tudo bem. Consegui dormir um pouco.

— Quer vir me fazer companhia?

— Eu vou terminar de arrumar as bolsas para irmos para Búzios – falou Luciana, dando as costas.

— Eu não vou seguir viagem – esclareceu

PERIGOSAS NACIONAIS

Carol.

— Carol...

— Eu pensei muito em tudo o que você me disse e eu não quero, nem posso te enganar, me enganar... Não seria justo ficar com você pensando em outra mulher. Não é justo com ninguém.

— Carol eu...

— Você vai ficar pra sempre no lugar mais especial do meu coração e eu quero muito que continuemos amigas... Se você me aceitar claro.

— Eu não posso ser somente amiga da mulher que eu amo. Talvez com o tempo, mas nesse momento não.

— Eu quero que você seja a pessoa mais feliz desse mundo de todo o meu coração. Você vai encontrar alguém que saiba te dar o valor que você realmente merece.

— Você foi a única mulher... não vai ter outra. Pude comprovar isso com Roseli.

— Que seja um cara, então, e que ele saiba o quanto você é especial e maravilhosa. Eu sinto muito.

— Não sinta. Você já sofreu muito nessa vida. A única coisa que eu posso te desejar é a felicidade! Luciana e Carol se abraçaram em um silêncio de

PERIGOSAS ACHERON

despedida. As lágrimas teimavam em escapar dos seus olhos. Deram um último beijo, encerrando o ciclo. Carol tinha certeza que tinha acabado de cometer uma loucura, mas o que seria da vida sem as loucuras? Se perguntava. Um mundo previsível e racional e ela sabia que tudo na sua vida era imprevisível e irracional. Era movida a aventura e desafios: Iria atrás de seu combustível.

Edilene estava sentada no escritório nos fundos do bar quando uma garçonete veio avisar que alguém queria vê-la. Pediu para que a pessoa entrasse, contrariada por ela não perguntar o nome. Esperava que não fosse Liliane, pois esta a tinha tirado do sério no dia anterior com cobranças pelo ocorrido. Passou o resto da noite e o dia inteiro de molho pensando no que faria. Tinha decidido voltar para São Paulo na segunda, pois sabia onde encontraria a mulher que não saía da sua cabeça. Levantou os olhos ao ouvir a porta se abrindo. Carol entrou junto com Giovanni que acompanhou para separar qualquer briga que houvesse. Dispensou-o sorrindo. Ia ser bem mais fácil do que imaginava.

— Carol...

— Boa noite, Edilene.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não achei que fosse te encontrar tão cedo, não depois do que me falou ontem.

— Você ainda me quer? – perguntou ignorando o que Leona havia dito e dando a volta na mesa.

— Eu amo você Carol! Sempre vou te querer!

— Sabe que vai ter que ser merecedora, não é? – continuou se sentando na mesa a sua frente.

— Eu faço tudo para ter você!

— Vai ter que me provar – Falou colocando os pés no repouso de braço encaixando Leona no meio das suas pernas.

— Basta me dizer como...

Carol jogou o corpo para frente, sentando no colo de Leona e beijando sua boca distraíndo-a enquanto tirava uma algema do bolso detrás da calça, levando suas mãos para trás prendendo os pulsos. Se levantou e começou a desabotoar a camisa.

— Hum... Minha gata selvagem voltou! Sou toda sua agora! Volta pro meu colo.

— Pra que a pressa? Não se recupera um ano em dez minutos.

— Não. Não se recupera, mas pra que adiar mais?

— Pra você ter a noção de como é estar de mãos atadas sem poder fazer nada – continuou Carol jogando a camisa no chão. O corpete vermelho com

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

transparências ficou todo a mostra fazendo Leona dar um risinho malicioso pelo que viria a seguir. — Quer me tocar?

— Pode me torturar... Eu mereço...

— Eu adoraria sentir suas mãos tirando a minha calça, mas vou ter que fazer isso eu mesma.

— Me solta e eu faço tudo o que você quiser!

— Por que a pressa?— perguntou deixando a peça se juntar com a camisa no chão revelando a cinta-liga que usava com um fio dental. — Se lembra da última vez que tocou esse corpo? Lembra da última vez que sua língua passeou por ele todo? — continuou voltando a se sentar no seu colo — Ainda não ouvi você pedir.

— Me solta... Deixa eu refrescar a memória e eu te mostro...

— Se eu te soltar vai acabar a graça!

— Me solta caralho...

— Não vai conseguir nada sendo uma menina má!

— Com um sorriso enigmático, Carol tocou o próprio sexo fazendo Leona se debater pra frente, tentando se soltar. Levou a mão a sua boca.

— Sente...

— Você é deliciosa! — falou chupando o dedo que Carol lhe oferecia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sem nenhuma coerência Carol se levantou pegando suas roupas no chão deixando Leona com um ponto de interrogação.

— Qual é, Carol? O que você está fazendo?

— Você não acreditou que seria realmente fácil assim, não é? Eu não confio mais em você!

— Para de palhaçada! Me solta e eu te mostro como posso ser de confiança!

— Você é muito inteligente, Leona, não me decepcione desse jeito. Se você me ama como diz, vai saber onde me encontrar – falou Carol indo para a porta se virando para vestir a calça e a camisa. — E tem mais duas coisas: A mulher que me provou de todas as formas como me ama está saindo do país na segunda. Me prove que eu não fiz a maior burrice da minha vida e francamente, essa historinha de Edilene é medonha! Eu me apaixonei pela Leona, eu quero ela.

Carol abriu a porta e saiu, fechando atrás de si. Parou para abotoar a camisa enquanto escutava, com um sorriso de triunfo, os palavrões que Leona gritava. Saiu do bar e entrou em um taxi, de alma lavada. Agora só teria que esperar ela aparecer em São Paulo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 37

Leona saiu do aeroporto e pegou um táxi em direção ao ABC paulista. Depois de tanto tempo, São Paulo parecia que não tinha saído da sua vida em nenhum momento. Durante a viagem de quarenta minutos repassou tudo o que faria: o primeiro ponto era descobrir onde Carol morava. Já sabia onde era o escritório que trabalhava e a faculdade onde estudava, mas não podia abordá-la em nenhum desses lugares: Não depois de ficar presa em uma cadeira doida de tesão. O carro parou na frente de um prédio espelhado e Leona saiu, ficando do outro lado da rua, observando as pessoas que entravam e saiam. Teria que esperar até o final da tarde quando Carol iria embora. Se ela não fosse direto para casa, ainda teria que esperar ela sair da

PERIGOSAS ACHERON

faculdade a noite. O relógio marcou cinco da tarde quando viu a morena acompanhada de um cara, dando um beijo nele de despedida.

Carol estava atrasada para a aula, mas tinha que passar em casa antes de ir para o curso. Tinha esquecido um trabalho que era para entregar naquela noite e não podia faltar. Estava à beira de uma DP e a nota era essencial. Não podia se dar ao luxo de contar com a bondade alheia. Entrou no prédio e cumprimentou seu Edivaldo o porteiro do período da noite e entrou no elevador procurando as chaves na bolsa. Entrou no apartamento e foi até o quarto pegar o trabalho. Estava se preparando para sair quando ouviu alguém bater na porta. Deduziu ser algum vizinho, já que o porteiro não havia anunciado ninguém. Sentiu um frio percorrer toda sua espinha ao ver Leona encarando-a com um olhar penetrante.

— Como você entrou aqui? – perguntou surpresa.

— Eu já entrei em bancos. Seu prédio é fícinha! – respondeu Leona, com o braço apoiado no batente da porta.

Carol sorriu, jogando a bolsa no sofá. Lá se ia seu trabalho de faculdade.

— Demorou três dias. Hoje já é terça-feira.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu só vim ontem. Não podia deixar o bar e, além do mais, tive que descobrir onde você morava.

— E como fez isso?

— Não posso te contar meus truques. Não seria justo.

— E o que seria justo? – perguntou Carol puxando Leona para dentro e fechando a porta em seguida.

— Sabe quanto tempo eu levei presa naquela cadeira? Tem noção do quanto eu gritei pra alguém me tirar de lá? - falou Leona, enlaçando sua cintura com os braços. – Sem contar que tiveram que cortar aquela porcaria.

— Jura? – Carol riu. – A cena devia ter sido hilária.

— Você gosta de brincar com fogo, não é?

— Um pouquinho – assentiu a morena dando um beijo no seu queixo. – O que você vai fazer?

— Te amarrar na cama tirar toda sua roupa e te chupar inteira até ouvir você implorando que quer gozar!

— Uau! Sua proposta é muito atraente! Eu vou tomar um banho.

— Quer minha companhia?

— Adoraria – respondeu, completamente desarmada.

PERIGOSAS ACHERON

Carol se deixou levar pelas carícias que Leona fazia em seu corpo com mãos e boca. Era como se visse o mundo com clareza pela primeira vez, sem nada a esconder nem mentir. Era somente a garota Carolina, com uma infância em uma favela e a adolescência em uma Fundação. Era sua vida e Leona sabia de cada detalhe que compunham seu caráter e era maravilhoso poder compartilhar isso com alguém. Desligou o chuveiro e puxou-a pela mão para a cama. Fechou os olhos e se deixou levar pelas emoções que a morena lhe despertava. Era o momento mágico da sua existência, o encontro do céu e da terra e somente duas pessoas eram importantes

Leona virou Carol de um lado para o outro, explorando seus pontos certos que ela já conhecia muito bem. Ter aquele corpo longe de uma cama desconfortável e nojenta do presídio era ter uma outra dimensão do que era amar o corpo moreno sem limites, sem medo de ser feliz ou de se envergonhar por algo. Eram somente as duas num êxtase alucinante de excitação. A união dos corpos revelava que haviam sido feitas uma para outra e que nada no mundo poderiam separá-las novamente. Por mais que os gênios fossem

diferentes e as opiniões também, uma contribuía para completar a outra em um círculo completo.

O dia amanheceu com pássaros cantando na janela do apartamento. Pelo menos foi essa visão que Carol tinha do dia chuvoso. Tudo estava perfeito e nada do mundo exterior fazia sentido. Olhou para Leona adormecida do seu lado e colocou um roupão saindo para preparar o café. Assim que retornou ao quarto não a encontrou na cama. Quando deu meia volta para sair viu ela parada na porta com uma rosa na mão.

— Você foi a coisa mais importante que aconteceu na minha. Nunca poderia imagina que, com meus quarenta anos, encontraria o amor em uma mulher quinze anos mais nova que eu... Eu te amo tanto! Fica comigo?

— Sempre! – sorriu Carol com os olhos marejados.

– Pra sempre! Eu amo você!

— Eu vou fazer o impossível para nunca te magoar! Nunca mais vou te abandonar.

Carol a beijou em resposta. Tinha convicção de que a vida tinha entrado nos eixos.

Carol entrou no Heliópolis com um filme rodando na sua cabeça. Revia em todos os rostos um retrato que um dia fora seu. Caminhou entre as

ruas observando as crianças que brincavam de um lado para o outro, tal como fizera. As meninas iludidas pelos garotos do tráfico, assim como fora, e as mães que trabalhavam o dia inteiro sem ter noção do que acontecia dentro dos próprios lares, como havia sido com ela. Tudo naquele lugar lhe lembrava sua vida inteira, era como se tudo não tivesse passado de um filme de terror, mas as cicatrizes que carregava deixavam claro que tudo fora real. Uma cruel realidade que se repete em vários lares brasileiros, não da mesma forma, mas com o mesmo significado, com a mesma avassaladora destruição. Poucos são os que conseguem dar a volta por cima e se reestruturar novamente. Muitos voltam para o mundo do crime e se nunca tiveram participação dessa sujeira passam a ter, não por opção própria, mas forçados por um governo que não tem nenhum sistema de recuperação decente para essa juventude. Uma selva urbana com leões e cordeiros, mas para quem vive em cima das árvores, e não olha para baixo, não há riscos. Carol havia subido do chão para a copa da árvore mais alta, mas jamais esqueceria de onde viera e para onde iria e o que não iria fazer da sua própria existência. Entrou no bar de seu

Roberval e colocou o cordão em cima do balcão, com os olhos cheios de carinho. Naquele mesmo lugar havia desistido de viver e ali recebera forças para levantar a cabeça e seguir adiante. O senhor, que a olhava com orgulho, acenou com a cabeça em sinal de concordância: Ele sabia que estava diante de uma vencedora.

Luciana se mudou de vez para a Inglaterra, onde se casou com um importante executivo holandês totalmente apaixonado por ela. Tiveram quatro filhos e hoje vivem em uma cidade a oitenta quilômetros de Amsterdã.

Roberta foi libertada depois de cumprir sua pena e dirige uma ONG para recuperação de mulheres que já passaram pela prisão na capital paulista. Virou melhor amiga de Leona.

Seu Roberval morreu oito meses depois de receber o cordão de volta das mãos de Carol, vítima de um aneurisma cerebral. Em sua sepultura foi escrito a seguinte frase: Um marido exemplar e um pai amoroso.

Roseli mudou seu escritório para Salvador e

PERIGOSAS NACIONAIS

aproveita, todo ano, o melhor carnaval do mundo ao lado de sua esposa.

Leona abriu mais duas filiais do bar que se tornou reduto do público LGBT. Administra pessoalmente a loja de São Paulo. O crime ficou pra trás, mas a adrenalina do perigo continua alimentando suas veias toda vez que faz alguma coisa para contrariar Carol.

Carol concluiu a faculdade de publicidade e se especializou na área. Atualmente estuda uma proposta de uma grande empresa de publicidade do país para dirigir a criação. Entre todas as suas prioridades esta Leona que cada dia se mostra mais apaixonada se isso é possível. Somente deixa a velha Leona aparecer na cama, onde cada dia é uma surpresa diferente. Não existem limites para as duas. O céu é o limite.

Fim

PERIGOSAS ACHERON